



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS-PROFLETRAS

MARIA WILMA ALBUQUERQUE DA COSTA

CIDADANIA ECOLÓGICA: linguagem midiática e sustentabilidade

MAMANGUAPE
2016

MARIA WILMA ALBUQUERQUE DA COSTA

CIDADANIA ECOLÓGICA: linguagem midiática e sustentabilidade

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba, na linha da linguística aplicada e práticas docentes, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel.

C837c Costa, Maria Wilma Albuquerque da.
Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade / Maria Wilma Albuquerque da Costa.- Mamanguape, PB, 2016.
123f. : il.
Orientador: João Wandemberg Gonçalves Maciel
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCA
1. Linguagem. 2. Linguagem midiática. 3. Cidadania ecológica. 4. Produção midiática.

UFPB/BC

CDU: 800.1(043)

MARIA WILMA ALBUQUERQUE DA COSTA

CIDADANIA ECOLÓGICA: linguagem midiática e sustentabilidade

Aprovada em 30 / 11 / 2016


Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel
Orientador – UFPB/PROFLETRAS

Profª Drª Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti
Examinadora Interna – UFPB/PROFLETRAS


Prof. Dr. Henry Poncio Cruz de Oliveira
Examinador Externo – UFPB/PPGI

Aos meus pais (*in memorium*)
Maria Francisca da Costa e
Marcelino Pereira da Costa.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho, Kauê Albuquerque Rolim, guerreiro e incentivador de luta cotidiana.

Aos meus sobrinhos pelo carinho e respeito vivenciado no dia a dia.

Aos alunos que tornaram esse projeto possível e se divertiram muito apesar dos pesares. A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse sonho. Aos meus Metres que cruzaram a minha vida e por sonharem comigo. Aos meus amigos do canto coral que vibram a cada conquista. Aos meus irmãos que me perturbam, mas torcem por mim (coisas de irmão)! A todos que acreditam que a educação é possível nesse país! Ao meu professor e orientador, Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel, pela competência e responsabilidade com que desempenha as suas funções.

Aos meus amigos e amigas da minha turma do mestrado pelas horas de descontração entre as jornadas de aulas e na convivência respeitosa. À Coordenadora do programa, professora Dr^a Marluce Pereira da Silva, pelos momentos compartilhados de informações. À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Ministério da Educação) pelo investimento em um mestrado que faz jus aos professores de ensino fundamental que estão em sala de aula no nosso país.

Aos colegas da educação que bravamente vêm lutando por uma educação humanizada.

RESUMO

Este relato de experiência pedagógica trata de descrever ações interventivas e experimentais com recursos das Tecnologias da Informação e Comunicação Contemporâneas (TICC), disponíveis à comunidade escolar, utilizando-as no projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”. A aplicabilidade aconteceu em roda de diálogo com alunos do 6º ao 9º ano e objetivou-se promover uma mídia radiofônica rádio *Web-Podcast* possibilitando a expressividade espontânea dos alunos protagonistas de ações críticas e reflexivas acerca dos acontecimentos cotidianos. Programou-se recursos que possibilitaram atividades didáticas de expressividade vocal e corporal, de autoconhecimento, de integração sociocultural e de consciência ecológica e sustentabilidade no espaço em que o sujeito está inserido. Nessa perspectiva, recorreu-se aos estudos de Behrens (2013); de Moran (2013); de Brandão e Crema (1991); de Moraes (1997) e de Boff (2012). As TICC foram usadas como estímulos para o ensino-aprendizagem, como recursos facilitadores, como meio de engajamento e como meio de reflexão do uso das mídias comunicativas na convivência social. Para a compreensão do uso das novas tecnologias, tomou-se como pressupostos teóricos os postulados de Lévy (2014), de Moran (2013), de Gabriel (2014) de Santaella (2014), dentre outros. Lançou-se mão, ainda, dos pressupostos teórico-metodológicos de Freire (1996), de Gadotti (1993), de Gutierrez e Prado (2002), entre outros. Para a teoria de comunicação radiofônica, foram perscrutadas as obras de Meditsch (2005), de Tavares (2009), de Silva (2004) e vários *Sites* relacionado ao tema. Baseou-se os estudos linguísticos referentes à linguagem oral e escrita em Antunes (2003), Koch e Elias (2014) e, para o gênero textual-discursivo de esfera jornalista, Marcuschi (2008) e Baltar (2012). Evidenciou-se o processo etnográfico, com base em Fino (2008), relacionando-se aos acontecimentos observados e vividos no cotidiano da comunidade escolar, tanto pelo pesquisador como pelos alunos envolvidos nas atividades socioeducativas. O referido estudo realizou-se em uma Escola Municipal de ensino fundamental II na cidade de Santa Rita-PB. O *corpus* do trabalho está distribuído em cinco capítulos. O resultado obtido permite afirmar que o processo ensino/aprendizagem foi enriquecedor e que os procedimentos metodológicos utilizados para a realização das atividades foram divididos em pré-produção, produção e pós-produção oriunda do audiovisual, de modo que se constatou a aplicabilidade da pedagogia da autonomia Freireana em sala de aula.

Palavras-chave: Linguagem. Cidadania ecológica. Produção midiática.

RESUMEN

Este informe de experiencia en la enseñanza trata de describir las acciones de intervención y experimentales con los recursos de información contemporánea y la Comunicación (TICC) a disposición de la comunidad escolar, su uso en el proyecto de la ciudadanía ecológica: el lenguaje de los medios y la sostenibilidad. La aplicabilidad pasó diálogos y ruedas con estudiantes de 6° a 9° grado, con el objetivo de promover un podcast radioweb los medios de comunicación de radio que permite la expresividad espontánea de los alumnos protagonistas de acciones críticas y reflexiva de lo cotidiano. En él se establecen los recursos que permitieron a las actividades educativas de la expresividad vocal y física, el auto-conocimiento, la integración socio-culturales y conciencia del medio ambiente y la sostenibilidad en el espacio en el que se inserta el tema. En esta perspectiva, nos volvemos al nuevo paradigma holístico Behrens (2013); Moran (2013) Brandão y Crema (1991) Moraes (1997), Bofft (2012); El TICC se utilizaron como estímulos para la enseñanza y el aprendizaje, como recursos facilitadores como medio de compromiso y como un medio de reflexión de la utilización de los medios de comunicación en la vida social. Para la comprensión de la utilización de las nuevas tecnologías investigadas a Lévy (2014), Moran (2014), Gabriel (2014), Santaella (2014). A pesar de que usamos los supuestos teóricos y metodológicos de Freire (1996), Gadotti (1993) y Prado Gutiérrez (2002), entre otros. Para la teoría de la comunicación por radio que vimos Meditsch (2005), Tavares (2009), Silva (2004) y varios sitios relacionados con el tema. Se basó en estudios lingüísticos relacionados con la lengua oral y escrita en Antunes (2003), Koch y Elias (2014) y el textual / discursivo periodista bola de género Marcuschi (2008) y Baltar (2012). Evidenciou-si el proceso etnográfica, Fino (2008), relacionada con los eventos observados y vivido en la vida cotidiana de la comunidad escolar, tanto por parte del investigador, así como los estudiantes que participan en actividades sociales y educativas. El estudio se llevó a cabo en una Escuela Municipal de escuela primaria II en Santa Rita-PB. El trabajo del corpus se distribuye en cinco capítulos. El resultado nos permite afirmar que el proceso era más gratificante que el producto acabado final y la estrategia utilizada para llevar a cabo las actividades se dividieron en pre-producción, producción y post-producción del sector audiovisual, que fue encontrado es perfectamente apropiado pedagogía de la enseñanza la autonomía Freireana en el aula.

Palabras clave: Idioma. Ciudadanía ecológica. La producción de los medios de comunicación.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Redação do Aluno Z – O programa de rádio da minha escolha.....	58
FIGURA 2 - Relato de experiência de pesquisa 1.....	60
FIGURA 3 - Relato de experiência de pesquisa 2.....	60
FIGURA 4 - Relato de experiência de pesquisa 3.....	60
FIGURA 5 - Atividade em uma <i>Lan house</i> em Tibiri II, Santa Rita-PB.....	64

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	PANORÂMICA DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEAS – TICC	13
2.1	HIPERTRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DECORRENTE DAS TICC.....	13
2.2	TRANSMISSÃO SINCRÔNICA EM REDE ALTERA RELAÇÕES INTERPESSOAIS, EDUCACIONAIS E ÉTICA.....	17
2.2.1	A interessoalidade cotidiana derivada das TICC	17
2.2.2	O ensino-aprendizagem sofre transformações influenciadas pelas TICC	19
2.2.3	Estudos linguísticos proveniente das TICC	23
2.2.4	A nova ordem social exige um olhar mais atento aos valores ético	25
2.3	A EVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA RADIOFÔNICA E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	27
2.3.1	Brevíssima história da criação da rádio	27
2.3.2	Rádio Web-Podcast, ferramenta para cidadania	30
2.3.3	Elemento constitutivo do Podcast	31
3.	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS EDUCACIONAIS	34
3.1	HOLISMO – O PARADIGMA INTEGRANDO OS SENTIDOS.....	34
3.2	A ECOPELAGOGIA – CAMINHO DE INTEGRAÇÃO E RESGATE DO SER HUMANO COM SUA ESSÊNCIA PRIMEIRA: A NATUREZA	36
3.2	A CASA DE TODOS OS NÓS: A TERRA.....	38
3.2.2	A autolimitação do ser humano com referência à natureza	39
3.3	PEDAGOGIA DA AUTONOMIA FREIREANA	40
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
4.1	AÇÕES ETNOGRÁFICAS DA PESQUISA - NATURALIDADE, COMPREENSÃO E DESCOBERTA.....	41
4.2	RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA INSTALAÇÃO DE UMA RÁDIO ESCOLA PARA UM <i>PODCAST</i>	46
4.2.1	A pré-produção no processo de instalação da rádio escola Podcast	47
4.2.2	O processo de produção do Podcast	67
4.2.3	O processo da pós-produção- A voz do estudante Ecológico	78
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	84
	APÊNDICES	88
	ANEXOS	112

1 INTRODUÇÃO

Há muitas propostas de trabalhos escolares descritos em *blogs* na internet e que foram publicados após o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação Contemporâneas TICC. Percebemos que todos os setores da sociedade viram-se obrigados a buscar novas maneiras de comunicação. Diante dessa nova ordem social, as mudanças nas instituições de ensino são inevitáveis, necessárias e irrevogáveis. Essas transformações são exigências decorrentes das tecnologias contemporâneas usadas no cotidiano que estimulam novas habilidades e competências, além de promover aprendizagens e comunicações bastante diferentes daquelas praticadas há algumas décadas e que modificam as antigas formas de transmissão do saber.

No contexto da educação brasileira, o Ministério da Educação MEC promoveu cursos de formação para docentes de 2008 a 2010, abordando o tema das tecnologias, a exemplo o Proinfo Integrado (ALMEIDA, 2009), bem como criando programas de implantação de laboratório de informática e rádio escolas nas instituições de ensino fundamental. No entanto, muito destes materiais tecnológicos não receberam verbas para manutenção e ficaram obsoletos nas escolas, a exemplo da escola aqui relatada.

Encontramos, no Município de Santa Rita, um ambiente convidativo à pesquisa aplicada e intervencionista no tocante ao uso das TICC pelo fato de termos encontrado, em forma de sucata, um aparato radiofônico que doado pelo MEC – mídia de grande importância na formação dos cidadãos. Assim, vivenciamos a realidade dos desperdícios e do descaso com a coisa pública brasileira. A partir deste fato, pensamos e elaboramos a pesquisa voltada para uma rádio *Web-Podcast*.

Neste relato de experiência pedagógica, discorreu-se sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação contemporâneas TICC e sua importância no desenvolvimento do projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”, cujo objetivo geral foi promover uma mídia de comunicação radiofônica com a participação autônoma da comunidade escolar com vistas a traduzir, em conhecimento integrado, as necessidades educacionais e socioculturais existentes.

Reconhecemos que a nossa pesquisa adentrou em ações intervencionistas porque buscamos a transformação de uma realidade que até então não havia tido demonstração de interesse para refletir e questionar fatos corriqueiros ocorridos na comunidade. Os objetivos específicos abalizam a interatividade da pesquisa, pois estão formulados visando ações não só

para modificar a realidade vigente, mas também, tornarem mais relevantes os resultados da pesquisa com interesse prático.

Ao longo do trabalho, desenvolvemos quatro objetivos específicos: conhecer o funcionamento das mídias radiofônicas usadas na instalação de uma rádio externa à escola e, em seguida, adaptar-se à existente no espaço escolar; engajar a comunidade escolar na ação radiofônica-*Podcast*; investigar a relação entre comunidade e mídia radiofônica e eu tipos de programas que recebem a audiência na comunidade escolar; colher sugestões para a pauta da programação que deverá ir ao ar, elaborando, junto ao aluno, um roteiro escrito com uma linguagem voltada à oralidade e realizar programas de entrevistas e programas de variedades usando a mídia radiofônica – *rádioweb – Podcast*, com alunos do 6º ao 9º ano.

No segundo capítulo, têm-se uma panorâmica sobre as TICC, ressaltando alguns conceitos importantes, a saber: cibercultura, ciberespaço e hipertexto Lévy (2014); Behrens (2013), aprendizagem colaborativa paradigma emergente (Holismo); Santaella (2004), leitor imersivo; Gabriel (2013), busca digital, processo de ensino-aprendizagem, professor interface e ética; Moran (2013), relações interpessoais; Saliés e Shepherd (2013), estudo linguístico proveniente das TICC.

Ainda, reservamos as informações sobre a tecnologia radiofônica com uma brevíssima história do rádio no Brasil, relato de experiência da professora/pesquisadora como ouvinte de radiofonia, baseando-se no psiquismo do rádio e na função do rádio, de Haussein *apud* Meditsch (2005); ressaltou-se, também, a teoria do rádio de Brecht *apud* Meditsch (2005); uma perspectiva histórica do rádio no Brasil, de Tavares (2009) e, por fim, a rádio *Web-Podcast*, objeto de análise desse relato de experiência pedagógica que apresentamos como ferramenta cidadã e que foi referendado pelos estudos de Moran (2013); além de estudos de programas de gravação, *Audacity*, descrito por Baltar (2012); e, em *blogs* que trazem informações sobre modelos de laudas de apresentação de programas, de Lima (2006) e ‘Como criar e guiar o seu *Podcast*’, de Mitocôndria (2013).

Para o terceiro capítulo, trazemos os pressupostos teóricos educacionais relacionados à condução do ensino-aprendizagem dentro do novo paradigma holístico, de Behrens (2013), que dialoga com diversos autores, como Moraes (1997), Pimentel (1993), Gutiérrez (1999) e Behrens (2013) que têm pensamento comum sobre a totalidade no enfoque de aprendizagem; Também caminhamos no estudo da ecopedagogia proposta por Prado e Gutiérrez (2002); As características de uma escola cidadã, de Gadotti (1993); os conceitos das quatro ecologias, de Boff (2012); A escola da Ponte, de Alves (2003), além dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs, sobretudo, no que se refere ao meio ambiente, todos

trabalhados em dinâmicas de vivência ecológica – nos moldes do que foi proposto por Dias (2012) – e nas Dinâmicas Populares, de Pereira (1982), concluiremos este título ilustrando a pedagogia da autonomia Freireana, que representou toda a razão de ser desse relato de experiência pedagógica – visto que trabalhamos os valores propostos por este educador: respeito; conhecimento; cultura; criticidade e a formação cidadã.

Para o quarto capítulo, estabeleceram-se os procedimentos metodológicos da pesquisa guiados pelas ações etnográficas propostas por Fino (2008), sobretudo nas três acepções: naturalidade; compreensão e descoberta. Ainda colocamos os procedimentos didático-pedagógicos utilizando-se da estratégia desenvolvida nas ações do audiovisual – pré-produção, produção e pós-produção, discriminando o total de encontro para cada etapa. Para a pré-produção, tivemos dez encontros; para a produção, tivemos cinco encontros e, na fase final de pós-produção, um encontro formal e vários encontros informais; nessa fase, os encontros tornaram-se mais raros devido à paralisação dos professores da rede Municipal de ensino Fundamental da cidade de Santa Rita, *locus* do estudo em tela.

Para o quinto capítulo, resguardamos as considerações finais, no qual apresentamos as nossas conclusões acerca deste processo de ensino-aprendizagem, bem como apresentamos uma tabela relacionando, de forma resumida, alguns gêneros textuais/discursivos que foram agregados ao trabalho por necessidade de formação e informação oriunda dos participantes.

Todas as fases de pré-produção, produção e pós-produção foram constituídas de encontros promovidos pela professora/pesquisadora de língua portuguesa, nas turmas do 6º ao 9º anos, constituídos de atividades elaboradas durante a formação dos alunos – como a criação do *Podcast* – de modo que todas foram desenvolvidas em uma roda de diálogo.

No recurso midiático do *Podcast*, abrigamos ações da comunidade escolar na sua diversidade de pensamento, linguagens e informações socioculturais emanadas da integração de atores locais dispostos a expor, a discutir e a propor soluções às situações vivenciadas cotidianamente e que exigem um olhar direcionado à cidadania ecológica.

Foram trabalhadas, durante a pesquisa, as reflexões sobre a linguagem radiofônica que envolvem a oralidade e a escrita com temas bastante atuais e significativos à sociedade contemporânea que são sustentabilidade, aquilo que equilibra a convivência social em um ambiente propício à vida; cidadania respaldada na carta magna da Declaração Universal dos Direitos Humanos e, ainda, a ecologia, não só como um sistema de ciclo de vida que envolve todos os seres terrestres, mas também, convivência harmoniosa entre indivíduos nas ações coletivas.

Desta maneira, estruturamos o nosso relato de experiência pedagógica desenvolvido no projeto de pesquisa “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”, procurando nos ater a fatos e a acontecimentos emanados da comunidade escolar, localizada no bairro Tibiri II, na cidade de Santa Rita-PB, a fim de entender e propor novos caminhos à educação com utilização das TICC.

2 PANORÂMICA DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEAS – TICC

Com o advento das TICC, novas palavras são compostas com o acréscimo do radical grego hiper - (posição superior, excesso), frente à tal utilização, a impressão que se tem é de grandiosidade, mas a sensação é de encurtamento já que os significados das palavras é de agrupamento de vários conceitos em um mesmo suporte. Os novos conceitos, aqui, estudados visa entender como acontece as relações de comunicação através das redes sociais. Para compreendermos este fenômeno, faz-se necessário verificarmos alguns termos e conceitos que despontam na sociedade contemporânea a cada momento. Diante disso, discorreremos sobre alguns conceitos que consideramos essenciais para entendemos as novas relações decorrentes desse fenômeno comunicativo mundial.

2.1 HIPERTRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DECORRENTE DAS TICC

O projeto de pesquisa “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade” criou um *Podcast* na internet como ferramenta cidadã, e, como decorrência disto, fomentou-se o interesse por alguns conhecimentos relevantes para o entendimento do recurso digital, especificamente o *Podcast*, que se assemelha ao rádio, presente na internet, buscando entender novos conceitos, tais como: ciberespaço; cibercultura; hipermídia; hipertexto; hiperdocumentos e as hiperconexões, de modo que todos eles se tornaram tão necessários aos processos de ensino/aprendizagens, concretamente presentes na sociedade globalizada oriunda da nova ordem social referendada nas Tecnologias da Informação e Comunicação Contemporâneas TICC.

Desde o arcabouço do computador, a sua expansão e inovações nos dias atuais que se percebem muitas mudanças na difusão de informação nunca antes imaginável. O filósofo Lévy (2014), foi o pioneiro em discorrer sobre dois conceitos: o ciberespaço e o cibercultura, ambos importantíssimos para o entendimento dessas mudanças inerentes as invenções contemporâneas.

Para Levy (2014), o ciberespaço é um sistema aberto que possibilita criar relacionamentos independentes de espaços geográficos, no entanto, é preciso que seus usuários tenham domínio técnico do ciberespaço para ordenarem, manterem e observarem memórias comuns. Os principais elementos de comunicação que se estabelecem no ciberespaço são o ingresso a diversos computadores distantes, a transferência de dados ou

upload, a troca de mensagens, a conferência eletrônica, a integração de pesquisa, aprendizagem cooperativa, a organização de trabalhos, entre outros. Portanto, há três princípios que orientam o ciberespaço: a interconexão, a comunidade virtual e a inteligência coletiva. Também, está relacionado ao tratamento ou aos processadores que executam, com grande velocidade e de forma extremamente repetitiva, um pequeno número de operações muito simples sobre informações codificadas digitalmente.

Segundo Behrens (2013), em seu artigo “Projeto de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente”, o ciberespaço integra todos os computadores em uma rede com conteúdo acessível a todos. Nele, o usuário pode interagir com outros, fazer coisas, pode inventar, conectar-se à sala virtual. E, no nosso entendimento, as possibilidades são infinitas; desde estabelecer relações amorosas, a comprar e a vender, a organizar atos políticos etc. Os recursos disponíveis no ciberespaço permitem que o internauta amplie as suas relações em múltiplas direções. Enfim, permite acesso a informação com possibilidade de produção do conhecimento crítico e criativo. A contribuição do ciberespaço frente à divulgação do conhecimento é imensurável, pois o ambiente digital disponibilizado na internet permite acesso a museus e a bibliotecas no mundo todo, porém, não estão presentes dentro da escola do município santarritense.

A digitalização é um traço característico do ciberespaço. Com ela, podemos agregar, na mesma mídia, textos, sons, imagens, gráficos, ilustrações, características dos textos multimodais, que constituem o hipertexto disponível na rede. O hipertexto opera a virtualização do texto e revoluciona o ato de ler e de produzir textos. O leitor pode alterar *links*, adicionar, transformar textos e conectar um hiperdocumento a outro com um simples toque, quando acessível é uma ferramenta importante no processo de leitura e de escrita coletiva.

Lévy (2014), em cibercultura, afirma que quanto mais o ciberespaço se expande, mais ele se universaliza. Esse crescimento permite o surgimento da cibercultura que é uma espécie de universalidade sem comando que dá direito a todo ser humano ter acesso à rede. Isso constitui a essência da cibercultura e a consequência disso são as mudanças no sistema educativo como um todo. O autor apontou, nos seus estudos, como essas transformações têm ocorrido principalmente na relação com o saber. Essa alteração é percebida nas habilidades apreendidas, na concepção de trabalho relacionado a produzir e a transmitir conhecimento e o ciberespaço que modifica as funções cognitivas humanas: memória; imaginação; percepção e raciocínio (apud, 2014).

Na cibercultura, a simulação é uma tecnologia cerebral que amplia a capacidade cognitiva humana. Ela permite o compartilhamento e a nutrição da inteligência coletiva. A simulação auxilia vários aspectos da aprendizagem, entre eles estão a aplicação de dinâmicas complexas, a observação instantânea, a mudança de parâmetros de modelos já estabelecidos e a previsão de consequências dessas variações. Tudo isso estimula a imaginação. Essas mudanças ocorrem devido ao fato de que o conhecimento está reunido em dados abertos *on-line* em tempo real pelo mundo e simulações interativas.

É necessário entender que a inteligência coletiva “é a capacidade de criar e de desenvolver a confiança, a aptidão para tecer laços duráveis” (LÉVY, 2014, p.213). Assim sendo, o ciberespaço proporciona uma base sólida à inteligência coletiva referente ao cognitivo, ao social e à aprendizagem coletiva. Um ponto de vista que exige, dos educadores, que se reflita sobre o como as pessoas se entretêm na internet.

Lévy (2014) levanta questões referentes aos obstáculos humanos na formação de grupos comunitários, muitas vezes impedidos por instituições políticas e culturais, e a falta de competência e qualificação no uso das novas tecnologias.

Ao longo da história da humanidade, há diferentes maneiras de convivência social que são marcas pelas características específicas de cada uma delas. Na sociedade de cultura oral, convive-se em uma “totalidade sem universalidade”; a sociedade civilizada usufrui da escrita que fez surgir “o universal totalizante” e a sociedade emergente na cibercultura – apropriada pela globalização concreta das sociedades – inventa “um universal sem totalidade” (Ibidem, 2014).

O fator mais importante da cibercultura é a exposição de pensamento, é o fato de aparecer uma noção de universalidade que dissolve a totalidade, e isso pode desencadear a formação de uma única comunidade mundial mesmo que haja conflitos e desigualdades. “A cibercultura agrupa formas horizontais, simultâneas e espaciais da transmissão” (LÉVY, 2014, p.259). Desta forma, encontram-se, na cibercultura, operações que envolvem a conexão espacial proporcionando uma elaboração e uma compreensão subjacente ao significado.

Nos estudos de Santaella (2004), há uma contribuição bastante significativa para o entendimento do ciberespaço relacionado ao estado de imersão na rede e ao tipo de leitor presente na hiperconexão. O leitor imersivo está conectado em rede, lê diversos conteúdos sem ter, na base, um roteiro linear e sequencial. Há imersão tridimensional – quando a sensação é de pertencimento à realidade visual; há imersão representativa que é a telepresença, o leitor se vê representado na tela em um ambiente virtual e há imersão conectiva que só ocorre nos meios imateriais: *bits*; dados e de partícula de luz.

Para entender a hipermídia, é preciso percorrer quatro caminhos: (i) a hibridação das linguagens: signos, códigos e mídia, denominada de hipermídia, ou seja, uma enorme concentração de informação que não segue parâmetros convencionais de começo, meio e fim. Uma espécie de labirinto a ser desvendado. A flexibilidade da hipermídia pode desorientar o leitor, porque nela não há uma linearidade capaz de formar um mapa mental, por isso, é preciso encontrar sinais na *interface* que indiquem caminhos ao que se deseja; (ii) a mistura sensitiva dos receptores através da memória instalada no computador que arquiva informações de diversos formatos que podem ser modificados, transformada em diferentes versões virtuais pelos receptores coautores; (iii) o mover-se na hipermídia através de documentos, descobrindo pistas sugeridas pelos nós e com um toque digital ou mediante o manuseio de um *mouse* que permite o leitor imerso passar de um nó a outro instantaneamente e, (iv) o leitor imersivo desenvolve uma interatividade profunda decorrente da concentração, da atenção, da compreensão da informação e da interação instantânea e contínua através dos estímulos presentes na própria *WEB* (*apud*, 2004).

Neste contexto, o usuário é responsável pela sequência a seguir e pelo tempo que desejar permanecer conectado à internet – que é única e inteiramente interativa e dialógica, comparando-a com as mídias que lhe são anteriores. Pode-se afirmar que a revolução na comunicação de fato só acontece com o agrupamento das mídias arcaicas que interagem entre si desencadeando novos conceitos de hipermídia e hipertexto. Por conseguinte, o hipertexto é associado às unidades básicas de informação que são os nós expostos em uma tela; ou seja, os conhecimentos são organizados em interfaces desenhadas para determinado fim. Eles aparecem na tela do computador e se utilizam de diferentes linguagens midiáticas, formando, assim, o hipertexto que abriga informações em grupos de maneiras imprevisíveis. O *site* em *World Wide Web* (*www*) foi criado para gerar a pesquisa no hipertexto instalado na internet. Esse recurso responde e localiza informações através de palavras-chave que levam a hipertextos e, neles, é selecionado o que se deseja conhecer.

As novas tecnologias apresentam a hibridização das linguagens na hipermídia desencadeando o hipertexto ou hiperdocumento digital que, por sua vez, ativa novas habilidades cognitivas de leitura e, conseqüentemente, um novo tipo de leitor.

Para Santaella (2004), há três tipos de leitores: (i) O leitor contemplativo/meditativo – que persistiu na história da humanidade do séc. XVI até ao início do séc. XX, e se caracteriza no enraizamento a um objeto imóvel: livro; pintura; mapas; gravuras etc, a partir deles pode-se fazer inúmeras consultas, tanto quantas forem necessárias para o seu entendimento; (ii) o

leitor movente surgiu no período da revolução industrial – que irrompeu inúmeras transformações sociais, políticas e culturais, e (iii) o leitor imersivo, no século XXI.

A autora constata que há semelhanças entre os tipos de leitores, porém, o leitor imersivo apresenta mais diferenças diante de uma tela onde se podem programar leituras, encontrar novos signos sempre disponíveis e também há o risco de se perder entre eles. O leitor imersivo provoca novos olhares e exige novas habilidades, nesse sentido, Santaella assevera:

[...] não é mais tampouco um leitor contemplativo que segue as sequências de um texto [...] mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele ajudou a construir ao interagir com nós entre palavras, imagens, documentação, música, vídeos etc (SANTAELLA, 2004, p.33).

Observamos que o leitor conectado já é considerado alguém livre para interagir, modificar e propor se assim o quiser. Essa transformação de leitor receptivo para leitor conectado gera mudanças em vários setores sociais que utilizam as hiperconexões e, exigem novas relações com o saber, já que afetam, diretamente, os meios de informação, comunicação e os setores educacionais.

2.2 TRANSMISSÃO SINCRÔNICA EM REDE ALTERA RELAÇÕES INTERPESSOAIS, EDUCACIONAIS E ÉTICA

É importante esclarecer que a palavra sincronia designa comunicação instantânea, ou seja, o sujeito que se comunica com o outro sujeito deve estar sincronizado antes e durante a transmissão de informação. Investigou-se a origem da palavra síncrono e descobriu-se que o seu radical [crono] tem origem no grego e significa tempo e o prefixo [sin-], também originário do grego, com o sentido de simultaneidade, obtemos o morfema [síncrono], que quer dizer simultaneidade temporal. A troca de dados entre si e os correspondentes têm que possuir a mesma forma de retirar dados isolados ou em blocos de informação.

2.2.1 A Interpessoalidade cotidiana derivada das TICC

A possibilidade de conexão em tempo real, o tempo todo, tem mudado as relações interpessoal devido ao uso da Banda Larga de comunicação, *Wireless*, popularmente, *Wi-Fi*, e *hifene 64gb*, entre outros, conectados à internet, e permitem, aos usuários, navegarem em alta velocidade, diminuindo distâncias, mudando tradições e atitudes, alterando culturas,

quebrando fronteiras, transformado as maneiras de organização social cristalizada ao longo de séculos.

Nas TICC, podemos selecionar qualquer dado sobre milhares de coisas importantes ou não, disponibilizados nos buscadores digitais: O *Google* e O *Yahoo* entre outros. Gabriel (2013) afirma que a nossa existência, atualmente, está centralizada na busca digital e basta olharmos ao nosso redor para termos a concretude dessa afirmação. Decorrente disso, temos inúmeras alterações no comportamento humano desencadeados pelos avanços tecnológicos das últimas décadas.

Percebemos, em relação às atitudes, mudanças na forma como realizamos *Multitasking*, que é a realização de muitas coisas ao mesmo tempo; na adoção de postura autodidata e no cibridismo que é está *on-line* mesmo estando *off-line*; e ainda há os conflitos entre a geração analógica e a geração digital. Sendo esta última responsável pelas grandes mudanças até então constatadas na relação interpessoal. As redes não só mudam a maneira de comunicação interpessoal para a comunicação em massa, mas também, alteram a noção de conceito de espaço e de tempo.

Segundo Moran (2014), as tecnologias digitais móveis provocam mudanças profundas nas relações interpessoais porque a natureza humana aprende quando se estabelece o equilíbrio sensorial, o racional, o emocional, o ético, o pessoal e o social. Assim,

[...] aprendemos quando interagimos com os outros e o mundo e depois, quando interiorizamos, quando nos voltamos para dentro, fazendo nossa própria síntese, nosso reencontro do mundo exterior com nossa reelaboração pessoal [...] aprendemos, também, pelo interesse, pela motivação de alguém que nos mostra caminhos (MORAN, 2014. p.28).

De acordo com esse argumento, a relação interpessoal para acontecer passa por momento de reflexão entre o eu com o outro, entre o eu e as ideias universais, entre os estímulos recebidos ou não, por isso é uma aprendizagem de troca em uma via de mão dupla.

O processo cognitivo, também, sofre alterações com o uso das TICC, pois, embora a quantidade de informação seja avassaladora, o ser humano tem capacidades de selecionar e de filtrar a informação que quer e essa capacidade evolui paralelamente com as novas tecnologias, algo que a máquina ainda não consegue fazer.

Quanto mais tecnologias, mais evoluímos. É natural a geração digital prever transformações nas relações interpessoais com o surgimento das TICC, diferentemente, dos nossos ancestrais que não se davam conta das mudanças advindas das criações tecnológicas e de suas implicações no seu cotidiano porque as inovações demoravam a acontecer.

A relação interpessoal se realiza na rede, visto que a maioria dos usuários das TICC criam suas próprias identidades *on-line* coerentes ou não com as suas identidades *off-line*. De fato, a crescente diversidade de modelos de sociabilidade é o que determina a especificidade da evolução social na nossa sociedade.

As redes constroem-se de acordo com as escolhas e as estratégias de pessoas, grupos ou entidades que se movem na *web* de acordo com seus valores e suas conveniências, consignados em escolhas individuais ou comunitárias na diversidade de assuntos.

A criação e desenvolvimento da internet é um feito maravilhoso do ser humano. Ela mostra a capacidade das pessoas para transcender as regras institucionais, superar as barreiras burocráticas e subverter os valores estabelecidos no processo de criação de um mundo “virtual” e o que hoje chamamos de cibercultura. O mundo “virtual” se constrói em torno de um sistema de comunicação que encontra pessoas desejosas de compartilhar seus valores éticos e socioculturais. Com isso, surgem as comunidades virtuais, que são redes de sociabilidade.

As TICC permitem demonstrações de protestos de amplos setores sociais, mudanças em instituições de ensino-aprendizagem entre outros. Para Lévy (2014), a comunicação em rede acontece com a interação entre os participantes que são agentes de aperfeiçoamento do processo de comunicação e que a sua evolução acontece pela qualidade das relações estabelecidas que sirvam de alimento da coletividade presente na rede. Além disso, inovam o pensamento coletivo, permitindo o acesso ao conhecimento com mais participação dos usuários e conseqüentemente acelera o processo de transformação da sociedade. Mas isso não acontece só pela proeza da técnica em si, mas também, porque as formas de comunicação, a democracia e a transformação do ser humano sofreram modificações.

A rede intermedeia as relações entre pessoas, e do mesmo jeito que promove a solidariedade, pode causar situações de riscos coletivos e individuais e problemas com a privacidade. A única certeza que se tem é que dependemos cada vez mais das TICC e que ainda há muito a se pensar sobre ela, como diz Lévy (2014), a cibercultura está na fase infantil e as principais transformações sociais provocadas pela tecnologia ainda estão por vir.

Portanto, estamos diante de uma revolução nos padrões de relacionamento interpessoal, também, percebemos o quanto a relação professor e aluno foi alterada no cotidiano escolar e, particularmente, na escola municipal em que estamos fazendo a intervenção desse projeto.

2.2.2 O ensino-aprendizagem sofre transformações influenciadas pelas TICC

Na educação, a hiperconexão (LEVY, 2014) tem sido motivo de estudo, pois estar *on-line* é um processo social até então nunca experimentado. Esse ser *on-line* possibilita inúmeras aprendizagens fora da sala de aula, e a principal delas é a interação interpessoal proporcionada pelas redes sociais: *MSN; Facebook; blog; wiki; podcast* etc. que se encontram à disposição de docentes e discentes. Perante isso, deve-se refletir sobre o que vem a ser a Era Digital e suas consequências na educação no processo de ensino-aprendizagem que já se revelam nas salas de aulas com alunos conectados.

As instituições de ensino ainda convivem com o velho paradigma do ensino tradicional, onde o único meio de consulta são os livros, sendo esta uma condição *sine qua non* para ensinar e, o professor, é concebido como o detentor de todo o conhecimento a ser transmitido aos seus alunos, embora se mantendo indiferente ao contexto social.

No processo de ensino-aprendizagem, segundo Gabriel (2013), se faz necessário um olhar diferenciado para o conhecimento devido à rapidez de circulação da informação, instantaneamente, em várias plataformas digitais causando alterações no tempo e no espaço. As ligações entre mídias trazem a não linearidade, alterando a forma de aquisição do conteúdo e a maneira de aprender. Nesta realidade, surge a educação distributiva, fragmentada, centrada nos hipertextos, presentes nas diversas plataformas digitais que alteram substancialmente a maneira de aprender e de ensinar.

Essa não linearidade está presente na produção do hiperdocumento que, constantemente, sofre alterações por meio de consultores e produtores, exigindo-se deles as habilidades de analisar, de refletir, de validar, de selecionar, de produzir e de sintetizar por parte dos conectados quando acessam os hipertextos, favorecendo uma aprendizagem com os conteúdos ativados na transmídia. É uma educação distribuída virtualmente, voltada para uma aprendizagem em grupo colaborativo (*many-to-many*) opondo-se à aprendizagem individual que acontece no modelo *one-to-many*.

A aprendizagem ativa suscita mudanças de postura dos atores envolvidos, diretamente entre professor e aluno, no processo de ensino-aprendizagem. Gabriel (2013) informa que o professor interface é aquele que está conectado, que é formador, orientador, incentivador de pesquisa, organizador, selecionador de informação, o que extrai significados, o que reflete possíveis soluções. Ele sabe que está dentro de um contexto superlotado de informações disponíveis e que exige, dele, uma nova postura de trabalho junto aos aprendizes, que, mesmo

tendo todas as informações disponíveis, precisam ser orientados a saber como proceder diante dos conteúdos *on-line*.

Para ser um professor formador, na era digital, é preciso mudar o conceito do que é ensinar e aprender. Isso envolve ter plena consciência do que ocorre nas mídias sociais. É saber que o poder, na sociedade, tem mudado de lado e que os grandes geradores e distribuidores de informação estão na internet. É saber que o conteúdo exposto nas TICC não se sustenta por si só, que é preciso promover adaptações, definir contextos, ambientes, usabilidade e, sobretudo, a liberdade de busca.

Diante deste fato, Gabriel (2013) aponta duas habilidades inerentes ao professor-interface que foram expostas pelo Dr. Tony Wagner, codiretor do *Harvard's Changer Leadership Group*, em uma palestra: (i) responsabilidade pelo que realmente importa, ou seja, selecionar os instrumentos e as ferramentas usadas no ensino-aprendizagem para preparar o aluno para a vida e (ii) mudança de postura de professor isolado para professor colaborativo.

As mudanças atitudinais dos atores constituintes do ensino-aprendizagem, docentes e discentes, resvalam e protagonizam mudanças no conteúdo de língua portuguesa. Nas últimas décadas, surgiram inúmeras plataformas digitais que exigem diferentes leituras, tanto de forma hipermidiática não linear como de forma transmidiática: Qrcode, SMS, links e aplicativos móveis etc. Assim sendo, o currículo escolar deve se constituir de conteúdos interativos e funcionais entre mídias, e cada mídia pode ter uma parte completa do conteúdo, de modo que o conteúdo precisa ser interessante para os alunos.

Gabriel (2013) destaca as sete habilidades do futuro descritas por ele: (i) pensamento crítico e as soluções de problemas; (ii) colaboração por meio das redes sociais e liderança natural; (iii) agilidade e a adaptabilidade às novidades tecnológicas; (iv) iniciativa e empreendedorismo; (v) comunicação oral e escrita; (vi) acesso e capacidade analítica de informação; e (vii) curiosidade e imaginação, sendo a (i) e a (vi) responsáveis pela qualidade do conhecimento. Portanto, o ensino na era digital carece focalizar muito menos em tecnologia em si e muito mais em ampliar as competências analíticas dos discentes para que consigam distinguir sobre o que essas técnicas representam em nossas histórias de vida, como nos atingem e como retirar informação do ambiente hiperinformacional.

O desafio afeito ao processo de ensino-aprendizagem, diante de tantos estímulos midiáticos, é incentivar os estudantes a se interessarem pelos conteúdos educacionais. É preciso que o indivíduo esteja engajado e supere os interesses particulares para uma meta maior que é o coletivo. De acordo com esse pensamento, a educação é o alicerce das relações

sociais promotoras de bens comuns que necessita de uma estrutura física e gestacional, sugestão nossa, para a promoção da educação com acesso às mídias virtuais, pois, sem ambiente virtual, fica mais difícil a realização de ações educativas através das TICC.

No entanto, o estímulo é anterior à educação e à estrutura física, pois a sua inexistência fica impraticável à realização dos demais. O fato é que ainda acontecem, no ensino-aprendizagem, estímulos baseados em premiações e punições e, quando não há engajamento, a ação educativa fica prejudicada.

O acesso às TICC, a exemplo dos dispositivos móveis como *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, *celular*, *MP3* etc, que trazem em si mudanças imediatas, pois está na palma da mão das pessoas e nela um mundo conectado por dados ou por vozes, com acesso a todo tipo de conteúdo: texto; áudio; vídeos, e imagens integrados, além de vastos aplicativos de jogos estruturados com objetivos, metas e estratégias a serem alcançados e superados, são recursos para alcançar objetivos educacionais.

Na aprendizagem social Gabriel (2013) informa que ocorrem as diferentes formas de aprendizagem formal e informal que estão potencializadas no ambiente digital. Há dois tipos de *social learning* (i) o observacional criado por Bandura (*apud* GABRIEL, 2013), exige tipo de modelagem que envolve um personagem real ou ficcional demonstrando o comportamento e (ii) pedagogia social, a aprendizagem acontece de maneira bem acentuada tanto no indivíduo quanto no grupo por meio de interação social entre pares.

A relevância está na aprendizagem produzida para a sociedade e não no indivíduo. Por exemplo, os vídeos “*how to*” (como fazer) estão entre os mais populares na internet. As várias plataformas digitais apresentam possibilidades de aprendizagem social para discentes e docentes, porquanto desenvolve as possibilidades de conexão entre grupos de quaisquer tipos.

Os cursos *on-line*, ou MOOCS (*massive open on-line courses*) possibilitaram a educação em massa, antes tida como educação inferior, hoje promovida pelas melhores universidades do mundo, como *Harvard e Stanford*, que antes da era digital era acessível somente pela elite. Um MOOC tem duas características principais: *Open Access* (livre acesso) – não é necessário se inscrever como estudantes para participar do curso e nem pagar taxas; Larga escala – é projetado para atender a uma quantidade massiva de estudantes.

As plataformas educacionais se espalham por toda a comunidade global. Por exemplos: a Educopédia – lançada no Rio de Janeiro, tem um acesso a diversas obras clássicas e a um ambiente de publicação e acesso livre; o *startup Spacetri4us* – focou no desenvolvimento e na montagem de microsatélite espacial. São plataformas pensadas para facilitar e motivar a educação, seja no professor, seja no estudante.

Com o mundo globalizado pelas multimídias, mudanças grandiosas hão de vir em decorrência dessa nova estrutura baseada nas TICC. Na educação, não será diferente, pois há um novo leitor na sociedade contemporânea.

A internet mudou toda a história da prática de ensino e de aprendizagem nos últimos decênios. Dentre tantas potencialidades requeridas por essa nova técnica, (i) há o aumento do potencial criativo do ser humano, como decorrência das conexões e da diversidade de técnicas e informações; (ii) ampliação dos limites físicos da sala de aula ao adotar um ambiente *on-line*; (iii) mantêm unidos, por mídias digitais, aqueles que seriam egressos da instituição; (iv) permite informar-se e relacionar-se com futuros estudantes; (v) amplia o contato com os pais, ao lhe conferir o acesso a informações relacionadas ao processo de formação dos filhos; (vi) promove a integração entre os docentes na troca de experiências e conhecimentos, (vii) aumenta a potencialidade do *Marketing*, gerando a comunidade ações de divulgação e interação com o mercado que as mídias e as tecnologias digitais proporcionam (Ibidem, 2013).

Enfim, constatamos que há alterações interpessoais na era digital, confrontos entre as gerações nativas digitais e a geração analógica, alterações no papel do professor, na maneira do aluno aprender, mudança de centralidade antes no indivíduo, hoje no coletivo, a ampliação dos espaços escolares, a percepção de que as constantes mudanças de tecnologias interferem no ensino-aprendizagem, a rapidez da publicação da produção das informações nas redes sociais que exige, dos estudiosos da língua, novas percepções sobre a comunicação digitalizada ocorrida nesse meio, alterando conceitos linguísticos.

2.2.3 Estudos linguísticos proveniente das TICC

Quanto ao estudo linguístico das línguas, as TICC têm suscitado novos estudos na área da linguística (Saliés; Shepherd, 2013), motivado pelo uso da linguagem na internet, por modelo de análise e de pesquisa que despertam interesses na comunicação por meio digital ou, ainda, pelas causas que deram origem ao fenômeno.

As autoras, Saliés e Shepherd (2013) contribuem para o entendimento das TICC, com estudos centrados em uma linguística própria da internet, demonstrando que a tecnologia não tem fronteira, que há mais de 1.000 línguas circulando em redes e que as mais usadas até 2011, foram o inglês, o chinês, o espanhol, o japonês, o português, o alemão, o árabe, o francês, o russo, o coreano, seguindo esta ordem, somando aproximadamente sete milhões de internautas engajados social e culturalmente na construção de sentido. Destacam-se, ainda, as

mídias consideradas colaborativas – as *Wikis* –, dedicadas ao compartilhamento, o *Youtube* e as mais interacionais os *Blogs*, o *Twitter* e o *Facebook*. Também, procuram saber como se dá a construção do sentido em um ambiente digital e afirmam que,

[...] a linguística na internet acontece de forma empírica, de natureza aplicada, cujo ponto de partida é a linguagem e não os linguistas. Apoiar-se em todas as subáreas da própria Linguística, examinando o discurso, a sintaxe, a semântica, a sociolinguística, a pragmática e a psicolinguística da internet (SALIÉS; SHEPHERD, 2013, p.8).

Isso sugere que o objeto de análise é a própria língua, e não os conceitos construídos sobre ela. Presa pela organicidade latente na ação prática e real da língua, pois os conceitos linguísticos até então propostos por linguistas tipo oralidade *versus* escrita, foram implodidos pelos meios digitais.

O primeiro a se interessar pela linguagem do meio digital, David Cristal (*apud* Saliés e Shepherd, 2013), examinando as variações linguísticas e estilísticas da linguagem usada na rede e transformando seus achados em glossários, livros e artigos concluiu que tais variações marcaram o início da linguística da internet, o que desestabilizou a linguística tradicional. Nada parecido aconteceu com a chegada dos programas de rádio e de televisão que se encaixavam nos modelos descritivos e estilísticos disponíveis.

Pontos importantes da linguística da internet que interferem na tradicional é a troca de turno que ocorre instantaneamente em salas de conversa nas redes sociais, a presença de diversas línguas no contexto interacional e como são usadas nessa prática; também, há mudanças de código, o que se mostra como aspecto central, antes visto como fenômeno periférico. O meio digital se caracteriza pelo uso de uma linguagem gráfica e de vídeos com áudio, o que permite refletir sobre a fala *versus* escrita no mundo desconectado e como isso pode afetar os dialetos e os sotaques, igualmente, há a questão do ensino-aprendizagem das línguas a ser validada com as traduções automáticas, rápidas, precisas e em tempo real.

Os assuntos relacionados à descrição linguística da internet esbarram na velocidade dos avanços tecnológicos, e não é necessário muito tempo para uma palavra ficar fora de moda. Os estudos anteriores concentraram-se na gramática, e os linguistas sabem lidar com ela. No entanto, com as tecnologias contemporâneas, há um descompasso entre estudos linguísticos feitos anteriormente e as novas linguagens que trazem dimensões até então não estudadas, a exemplo da tipografia e de toda a área de desenho gráfico. Os estudos linguísticos dizem muito pouco sobre *web design*, tipografia *on-line*, facilidade de leitura, tamanho excelente de sentença, a legibilidade da internet como *corpus* linguístico e a

ortografia parecem ser um estudo viável, sobretudo em relação à tendência ao reducionismo, nela pode ser definido o que é aceitável (Ibidem, 2013).

Para a linguística da internet, há questões de toda ordem com a chegada da Hiperconexão. (i) anonimato e coleta de dados, (ii) conflito de geração impressa com a geração em tela, (iii) há quem diga que os jovens não estão lendo, (iv) enunciado, (v) perfis de caráter duvidoso, (vi) discurso eletrônico coerente e não coerente; (vii) denominação do gênero textual ou *outputs* proposto por Cristal (2006); (viii) fala *versus* escrita nas redes sociais; (ix) língua padrão *versus* fala; (x) comportamento nas redes sociais ocorre por interações bidirecionais pode haver interferências de comunicação e causar constrangimentos que podem ser reparados pelo próprio usuário, (xi) a troca de turnos, enfim, o desenvolvimento da linguística é algo imensurável e imprevisível nas redes sociais.

Para Moran (2015), as TICC trazem soluções e angústias às instituições de ensino quanto ao que permanece, o que muda e não é fácil tomar essa decisão já que há muitas maneiras de ensinar e são as pessoas, os projetos pedagógicos, as interações e a gestão que definem a aprendizagem e não os recursos tecnológicos.

O arsenal digital presente na sociedade desafia as instituições de ensino a saírem do ensino tradicional, alterando espaço e tempo simultaneamente. Também, facilitam a pesquisa, a comunicação e a divulgação em rede, há, também, as plataformas de aprendizagem como o *Modele* com controle, mas há, também, tecnologias abertas, fáceis e gratuitas como *blogs*, *podcasts*, *wikis* etc.

O papel do professor nessa atual conjuntura, segundo Moran (2014), é ajudar os alunos a pesquisar em *sites* em várias páginas da *Web*; apresentar *links* de hipertextos que tenham credibilidade; desenvolver projetos de pesquisa em *Web Quest*; propor tarefas; estimular consultas de fontes selecionadas pelo professor e que resultem em novas pesquisas.

Moran (2014) observa que a banda larga modifica o cotidiano com *sites* de relacionamentos como *Facebook*, *blogs*, *videologs* e os *sites* de áudio, a exemplo do *Podcast* (programa de rádio na internet constituído de arquivos digitais) envolvem produção, transmissão e distribuição na internet de arquivos de áudio ou vídeo que podem ser ouvidos ou vistos em aparelho móvel, como *MP3*, smartphones, computadores pessoais ou *tablets*.

2.2.4 A nova ordem social exige um olhar mais atento aos valores éticos

A procura de novos ambientes de aprendizagem, de maneira mais adequada de ensino baseada na necessidade de nossos alunos e ao mundo das TICC que experimentamos hoje, levou-nos a buscar novos referenciais à educação, tendo em vista que os problemas não se encontram somente na educação, mas também, em todos os setores do conhecimento humano. Esse desafio exige um compromisso ético com a educação.

A educação, como ação coletiva, tenciona a ética do indivíduo quanto às novidades que a internet apresenta. Gabriel (2013) ao falar sobre os valores éticos, alerta para o cuidado com a privacidade. As TICC podem ser uma benção ou um fardo, elas podem atrapalhar ou ajudar, mas isso vai depender da maneira como são usadas. Das inúmeras tecnologias que se conhecem até hoje, nenhuma delas é mais importante que a banda larga computacional. Ela permite mudança significativa na vida social das pessoas, pois deixam de estar para ser conectados.

A ética é o princípio que rege as relações sociais. Gabriel (2013, p.130) alerta que a “ética é a virtude necessária para que o ser humano consiga conviver em comunidade”. As TICC têm alterado a maneira do ser humano se relacionar e isso exige um olhar mais cuidadoso sobre o ponto de vista ético. A autora destaca algumas modificações vigorantes na sociedade atual. (i) desenvolvimento acelerado das redes sociais que possibilitam a conexão de um número alarmante de pessoas em tempo real; (ii) o grau equidistante entre as pessoas – que se torna cada vez menor; (iii) o poder de divulgação rápida de um ato individualizado; (iv) a possibilidade de serem propagados fatos inverídicos; e, (v) a ausência de contexto que aumenta a probabilidade de interpretações errôneas e o arquivamento da informação que mantém coisas boas ou ruins para sempre na *Web*. Portanto, a falta de ética pode, hoje, causar danos irreversíveis.

Na educação, situações que são consideradas antiéticas e prejudiciais são: (i) o plágio, que não deve ser confundido com a cópia devidamente referenciada e que ajudam a transformar e a possibilitar novos conhecimentos; (ii) “colar”, atitude desonesta, já que é um ato de consulta sem permissão. Atualmente, a escola deve capacitar o estudante a criticar, a refletir e a relacionar informações que possam de forma criativa, resolver problemas.

A ética no cotidiano escolar é contraditória porque os valores apregoados no interior da prática escolar não se aplicam por aqueles que a promulgam. A vida escolar não deve ser vista como algo apartado da sociedade. Temos, diariamente, noticiários que divulgam práticas

danosas ao convívio social voltado para a falta de respeito à diversidade de gêneros, cuidado com o bem público, gestores que administram em causa própria, entre outros.

Para Moran (2014, p. 25):

O autoritarismo da maior parte das relações humanas interpessoais, grupais e organizacionais espelha o estágio atrasado em que nos encontramos individualmente e coletivamente em termos de desenvolvimento humano, equilíbrio pessoal e amadurecimento social. E somente podemos educar para a autonomia e para a liberdade, valendo-nos de processos fundamentalmente participativos, interativos, libertadores, que respeitem as diferenças, que incentivem que apoiem orientados por pessoas e organizações livres.

Diante de tantos fatos ocorridos na rede que afetam a dignidade de pessoas e de usuários das redes sociais, criou-se um marco regular para coibir abusos sexuais, invasão de privacidade, exposição pública sem consentimento entre outros, nas relações sociais provenientes do mau uso do mundo virtual. Nunca se falou tanto em ética como nos dias atuais!

2.3 A EVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA RADIOFÔNICA E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A comunicação radiofônica durante décadas registrou e transmitiu os acontecimentos históricos e culturais a milhares de brasileiros, e ainda hoje, esse fenômeno ocorre, assim sendo, utilizamo-nos dessa potencialidade para desenvolver esta pesquisa, por isso percorreremos alguns conceitos relacionados à esta mídia, a fim de a compreendermos como recurso de ensino-aprendizagem.

2.3.1 Brevíssima história da criação da rádio

A rádio chega à sociedade brasileira em 1923. Nesse período, era chamada de clubes ou sociedades. Na era industrial, serviu como expansão de negócios no mercado interno presentes na grande parte da programação radiofônica, e a linguagem radiofônica, à medida que crescia a urbanização, deixa de ser elitizada e passa a ser coloquial. Entre 1936 e 1950, a rádio era o meio de comunicação de maior acessibilidade na sociedade brasileira.

Lembramo-nos como se ouvia as difusoras radiofônicas no sertão paraibano entre os anos 70 e 80. Em todas as casas, havia um aparelho de rádio relativamente grande e pesado, geralmente, ficava em cima de uma mesinha com um jarro com flores de um lado e, no outro

um santo na sala de estar; as pessoas em seu entorno ouviam novelas, notícias de morte, de apuração de voto, mudança de governo etc.

A primeira indagação que se fazia era: de onde vem essa voz sem rosto? Como se processa essa maravilha que contempla a arte da palavra, a música do mundo inteiro, que transmite notícias universais; que vantagem essa tecnologia traria à humanidade? Disseminaria o bem ou o mal? A sociedade estava encantada com o uso dessa nova tecnologia de comunicação. Hoje, semelhante encantamento é encontrado no uso das TICC.

Recordo que o dia mais triste para se ouvir rádio, na minha experiência como ouvinte da radiofonia no sertão paraibano, era quando alguém importante da cidade morria. As difusoras radiofônicas passavam o dia todo tocando músicas clássicas fúnebres. Havia, também, momento de entretenimento com novelas radiofônicas no ar, após o almoço. Isso era um momento comum às famílias que paravam os afazeres do cotidiano para ouvir os capítulos das novelas e depois ficavam conversando como seria o desenrolar dos próximos capítulos. Também, o rádio promovia dias polêmicos de discussões vistos na época das eleições, quando os políticos eram entrevistados e propagavam as suas bem-feitorias à cidade. Alguns cidadãos ficavam pavorosos, a maioria acreditava, outros desmentiam os pretendentes ao poder e as rodas de conversas se espalhavam por todos os bairros da cidade. Hoje, as rodas de conversa estão no *WhatsApp*. Houve época do silêncio em que o rádio não transmitia o que devia falar e as pessoas emudeciam diante das notícias falaciosas e mentirosas do regime ditatorial.

Quando exponho as minhas sensações advindas da escuta radiofônica não se trata de deslumbramento, tampouco de se fazer regressão ou de retomar a felicidade esquecida, trata-se de mostrar que os ouvintes registram, no inconsciente, as sensações provocadas por este veículo de comunicação e, como diz Haussen (*apud* Meditsch, 2005), a ausência de um rosto que fala não deve ser visto como algo menor e sim como algo grandioso; que é, precisamente, o eixo da intimidade que vai se abrir; que cada ouvinte possui o seu arquétipo de casa natal que representa algo íntimo guardado em sonho, em devaneio e memórias. O rádio consegue atingir uma profundidade com os ouvintes porque o locutor cria imagens que estão em todos os psiquismos humanos.

Haussen (*apud* Meditsch, 2005) discorre sobre a comunicação radiofônica, a qual ressalta, (i) o rádio é função de originalidade; (ii) nele há a integração do cotidiano com a psique humana; (iii) o rádio deve procurar meios de fazer os inconscientes se encontrarem, pois é por meio deles que acontece a universalidade. (iv) é no inconsciente que se realiza a solidariedade dos cidadãos munidos do mundo das palavras que possuem os mesmos valores, o mesmo anseio de candura, a mesma vontade do devaneio, entre outros.

De acordo com Meditsch (2005) A teoria do rádio (1927-1932) de Bertold Brecht ressalta o rádio como atividade artística e sugere aos diretores de rádio como utilizá-los para este fim. Diz que o rádio deve ser uma coisa democrática e se aproximar mais dos acontecimentos reais e não se limitar à reprodução ou à informação; tem que se dirigir à opinião pública, preparar entrevista ao vivo, nas quais os entrevistados não podem mentir. Organizar conferência em salas seguidas de debate, previamente, divulgado na programação. Os responsáveis pela produção para rádio devem levar em conta a criação de trabalhos de artistas realmente importantes, usar a poesia, as rádio-comédias, que mereçam ser reconhecidos e ouvidos no rádio. Deve se instalar o estúdio para a realização de experimentos entre outros.

Na execução das atividades radiofônicas, Brecht questiona como utilizar a arte para o rádio ou como utilizar o rádio para a arte, essas são questões distintas, mas interligadas e que podem caminhar juntas, ou seja, utilizar o rádio e a arte em geral. Essas questões só têm respostas se colocarmos o rádio e a arte com finalidades pedagógicas. Ambas deveriam estar a serviço da coletividade (MEDITSCH, 2005).

A radiodifusão no seu primeiro momento, segundo o autor, não tinha muito que dizer e dizia qualquer coisa para qualquer um, e estava mais para substituir o teatro, a ópera, o concerto, as conferências, o café concerto, a imprensa local do que prover algo. Porém, a radiodifusão tinha que justificar a sua existência e dizer o que pretendia. Na opinião do autor, apenas amenizar a vida pública não era o bastante. Também, não era suficiente instalar receptores em todos os lugares, nem método para reunir famílias. Para Brecht (1932), o rádio não deve ser visto como um simples aparelho reproduzidor e de distribuição de informação, e sim, um aparelho de comunicação. O autor diz que o positivo no rádio é o caráter de prover assuntos de coisa pública:

A tarefa da radiodifusão, como tudo, não se esgota ao transmitir informações. Além disso, tem que organizar a maneira de pedir informações, isto é, converter os informes dos governantes em resposta às perguntas dos governados. A radiodifusão tem que tornar possível o intercâmbio. Apenas ela pode organizar, em conjunto, a fala entre os ramos do comércio e os consumidores sobre a normatização dos artigos de consumo, os debates sobre a alta de preço do pão, as disputas municipais (BRECHT apud MEDITSCH, 2005, p. 42).

Nesse pensamento voltado para o rádio, estabelece-se uma relação ao que se espera das TICC que é de prover, organizar, integrar as pessoas ao conhecimento e talvez por essa

necessidade de transmitir informação e formar cidadão comprometido com o bem comum esteja a sobrevivência da rádio que acompanha as mudanças e também se inova ocupando espaços em vários aplicativos móveis e criando programas de áudio, a exemplo do *Podcast*, rádio na internet.

Agora, diante do exposto, indagamo-nos sobre como se deve instalar um *Podcast* na escola? Como fazê-lo de maneira democrática? Que finalidade educativa deve ser planejada na sua programação? Para quem se dirige e quais seriam as intenções em produzir uma determinada programação? Haverá, verdadeiramente, necessidade da sua existência na escola?

A ciência da comunicação estuda a história das rádios no Brasil e no mundo, para entender o seu funcionamento e o grau de importância em uma comunidade escolar. Numa perspectiva histórica, Tavares (2009) discute, em sua tese de doutorado, sobre o início da história do rádio no Brasil, e afirma que há uma disputa entre estados para ser o detentor desta façanha. Afirma, também, que é na década de trinta que o rádio toma uma dimensão considerável na sociedade brasileira. Com o fortalecimento da indústria, as emissoras radiofônicas passaram a ser um instrumento de publicidade dos produtos que destoavam do hábito local e, ainda, ressalta a efervescência da política da era Vargas através do rádio, considerado um meio de comunicação especial, pois servia como propaganda ideológica. (ORTRIWANO, 1985, *apud* TAVARES, 2009).

Nessa informação acerca da linha histórica da implantação das rádios no território nacional, observarmos o grau de poder implantado neste meio de comunicação e porque não dizer que, ainda hoje, encontramos esta concepção, oriunda da década de 30 na era de ouro do rádio, nos meios radiofônicos que promovem transformações em vários setores sociais, pois ainda detêm poder de influência nas sociedades vigentes.

2.3.2 Radio Web-Podcast, ferramenta para cidadania

Com o aparecimento das TICC, as estruturas radiofônicas se modificaram ou ampliaram-se ao longo do tempo. Vivemos uma fase de transição do rádio digital em contraponto ao rádio analógico. Hoje, as emissoras radiofônicas encontram-se nos mais diversos lugares e continua com grande poder de informação, entretenimento e publicidade etc. O rádio está instalado nos carros, nos celulares e continua presente nos lares.

Com o advento das redes sociais, surgem novas tecnologias que democratizam o fazer radiofônico. São aplicativos de gravação de áudio que possibilitam a criação de programas de

rádio a serem disponibilizados em *Podcast* que nada mais é do que uma *rádioWeb*, postado no *site*.

Os profissionais de comunicação se sentem livres das chamadas emissoras estatais ou privadas para criarem seus eventos comunicativos. A origem do termo *Podcast* apareceu em 12 de fevereiro de 2004 em um artigo do jornal britânico *The Guardian*, quando Dannie Gregorie usou o termo para descrever o processo usado por *Adam Curry*. Sua composição ocorreu por aglutinação: (*ipod+broadcast*) – *Podcast*, que significa transmissão de áudio via internet. No Brasil, o *Podcast* “Digital Minas”, de Danilo Medeiros, surgiu em 21 de outubro de 2004, sendo este o primeiro *Podcast* brasileiro desenvolvido para falar sobre tecnologia em geral e o mais conhecido no Brasil é o “Merccaste” do *site* “*Jovemnerd*”.

No projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”, buscamos essa possibilidade para o trabalho escolar envolvendo o *Podcast*. O importante nessa propositura não é a técnica utilizada para a criação de um *site* de postagem na *Web*, e sim o seu processo de criação e o conteúdo temático incluso no *Podcast*.

Esse é o maior desafio do *Podcast* escolar que consideramos uma ferramenta cidadã direcionada à sustentabilidade planetária, com recursos das TICC. Entendemos sustentabilidade como meio de convivência humana harmoniosa entre si, entre os espaços habitados e modo de vida, entre fontes fornecedoras de vida, como alimentação e produção de bens de consumo.

Para Moran (2013), as tecnologias servem de apoio à aprendizagem. Considera o *Wiki* e o *Google Doc* importantíssimo na elaboração de ideais, para a escrita colaborativa, pois ajuda a melhorar o que os outros colegas fizeram, mas também contribui para o amadurecimento da turma porque promove a aprendizagem entre pares.

Com o auxílio das TICC, é possível, com poucos recursos, propor – através de um *Podcast*, programa digital de áudio –, uma educação promotora de diálogo com diversos setores da comunidade escolar ao se contemplar diversos assuntos, a fim de fortalecer a sustentabilidade entre pares, fortalecer a cidadania, questionar valores, conhecer a cultura local, entre outros.

Podcast envolve produção, transmissão e distribuição na internet de arquivos de áudio que podem ser ouvidos em aparelhos móveis, como *MP3*, celulares, *notebooks*, *tablets* e outros. Para Moran (2014), o uso do *Podcast*, na educação, é mais vantajoso quando os alunos são produtores dos seus próprios programas e o interesse dos alunos torna-se maior quando produzem as informações do que ser meros ouvintes de materiais já prontos. Ele ressalta, também, que não há dificuldade na criação de um *Podcast*, já que a linguagem deste é

familiar e habitual à geração digital, ainda ressalta que o *Podcast* não pode ser falado como instrumento único ou prioritário, mas como um utensílio de produção, comunicação e publicação agregada.

Entendemos que o benefício desse meio de comunicação à educação é provocar o interesse e a adesão dos alunos. Por isso, devemos oportunizar os alunos a proporem conteúdos que de fato tenham interesses e com isso fazê-los perceber que a divulgação de ideias veiculadas em uma mídia de comunicação sempre tem alguém interessado em manipular e conquistar poder. Dito assim, é preciso estimular o senso crítico dos alunos como ouvintes relacionados a quem produz e para quem produz e quais grupos sociais detêm o poder dessa mídia.

2.3.3 Elemento constitutivo do *Podcast*

Para a criação de um *Podcast*, devemos considerar alguns elementos que se assemelham a qualquer estrutura de eventos artísticos. O *Podcast* necessita de pré-produção, nesse momento, deve haver uma preparação sistemática daqueles que participam diretamente na produção do que se vai fazer, como vai ser feito e por que fazer; neste ponto, concebe-se uma pauta, ou seja, um roteiro que serve de guia para gravação; a produção é o momento da gravação propriamente dita, o participante já ensaiou e já sabe a sua função no *Podcast*; e a pós-produção é o momento da edição da gravação e publicação.

Segundo Mitocôndria (2013), no blog como criar e guiar seu *Podcast*, diz a pauta é o roteiro que ajuda na execução da gravação. Ela mostra o caminho de consulta do assunto, mas não o limita. Há vários tipos de pautas para o *Podcast*: (i) programas sem pauta, conhecidos como bate-papo informal, ninguém escreve ou prepara nada, de modo que apenas escolhe-se um tema para a conversa. Esta escolha corre riscos porque não se prevêem os resultados de uma gravação assim. (II) a pauta-guia é composta por tópicos a serem abordados e serve para orientar apresentação dos integrantes, do tema, dos subtemas específicos, de curiosidades, das opiniões dos participantes, contatos dos convidados e enceramento.

Desta maneira, facilita a gravação que contenha mais opiniões e histórias pessoais porque os participantes não se perdem na gravação e todos terão uma noção do momento de falar. Sendo a pauta-guia modelo para qualquer pauta; (iii) a pauta lembrete traz pequenas informações e curiosidades relacionadas ao assunto e ajuda a não esquecer datas, nomes, *links* etc; (iv) pauta informativa ideal para o *Podcast* didático por ter uma gama de conteúdo maior, dividido em temas e subtemas, e cada um contém informações precisas e detalhadas sobre o

assunto a ser informado. Esse tipo é mais complexo e pode variar de *Podcast* para *Podcast*; (v) pauta-transcrita é a mais peculiar das pautas porque é o próprio *Podcast* e exige apenas uma pessoa que fará uma leitura de pauta parecida com a leitura de um monólogo. Para isso, é preciso uma boa dicção e conhecimento da língua.

Para facilitar as gravações de *Podcast*, Mitocôndria (2013), é importante: i) os participantes conhecerem o assunto em profundidade, desta forma evita-se detalhar a pauta; (ii) fazer pautas com histórias de vida, com profissionais de áreas específicas; acontecimento recente quando se possa emitir opinião, tudo isso ajuda a manter a conversa empolgada. Também, pode acontecer o contrário, ou seja, o assunto não seja conhecido, para isso é bom que se faça pesquisa para o fato em si, nesse caso, é necessário detalhar a pauta para se assegurar de que não esqueceu pontos importantes do assunto.

Dica importante é fazer resumo do assunto para poder ler com segurança como se estivesse falando; (ii) o conteúdo do *Podcast* só funciona com algo de interesse de quem o faz, de quem gosta de aprender, de quem pesquisa e de quem gosta de falar; (iii) é importante estudar o assunto dos entrevistados, caso contrário não saberá comentar ou fazer perguntas dentro do assunto; (iv) utilizar fontes confiáveis na internet, livros e documentários, entre outros, para fazer a pesquisa.

Enfim, quanto mais informação tiver, mais qualidade terá o *Podcast*. Para esse programa digital, desenvolveu-se um glossário na língua inglesa de suma importância para a criação de um *Podcast*. Os termos *Podcastais* são: (i) o *Podcasting* – avisos sobre as atualizações dos arquivos de áudios, publicados via Internet, baixado automaticamente; (ii) o *Podcast*, denominação usada para o conteúdo via *Podcasting*; (iii) *Podcaster*, pessoas que criam um *Podcast*; (iv) *Podsfera*, todo o conhecimento exigido para se produzir o *Podcast* e dos *Podaster*; (v) *Podase* são músicas que não exigem direitos autorais e que podem ser usadas para compor o *Podcast*; (vi) o *iPod*, reproduzidor de música móvel de MP3 fabricado pela *Apple*; (vii) o *Free*, um agregador de mídias, endereço onde se faz uma assinatura de um *Podcast*; (viii) Agregador de *feed*, programa de verificação das atualizações e *download* dos *Podcasts* para um computador. (ix) O XML – abreviatura de “*Extensível Mark-up Language*”, linguagem de programação de página na internet que consente personalizar, organizar e apresentar as informações na rede; (x) RSS – abreviatura de “*Riche Site Sumare*” permite que o usuário acesse, diretamente, os conteúdos de interesse em vários *sites* de diversos formatos como texto, áudio, vídeos entre outros.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS EDUCACIONAIS

Nesta parte do relato, apresentaremos os pressupostos teóricos, o Holismo, a ecopedagogia, e a pedagogia Freireana que influenciaram a concretização das ações realizadas no projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”, endereçada a uma formação cidadã consciente de valores ecológicos e de sustentabilidade, bem como a ênfase do humanismo como caminho para a civilidade. Desta forma, defender a educação ligada à capacidade de criar interrogações, expectativas e interesses que contribuam para a formação e para mudanças significativas dos nossos alunos relacionadas à sensibilidade planetária e, conseqüentemente, à sociedade.

3.1 HOLISMO – O PARADIGMA INTEGRANDO OS SENTIDOS

Uma nova forma de pensar, de sentir não pode ser referendada pela concepção mecanicista de Descartes e Newton e sim por uma visão holística e ecológica referendada no paradigma emergente, trocando o pensamento da teoria linear para o pensamento da teoria da relatividade. É preciso entender que as mudanças culturais de um povo promovido pelas TICC têm efeito dominó, ou seja, altera vários sistemas sociais: o familiar; o econômico; o educacional; o trabalhista; o institucional; o político; o religioso além do estético e ético, e, como conseqüências dessas transformações, emerge uma cultura cidadã.

O cognitivo do indivíduo é influenciado pela cultura, pela coletividade, pela língua, pelos conceitos, pela comparação, pela associação, pelo áudio, pelas imagens entre outros, por conseguinte, há alteração na memória que, por sua vez, sofre mudanças na maneira de transmissão e de representação da informação e do saber, provocando mudanças no sistema ecológico, nesse Almiré, Lévy (1994, p.124), assegura que:

[...] o meio ecológico no qual as representações se propagam, é composto da mente humana e rede técnica de armazenamento de transformação e transmissão de representações. O surgimento da escrita e da informática transforma o meio no qual as representações se propagam, modificando a sua distribuição.

De acordo com estudos na área sócio-cognitiva, a cultural globalizada e a transmissão do saber nos levam a pensar em um cidadão cósmico que tenha direito de se apossar dos instrumentos dessa nova realidade cultural, de ser ativo no mundo, de ser preparado para criticar, produzir informações que afetam a convivência social.

O novo paradigma ideal para entendemos o estudo da vida na sua totalidade é o Holismo. Brandão at. al. Smuts *apud* Creme (1991) afirma que Holismo (*holos* = todo) é o termo que define, com clareza, a vida como criação resultante de um conjunto no universo e ainda diz que essa criação não só se refere à substância inorgânica ou orgânica, mas, sobretudo, à mais sofisticada ideia de espírito humano.

Para Moraes (2001), o paradigma emergente renova o conceito de ecologia porque traz, em si, à cosmovisão quântica, que é o sistema que enfatiza o todo em vez das partes. Nele, a visão ecológica adota a interconectividade, a interdependência e a interatividade de todos os elementos da natureza, em um completo entrosamento dos indivíduos e das sociedades. Demonstra, ainda, que tudo é energia, é movimento, é sistema vivo e aberto, que trocam energia com o seu meio.

Em decorrência desses novos conceitos, a escola também mudou. A escola, atualmente, deve ver a singularidade no aprendiz, ou seja, um ser na sua totalidade envolto nas suas especificidades. É fundamental reconhecer os estudos da neurociência e as descobertas da ciência cognitiva que comprovam a existências de diversos tipos de inteligências e, conseqüentemente, diferentes maneiras de aprender, de lembrar, de resolver problemas, de compreender ou de representar algo. Portanto, ao considerarmos estas mudanças, devemos ser capazes de entender que não se aprende tudo e que é preciso fazer escolhas na vida e, para uma boa escolha, é necessário sermos bem informados.

Behrens (2013), os novos estudos sobre aprendizagem deve considerar o novo paradigma emergente, aliados à visão holística que considera o ser humano na sua totalidade, com suas inteligências múltiplas, formando profissionais humanísticos com ética e sensibilidade. A autora dialoga com diversos educadores, a saber: Moraes; Moraes (1997), Pimentel (1993), Gutiérrez (1999) e Behrens (1999) que se dedicaram ao estudo sobre o paradigma emergente e que, segundo a autora, trazem pontos em comum: buscam a visão da totalidade, mudanças de reprodução para a produção de conhecimento e o enfoque na aprendizagem da prática pedagógica.

Brandão; Crema (1991), o princípio da ideia do Holismo diz respeito ao fato de a evolução das espécies não acontecer separadamente. Há um contínuo evolutivo entre matéria, vida e morte. A ideia de separação entre as ciências físicas, as ciências biológicas e as ciências humanas fragmentam a estrutura do indivíduo em corpo, mente e emoção.

Behrens (2013), a visão holística considera o procedimento de formação de uma sociedade estruturada na formação de indivíduos que valorizem os princípios éticos, da dignidade humana, da paz, da justiça, do respeito, da solidariedade e da defesa do meio

ambiente. É nessa perspectiva que desenvolvemos a nossa pesquisa focada na formação de cidadãos pensantes comprometidos com a sustentabilidade da vida e com o bem-estar de todos.

3.2 A ECOPELAGOGIA – CAMINHO DE INTEGRAÇÃO E RETORNO DO SER HUMANO COM SUA ESSÊNCIA PRIMEIRA: A NATUREZA

Acompanhando essa linha de pensamento holístico, temos a ecopedagogia de Gutiérrez; Prado (2002), na qual a aprendizagem está diretamente relacionada ao desenvolvimento sustentável e, conseqüentemente, à criação e à promoção de uma cultura de sustentabilidade. Nessa pedagogia, a educação está centralizada na formação do cidadão comprometido com a vida. Em decorrência dessa propositura, temos pontos relevantes a serem expostos. (i) harmonia ambiental está diretamente ligada aos valores éticos como convivência com a diversidade de gênero, respeito, igualdade social, aceitação da biodiversidade entre outros; Dessa maneira, o indivíduo recupera a harmonia com a natureza e, conseqüentemente, com a sociedade planetária, assim, o trabalho pedagógico se inicia a partir da vida cotidiana. (ii) Ecologia sustentável se fundamenta na percepção do ser humano no papel que desempenha no ecossistema planetário, e (iii) sociedade sustentável só ocorre quando há profundo respeito pelas etnias e culturas. A ecologia é uma ciência de relações entre todos os seres do universo, sendo, o ser humano, apenas uma espécie entre tantas, é mais do que natural estabelecer relações de interdependência, de interconexões de auto-organização nos mais diferentes ecossistemas. O grande desafio, hoje, é criar novas formas de ser e de estar no mundo.

Para Gutiérrez; Prado (2002), o cotidiano das nossas vidas está diretamente ligado à ecologia. É preciso entender a ecologia do eu e a ecologia socioambiental. Somos conscientes da degradação que ocorre na natureza e nas relações humanas, sabemos do desenvolvimento acelerado das tecnologias e o pouco cuidado que se tem com valores éticos. Esses fatos, simultaneamente, causam um desequilíbrio social que gera crises gravíssimas; os novos agentes da cidadania ambiental devem ser capazes de (i) compreender as causas e as conseqüências desse desequilíbrio para poderem criar um novo contexto sócio ambiental; (ii) relacionar a ecologia do eu com a nova cidadania ambiental; e (iii) sentir a vida na sua essência.

Para esses autores, o processo de aprendizagem desenvolvido na ecopedagogia tem, como princípio básico, a conjugação de aprendizagem com a vida cotidiana. A aprendizagem

é direcionada ao aprendiz para que compreenda a relação de cidadania ambiental e a cultura de sustentabilidade.

Para isso, há oito caminhos a serem seguidos: (i) o caminho é construído numa prática flexível, processual e holística; (ii) compreender que a educação é um processo de elaboração de sentido; (iii) a aprendizagem depende da atitude do sujeito, e este aprende quando está disposto, aberto, curioso, receptivo à grande quantidade de conhecimento produzido pela humanidade, ou seja, a aprendizagem só ocorre quando o interesse de quem aprende se estabelece no sujeito consciente do processo educativo; (iv) o processo de aprendizagem acontece com diálogo horizontal; (v) priorizar a intuição, não como oposição à razão, para valorizar a criatividade, os sentimentos, a imaginação, a intuição. Para aprender não basta apenas compreender e conceituar, é preciso querer, agir, sentir, compartilhar, viver e expressar; (vi) o processo e o produto estão intrinsecamente inter-relacionado. A educação é produtiva quando o resultado é imediato e deve acontecer com as interrogações suscitadas no dia a dia; (vii) a recriação do mundo é a liberdade de expressão dada ao sujeito aprendiz diante de vivências sociais, políticas, econômico-políticas e econômico-culturais presenciadas no cotidiano.

Por último, temos (viii) a avaliação do processo de aprendizagem que resulte em um produto que proporcione prazer e satisfação ao aprendiz durante a sua elaboração. Desta maneira, acontece a autoaprendizagem e, como decorrência, a essência da avaliação. Para isso, é importante observar algumas atividades que servem de instrumentos de avaliação, tais como: a apropriação dos conteúdos; o desenvolvimento e a mudança de atitudes; o desenvolvimento da criatividade; a capacidade de relacionar-se e de expressar-se com seus pares.

A riqueza desse processo de ensino-aprendizagem é a percepção de que o cotidiano também é conhecimento. Para isso acontecer, é preciso fazer registros escritos, gráficos, audiovisuais, entre outros, para que se tenha consciência das relações cotidianas como promotora de saber e, a partir desse saber, haja transformações nos sujeitos envolvidos no ensino-aprendizagem, que, por sua vez, promove uma cidadania plena.

Gadotti (1993) procurou responder o que seria uma escola cidadã através do entendimento de vários pensamentos históricos de concepções filosóficas e educacionais (Rousseau, Durheim, Dewey, Gramsci, Bordignon) – concluiu que a escola cidadã é aquela que tem princípios democráticos, que tem um caráter comunitário, seu espaço é aberto e serve para desenvolver a cultura; é autônoma, valoriza o educador, os projetos pessoais e coletivos, preza pela criatividade, tem disciplina sistematizada e progressiva, é um laboratório aberto a

múltiplas atividades humanas, as ações interventivas são contínuas e cada escola desenvolve suas ações de acordo com sua demanda. Assim sendo, podemos dizer que a escola cidadã tem autonomia para fazer as transformações necessárias promovidas pelos atores que nela se encontram.

3.2.1 A casa de todos os nós: a terra

Os processos educacionais estão essencialmente ligados ao modo como nos relacionamos com o mundo, com a natureza e com as pessoas. Assim, educar exige cuidados com as diversas formas de se praticar o ensino-aprendizagem. O filósofo Leonardo Boff (2012) com a colaboração do professor Romualdo Dias, em suas palestras sobre ecologia, propõe quatro dimensões diferenciadas da visão ecológica tradicional, cujo principal objetivo é definir o meio ambiente relacionado aos recursos da natureza. O autor estabelece quatro dimensões correlacionadas à ecologia. (i) a ecologia ambiental percebida como algo dentro de nós e interligada aos demais seres terrestres formando o ambiente inteiro que deve ser cuidado por toda comunidade terrena, pois o planeta Terra é a nossa Casa Comum; (ii) a ecologia política e social diz respeito ao modo de vida das pessoas no trabalho, no relacionamento interpessoal e na produção de bens de consumo, também, refere-se à igualdade social, à política e à diversidade de gênero, à diminuição da desigualdade econômica e ao cidadão partícipe na construção de uma democracia socioambiental sempre aberta a modificações; (iii) ecologia mental que diz que devemos ser cosmocêntricos e biocêntricos e, para isso, temos que mudar alguns conceitos: a ignorância do valor da terra para nossa sobrevivência, o antropocentrismo, o racionalismo sobrepondo a sensibilidade e a compaixão, o individualismo cultural, a competição e o consumismo; (iv) ecologia integral busca entender a sincronia da energia cósmica que são: a gravitacional; a eletromagnética; e a nuclear forte e fraca; que constitui o princípio da vida em todos os sentidos, desde sua origem a como eles se sustentam no processo da evolução ainda em curso e, nesse sentido, fazer o ser humano desenvolver a cosmovisão da totalidade na sua criação e acostumar a ver o todo e não as partes, o Holismo não se propõe à fragmentação; ele significa a soma das partes, e cada parte é uma e diversa em suas partes, que estão sempre articuladas entre si formando a totalidade. Desta maneira, a escola nos seus pressupostos metodológicos, pode formar cidadãos comprometidos com a vida, que, no nosso entender, é consciência, sabedoria e palavra.

3.2.2 A autolimitação do ser humano com referencia à natureza

O ser humano racionalista acreditou, durante décadas, que tinha amplos poderes sobre a natureza. Assim sendo, buscou nela todas as fontes de energia para a construção das suas invenções sem considerar a finitude desses elementos e sem considerar os danos que elas poderiam fazer ao planeta. Nas últimas décadas, cientistas do mundo todo alertam que temos que mudar a nossa relação de produção e consumo com o planeta sobre pena de desaparecermos da face da Terra.

A educação como caminho de formação científicista, humanista e ambientalista tem procurado incluir no currículo escolar, no caso, os PCN, os temas transversais que se referem a questões ambientais entre outros e a grande questão é: como as disciplinas com seus conteúdos específicos integram essa temática?

Dias *apud* Boff (2012) não tem como fazer *apud* elenca algumas dinâmicas que podem ser usadas na formação dos discentes, e acrescentaríamos, também, dos docentes. A questão central da dinâmica é: como fazer tarefas educativas que consigam envolver as pessoas no tema de estudo? Como fazer com que o pensamento inquiete o corpo de cada um no momento da palestra ou da aula? Para isso é preciso ter um cuidado especial com o ambiente educacional, desde a limpeza do espaço à manutenção de um ambiente acolhedor para receber as pessoas; exposição da temática para que todos saibam o assunto da aula ou da palestra.

O autor trabalhou as dinâmicas com temas referentes às quatro ecologias. A grande preocupação delas é evitar que os participantes fiquem passivos diante do tema, de modo a possibilitar uma passagem do conhecimento para a vida dele. As dinâmicas propostas estão organizadas de acordo com o público-alvo; (i) ecologia ambiental: a primeira consiste na formação de uma roda dentro de outra roda, de modo que fiquem em duplas, a partir desta posição, os participantes criam um diálogo instigado por indagações. Esta maneira é a forma encontrada para tirar o participante da passividade com vistas a possibilitar que a interligação deles aconteça através da troca de ideias; (ii) ecologia política e social: a segunda dinâmica está relacionada à troca com a natureza que se faz todos os dias. Os participantes fazem deslocamento no espaço, observando a respiração, sendo esta a primeira troca com a natureza. Depois disso, são distribuídos copos com água para que os participantes saboreiem devagarzinho e, depois, compartilhem com os colegas essa outra experiência de troca com a natureza; (iii) ecologia mental: a terceira dinâmica acontece com as fotos do nosso lugar. Os grupos são convidados a desenhar uma imagem que represente o lugar onde vivem.

Em seguida, os integrantes analisam os desenhos; enquanto isso, o professor observa se as descrições envolvem ou não o meio ambiente. Em seguida, os participantes voltam aos seus grupos para desenhar o lugar dos seus sonhos e, durante o debate, o educador questiona a presença ou não das quatro ecologias; (iv) ecologia integral: o educador solicita aos participantes a terem contato com o outro de olhos vendados. Para isso, os participantes devem se deslocar com cuidado para não atropelar os outros a fim de formarem uma roda. O objetivo dessa dinâmica é promover a reflexão sobre a ecologia política e social. Após a experiência, criar uma roda de debate. Nesta dinâmica, entra o conceito de cooperação; (v) desenvolver o pensamento de cada participante. É solicitado do participante um desenho que demonstre o estado de ânimo em que eles se encontram e a partir dele estimular o debate e, conseqüentemente, a promoção da fala; (vi) o momento de interior com a natureza exige o silêncio. Os participantes são convidados a observar a natureza em silêncio e depois compartilhar as sensações com os demais; (vii) observar como o tema provocou ou não os participantes indagando-os: que modos de compreender a ecologia me auxilia em minha relação com os outros; o que entendi sobre esta abordagem ecológica?; (viii) o que podemos fazer no lugar que moramos em relação à natureza? Os participantes apresentam o que já foi feito na comunidade e que atividades ainda devem ser realizadas.

3.3. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA FREIREANA

Quando nos propusemos a discutir sobre a cidadania ecológica com sustentabilidade, não podíamos nos refutar de recorrer aos saberes da Pedagogia da Autonomia, de Freire (1996).

A teoria Freireana ensina que o ensino-aprendizagem deve passar por etapas importantes: pesquisa; testemunhos; novidade; metodologia; estética e ética; respeito; reconhecimento cultural; criticidade. Essas etapas se desenvolvem em grau de igualdade de quem aprende e de quem ensina.

Quanto aos princípios educacionais de ensino-aprendizagem elencados neste projeto, frise-se que foram fundamentados na pedagogia da autonomia de Freire (1996). Para ele, a relação com o outro, ele ou ela, parte de um princípio básico que é o respeito mútuo sem que haja a pretensão de conquista de ambas as partes. O professor deve passar segurança ao discutir, analisar um fato e dá a sua opinião independentemente do governo. A segurança do educador não deve se pautar no discurso que faz presumir que ele é onisciente e sim na

premissa de reconhecer que é um ser aprendiz. Também ressalta sobre a diversidade de noticiários nas mídias e que o educador não deve desconhecê-los e, sim, usá-los para discutir.

O principal livro, de Paulo Freire(2013), se intitula de ‘Pedagogia do Oprimido’ e boa parte dos conceitos pensado pelo educador: educação problematizada, educação dialógica, educação conscientizadora, crítica, política e libertadora está nesta obra. A cerca disso ele afirma que nessa visão não cabe um educação bancária. Propõe ao ato de educar uma relação horizontal e dialógica, uma mediação entre o educador e o educando indispensável ao processo de conhecimento. Então, ele propõe que o educador leve em consideração o conhecimento que educando tem e coloque isso como prática educativa; que a relação de educação deve ser processada nas práticas educativas tanto pelo educador como pelo educando, isso se dá tanto fora ou dentro da sala de aula. Desta forma, com a superação dessa prática bipartidária: educador x educando, ocorrerá em uma educação participativa e transformadora e para ela acontecer deve ser mediada pelo diálogo; que os dois sujeito envolvido no processo aprendem simultaneamente e que o processo do conhecimento está sempre em movimento.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este relato de experiência teve como procedimento metodológico o processo etnográfico já que abordamos questões relacionadas à vida individual, à coletividade, a valores e à cultura adquirida de gerações anteriores, bem como, as novas atitudes e modos de comunicação presentes em atividades individuais e de grupos. Assim sendo, procuramos identificar e compreender o padrão de vida desenvolvido nessa comunidade escolar.

4.1 AÇÕES ETNOGRÁFICAS DA PESQUISA - NATURALIDADE, COMPREENSÃO E DESCOBERTA

Guiamos o projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade” pela abordagem etnográfica”, voltada para o campo da pesquisa qualitativa. A razão dessa escolha deveu-se às características intrínsecas de como se investiga a cultura local envolvida na pesquisa. A etnografia compreendida como traço de uma cultura sem importar qual seja. O que devemos considerar é a concepção do pensamento do nativo integrado à cultura estudada (SPRADLEY, 1979 *apud* FINO, 2008).

De acordo com Fino (2008), a inovação da pedagogia agrupa um grande número de pesquisadores e muitos deles são brasileiros. Eles são incentivados a se envolver em estudos orientados à abordagem etnográfica delimitada em compreensão e interpretação dos fenômenos educativos mediante a imersão na cultural local; a entender as turmas e as escolas como entidades culturais autônomas e diferenciadas, também, incide sobre relações entre escola e comunidade envolvente e que sugerem observação participante; ainda, admitem a subjetividade do pesquisador como material e aporte para a classificação e a concretização epistemológica da etnografia enquanto método de averiguação em educação. São esses itens que promovem a inovação pedagógica na investigação etnográfica (FINO, 2008).

Quanto à questão de interpretação, Sabirón (2001 *apud* FINO, 2008, p.3) adverte sobre o método de investigação etnográfico:

A etnografia, como método de investigação originário da antropologia, esgotava-se numa finalidade estritamente descritiva, e a etnografia escolar, nessa mesma linha, seria a mera descrição da cultura escolar. Ora, Sabirón esclarece que a Etnografia da Educação, investigando de e sobre instituições, grupos e organizações sociais, supera a estrita dependência descritiva, ao ser entendida como devedora de um enfoque pluridisciplinar, uma vez que é pluridisciplinar o saber disponível sobre essas instituições, grupos e

organizações. De modo que se mantém a dependência descritiva, mas como base sobre a qual se interpreta. E continua, afirmando que a dupla vertente de pensamento e de acção, assim como a finalidade consciencializadora e dialéctica da investigação sobre o conjunto dos fenómenos educativos conferem à investigação etnográfica uma intencionalidade distinta da etimológica: a interpretação e a crítica.

Concomitantemente a esse pensamento, deve-se estruturar a pesquisa etnográfica voltada para esclarecer fatos ocorridos em comunidade escolar e organização social, por serem estas provedoras de questões relativas à pluridisciplinaridade. Assim sendo, a questão essencial da pesquisa etnográfica, que é a descrição, ganha novo enfoque que é a intencionalidade de análise de interpretação e da criticidade.

Melhor do que uma descrição é o olhar do sujeito envolvido em práticas pedagógicas – aluno e professor, que, a partir daí, podem ter uma visão crítica e interpretativa das vigências ortodoxas da educação.

Na inovação etnográfica, tem-se a concepção etnográfica da educação que se mostra desafiadora porque não permite a experimentação. O sujeito é observado dentro do seu ambiente natural. Daí vem à complexidade e o poder de um poderoso instrumento de compreensão do diálogo intersubjetivo das práticas pedagógica. O pesquisador é conhecedor do contexto da comunidade estudada e dela faz parte como narrador dos diálogos entre sujeitos (FINO, 2008).

Para Genzuk (1993, *apud* FINO, 2008), o trabalho de campo é uma experiência altamente pessoal. Cabe, ao pesquisador, o papel de interligar os procedimentos da pesquisa de campo com a variação situacional. Essa habilidade de articulação dos fatos confere personalidade à pesquisa; pode-se dizer que, neste intento, há o risco de ser bem sucedido ou não nos casos estudados.

Dentre os estudos etnográficos, encontram-se definições quanto à observação participativa. A observação participante é detentora de uma etapa de intensa relação do pesquisador com o objeto pesquisado, porém, as informações são coletadas de maneira ordenada (BOGDAN; TAYLOR, 1975 *apud* FINO, 2008).

A observação participante inicia-se desde a chegada do investigador até a sua saída. Enquanto atuar, o pesquisador entrará pessoalmente no contexto local, partindo dos seus conhecimentos. Durante a permanência no campo, o pesquisador recolhe os dados diversificados. O observador participante aprende com a cultura local. Também, pode fazer uso de entrevistas, conversas ocasionais, documentos oficiais ou pessoais e, ainda, relatos dos nativos, demonstrando as vivências deles (LAPASSADE, 2001 *apud* FINO, 2008).

De acordo com Lapassade (2001 *apud* FINO, 2008), o método da etnografia de observação participativa abrange três tipos: o primeiro, observação participante periférica – é quando o investigador considera importantes os dados colhidos e que demonstrem a visão de mundo dos observados, mas não são dados centrais da pesquisa; o segundo – observação participante ativa permite um envolvimento do pesquisador com a comunidade estudada desde que se mantenha o olhar de observador; e, o terceiro – observação participante complexa, divide-se em duas subcategorias: por oportunidade – quando o pesquisador já é parte da situação que irá estudar e, por conversão, quando o pesquisador torna-se o fenômeno que estuda.

A análise racional do método etnográfico, segundo Genzuk (1993 *apud* FINO, 2008), diz respeito ao método de observação muito próximo de quem investiga e de quem participa. Há três tipos de dados: alusões; exposições e fragmentos de documentos, que originam, em um único produto, a descrição narrativa. Esta abrange a representação gráfica, esquemas e objetos que auxiliam a contar a história.

Genzuk (1993 *apud* FINO, 2008) definiu os três princípios racionais que dirigem o método etnográfico: i) Naturalismo – considera essencial o contato humano, pois, sem ele, inviabiliza a pesquisa social que busca compreender o comportamento humano e ainda diz que os acontecimentos e os processos sociais devem ser especificados em relação ao contexto onde transcorrerem; ii) Compreensão abrange a capacidade do pesquisador em perceber o objeto de análise inserido na cultura local e ser, também, capaz de se distanciar de situações familiares, porque, numa sociedade globalizada e em ambientes educacionais, mesmo em situações próximas, há pensamentos diversificados, portanto, atendo-se apenas a descrever e a problematizar. iii) Descoberta está relacionada ao processo indutivo ou baseado no que é encontrado, ao invés da investigação por testagem de hipóteses explícitas.

Estas podem levar ao erro devido à incerteza da verdadeira natureza do fenômeno estudado. Apesar disso, as hipóteses em determinados trabalhos sociais são importantes porque orientam o foco da investigação, mesmo que, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, haja mudanças substanciais. Desta mesma maneira, pode ocorrer no processo indutivo, que envolve explicações e descrições de ideias no percurso da investigação. O método etnográfico considera estas ideias o centro da investigação e não como pré-requisito para iniciar a investigação.

As funções da investigação social, tida como etnográfica, segundo Hammersly (1990, *apud* FINO, 2008) são as seguintes: i) o estudo do comportamento das pessoas no contexto habitual; ii) a conversação informal e a observação de fontes diversificadas servem de dados

importantes para o estudo; iii) a coleta de dados não segue uma estrutura planejada anterior à pesquisa; iv) o número de pessoas pesquisadas não deve ser muito grande; v) a análise dos dados deve abranger a interpretação de sentido e o desempenho de ações humanas (FINO, 2008).

Uma questão relevante para a pesquisa etnográfica é destacada por Erickson, de ajuste com André (1997, *apud* FINO, 2008, p. 7), referente à descrição pormenorizada e ao estudo etnográfico, segundo os autores, não é certo confundir a observação de dados com a observação participante que são as interações e as ações sob o ponto de vista dos envolvidos. Assim, “a etnografia deve centrar-se na descrição dos sistemas de significados culturais dos sujeitos estudados, o que vai muito além da descrição de situações, ambientes, pessoas ou da mera reprodução do seu discurso e dos depoimentos”.

Os autores afirmam que há também a possibilidade de uso do vídeo como um texto básico, sendo visto como uma espécie de micro-etnografia ou de micro-análise, em substituição ao texto narrativo. Essa tendência vem ocorrendo na área de educação e obtendo excelente resultado.

No artigo de Sousa (2000, *apud* FINO, 2008) publicado na revista de Psicologia social, há um questionamento sobre a origem dos estudos etnográficos na educação. Indaga-se sobre a origem dessa investigação ser proveniente das raízes anglo-saxônicas, germânicas ou francófonas. Sousa (2000, *apud* FINO, 2008), separa a definição de etnografia e etnologia sobre classificação sugerida por Rockwell (*apud* FINO, 2008), ao afirmar que a antropologia trata do amontoado de saberes sobre fatos sociais e culturais típicos daquela localidade, demarcada no tempo e no espaço e a etnologia se propõe a reconstrução evolutiva e comparativa do homem.

Para Fino (2008, p. 9), o grande problema ainda residiu em:

[...] como compreender a cultura escolar, presumindo-se que sou nativo dela, sem a tornar estranha? E, paradoxalmente, como entendê-la sem me submergir nela e olhá-la de dentro? O problema era, e continua a ser, o como se concretiza essa contradição, apenas aparente, entre afastar-me, para ser estranho, e integrar-me para (voltar a) ser um com o objeto do meu estudo, ao ponto de me tornar, eu, o novo estrangeiro, numa voz legítima, de dentro.

O pesquisador, com viés etnográfico, deve se questionar e considerar as observações formuladas por Fino (2008). A etnografia é um processo orientado fundamentalmente pelo senso questionador do etnógrafo justamente por não seguir nenhuma técnica ou procedimento pré-estabelecido para registrar as observações feitas no campo. A etnografia, como

abordagem de investigação científica, contribui para a pesquisa qualitativa que se interessa por fatos sociais.

O projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”, foi uma pesquisa qualitativa com foco na experimentalização na criação de um *Podcast* e utilizou-se das proposituras da etnografia educativa a fim de validar as ações efetivadas durante a investigação da criação de um *Podcast-rádioweb* e, desta maneira, criar uma escola promotora de valores sociais refinados e de essência para uma convivência pacífica dos seres humanos. Para isso, utilizou-se das tecnologias digitais contemporâneas produzindo programas de entrevistas que atenderam ao interesse da comunidade escolar e global, também, pretendeu-se ampliar esta ação, além de um aplicativo no celular, no *blogspot*, como fonte de informação formativa voltada a uma cidadania ecológica.

4.2. RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA INSTALAÇÃO DE UMA RÁDIO ESCOLA PARA UM *PODCAST*

Nesse relato de experiência, valorizamos o processo em si, mais importante do que o produto final o *Podcast*, objeto, aqui, escolhido para análise de uma ação interventiva através de ações propostas no projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”, que nos serve como registro de impressão, de descobertas, de feito funcional ou não funcional durante as atividades da instalação de uma rádio escola para um *Podcast* permitindo-nos pensar sobre o que se fez e sobre como melhorar o que foi feito.

Os pressupostos teóricos da educação apresentados, fundamentaram o entendimento da nossa ação educativa e, quando necessário, o retornamos para justificar as atividades realizadas. Empregamos a metodologia etnográfica por sermos partícipes do processo e, ao mesmo tempo, observarmos o objeto de análises.

A intervenção aconteceu na escola Municipal de Ensino Fundamental, situada no Município de Santa Rita. Na primeira etapa, pré-produção, aplicamos as atividades nas turmas do 6º ao 9º anos, com a participação de cento e cinquenta alunos. Na segunda etapa, a produção, realizamos inscrições de alunos que se interessaram pela atividade radiofônica da pré-produção, tivemos a participação de 20 alunos e, na terceira etapa, a pós-produção, confiamos a um grupo de quatro alunos que tinham acesso à internet a incumbência de finalizar e publicar o *Podcast*.

Dividimos este relato de experiência em encontros de pré-produção, produção e pós-produção (Anexo 1). Decidimos assim porque nossa pretensão foi experimentar a nossa

prática ao modo da pedagogia do audiovisual. Eles foram agendados de acordo com as necessidades de execução de atividades relacionadas à criação de um *Podcast-rádioweb*. Também procedemos, assim, por acreditarmos ser uma maneira mais fácil de ensinar a instalação da rádio escola – *Podcast*, que exige ação diferenciada daquela que costumamos aplicar em sala de aula. Salientamos, também, que os encontros se caracterizam em dois aspectos, os formais dentro da sala de aula e os informais, fora da sala de aula e com alunos multiseriados. Eles são constituídos de momentos distintos, mas interligados.

Os dez primeiros encontros de pré-produção referem-se à organização, ao incentivo, aos contatos pessoais, às questões peculiares da criação do *Podcast*, produto midiático etc. Foram 10 encontros divididos em cinco formais e cinco informais. Eles ocorreram nos dias 13, 20 e 27 de abril, 02,04, 09, 11,16,18 e 28 de maio de 2016.

O trabalho se iniciou motivado pelo propósito de resgatar a rádio escola de maneira diferente da que havia que era a cargo da supervisora, agora teríamos como protagonista os alunos. A rádio escola se direcionou à comunidade interna da escola, e, posteriormente, o *Podcast – rádioWeb* foi direcionado ao público extra escolar, dando maior visibilidade à comunidade escolar.

Seguimos os trabalhos na fase de produção, nos dias 30 de maio e 1º,06,08,15 de junho de 2016, tivemos cinco encontros informais com turma multiseriada no contra turno, com o objetivo de desenvolver os temas já acordado com a comunidade na fase de pré-produção e registrá-los em um áudio com recursos mais dinâmicos e atrativos no *Podcast*.

Vimos que não só é possível como é extremamente gratificante a produção dessa mídia devido ao fato de usar ferramenta que empolga os alunos e, sobretudo, conhecer os conteúdos que despertam o interesse e a curiosidade deles. Quando convidamos os discentes a participarem desta ação educativa, houve inquietação e surpresa. Não é preciso dizer que esse entusiasmo estava relacionado ao fato de usarmos as TICs, precisamente, o celular, a rede, computador, microfones, entre outros, para realizarmos a rádio escola - *Podcast* mediante uma linguagem que conhecem no dia a dia.

Na terceira e última fase de construção do *Podcast*, aconteceram inúmeros encontros informais devido ao fato de ser, esta fase de pós-produção mais direcionada ao trabalho criativo e uso de recursos técnicos exigindo poucos alunos para a sua realização. Iniciou-se nos encontros formais nos dias 02/09/16 de agosto, e estendeu-se até o mês de outubro em encontros informais.

O trabalho teve um roteiro previamente estabelecido, mas não foi totalmente seguido. Durante as atividades mudou-se devido às situações imprevistas e as necessidades detectadas

na hora das atividades. Então, optamos por fazer anotações e ao final da pesquisa organizar um roteiro ‘programático’ de acordo com o que aconteceu. (Apêndice A)

4.2.1 A pré-produção no processo de instalação da rádio escola *Podcast*

4.2.1.1 Primeiro encontro – Dialogando a gente se entende!

No dia 13/04/2016, apresentamos o projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”, no horário das aulas, em um bate papo-informal, na quatro turmas em que a professora pesquisadora leciona. Discutimos as mídias atuais, principalmente, a TV e as redes sociais que influenciam muito a vida dos adolescentes estabelecendo modelos e padrões culturais. Discutimos o que é sustentabilidade, cidadania, ecologia, protagonismo etc.; enfim, tudo de forma simples e exemplificando com textos publicitários (Anexo 2).

Isso se deu em uma roda de diálogo, na hora das aulas de língua Portuguesa, em quatro turmas do 6º ao 9º ano, para as quais a pesquisadora leciona. O objetivo, neste momento, foi o de perceber o grau de interesse que a instalação de uma rádio escola – que, no decorrer das ações, fora transportada para um *Podcast* – traria a essa comunidade escolar; também, pretendeu-se observar, detalhadamente, o contexto sociocultural da comunidade envolvida através de temas por ela proposta e por fim definir os participantes efetivos deste evento comunicativo.

Depois, procuramos saber: quais as mídias a que eles tinham acesso? Qual a importância delas na nossa vida? Indagamos, também, sobre qual a experiência deles com a rádio.

Obtivemos as seguintes respostas dos alunos nomeados, aqui, por letras. O X “normal, a escola devia dar *tablets* pra gente e a rede pra gente entrar”. O G “bobagem essa pergunta, ninguém vive sem se comunicar nas redes sociais”. O M “minha avó é quem gosta de rádio”. Houve muitas respostas relacionadas ao rádio que referiam-se aos avós. Muitos alunos disseram que vivem conectados à rede, majoritariamente, pelo celular. O L “escuto muita música no celular” e que em sala de aula “o fone está sempre ligado”. As mídias sociais como *Facebook*, *WhatsApp*, *MSM* foram as mais citadas. Ainda, falamos da nossa intenção de retomar uma mídia radiofônica na escola. Esse desejo nos ocorreu devido à existência, na escola de um aparato radiofônico – mesa de som, caixas de som e microfones – quase sucateado.

Convidamos os alunos a assumir essa mídia de comunicação já existente na escola, mas que estava desabilitada. Depois disso, dialogamos como fazer uma rádio escola. Reforçamos a ideia do protagonismo estudantil. Nela, eles podem se expressar, emitir opinião sobre fatos cotidianos da escolar e do bairro, entre outros. Citamos o exemplo da coleta de lixo que estava atrasada e o lixo que se produz na escola. Quem são os responsáveis? Só quem joga o lixo no lugar errado? Quem vê e não diz, nem faz nada tem alguma coisa com essa atitude? Não fui eu, não tenho nada com isso? Então, o que podemos fazer para mudar isso? Apresentamos um panfleto publicitário – Queimada é crime! Nele há informações sobre a queima de pneus, algo bastante comum na comunidade (Anexo 3)

Ouvimos algumas opiniões dos alunos sobre a proposta apresentada em sala de aula que justificam a roda de diálogo. Z disse: “Acho que é importante porque a gente vai dizer o que a gente sente”. O D “acho perigoso porque tem muita gente que faz isso e não aceita ouvir a verdade”. O C “Acho bom, a gente vai poder dizer o que a gente quer”. O L “acho legal porque a gente aprende se divertindo”. O M “acho bom porque a gente vai fazer coisa diferente...”. Acrescentando, a isso, há um áudio enviado por uma avó pelo *whathsApp* expressando o medo que ela sentia pela neta estar participando desses assuntos que se pretendem abordar no *Podcast*. (Apêndice B)

Ao analisarmos esta atividade, vimos que ela contempla o pensamento de Freire (1996), ao enfatizar que o ensino-aprendizagem deve passar por etapas importantes como a roda de conversa, trazer novidade, conhecer a cultura do lugar, oportunizar, aos educandos, a criticidade, a ética (manifesta-se espontaneamente), o respeito e, também, colocar em pé de igualdade quem ensina e quem aprende.

Para a ecopedagogia e a cidadania planetária (GUTIÉRREZ; PRADO, 2002), a aprendizagem passa pelo processo de desenvolver o pensamento de cada participante, e que o cotidiano das nossas vidas está diretamente ligado à ecologia. Ainda, a educação está centrada na formação do cidadão que está comprometido com a vida.

O entusiasmo para retomar a rádio escolar fora animador. Assim, em um bate papo informal, discutimos as regras sociais de uma boa convivência social que passa pelo respeito da opinião dos outros, pelo compromisso de todos na realização das atividades constituintes da mídia proposta. Assim, podemos falar de tudo com responsabilidade. Ressaltamos!

Prosseguimos em uma roda de diálogo estimulada pela leitura do livro “O que fazer? Falando de convivência”, de Iacocca; Iacocca (1993). A estrutura desse livro é constituída de indagações relacionadas a situações do cotidiano, todas ilustradas com desenhos coloridos semelhantes aos de revistas em quadrinhos. As perguntas nos leva a

refletir sobre atitude cidadã de solidariedade e ética. Lemos as questões para ouvir a opinião dos alunos e, assim, desenvolver a oralidade e conhecer melhor a comunidade em estudo.

No livro, as indagações são construídas com uma mesma estrutura utilizando-se do condicionante SE para simular possíveis acontecimentos, tais como: “O que você faria se encontrasse uma caixa de canetas coloridas no pátio da escola? O que você faria se visse um garoto dando tapas em uma garota? entre outras. Trecho do livro em quadrinhos (Anexo 4).

Percebemos que as respostas dadas a essas questões ocorriam sem nenhuma censura. O S “não faria nada, não era da minha conta”. O D “o problema é deles ninguém tem que se meter”; O G “eu ajudaria e dizia a mãe dela”. O M “eu entregaria na direção”. Risos! E muitas outras respostas foram dadas que não consideramos adequadas para resolver as questões.

No entanto, a atividade nos ajudou a entender os valores socioculturais existentes na comunidade escolar. E que temos muito que trabalhar as relações humanas no sentido de civilização que respeita a opinião dos outros. Inclusive a nossa que sempre estamos esperando algo que condiga com nossa cultura de utopia de um mundo sem conflitos de valores, de éticas e que todos vivam em paz.

A maioria se sente muito à vontade para falar sobre o desrespeito, de pegar as coisas alheias, de fofocar, de se vingar, de revidar a uma atitude violenta. A leitura do livro foi de grande valia, pois ajuda-nos a enfrentar situações cotidianas de maneira lúdica baseada na relação interpessoal, nos atos do cotidiano. As indagações nos convidam a nos posicionarmos diante dos acontecimentos corriqueiros; tratam-se de perguntas permeadas de valores éticos.

Essa atividade foi necessária devido ao teor de agressividade percebida na fala e nos gestos de alguns alunos quando alguém discordava deles.

Colocamos perguntas mais direcionadas às atitudes relacionadas às atividades radiofônicas:

1. Como podemos fazer uma rádio escola - *Podcast*, que reflita os acontecimentos do nosso dia a dia?

2. Como vocês descrevem uma pessoa capacitada para falar à rádio escola?

3. A leitura do livro estimulou a sua fala? Por quê?

No caderno de anotações, fizemos algumas observações relacionadas à fala dos alunos. Alguns alunos disseram que têm pavor de falar em público, outros disseram que não se incomodavam que se sentiam à vontade, pois quando querem dizer alguma coisa, dizem e pronto. As alunas demonstraram mais medo de falar em público e disseram que sentiam a voz

travar, as pernas tremerem e a garganta ficar seca... Muitas vezes os meninos se imiscuíam na fala das meninas.

Todos adoraram a leitura do livro e disseram que tinha muito a ver com a vida deles e alguns acusaram os colegas de terem mentido ao responderem as perguntas do livro. Alguns acharam besteira esse negócio de rádio, porque já estava fora de moda, era coisa de velho. “Agora fazer na escola é bom porque é uma coisa diferente”. “Para falar na rádio tem que ser uma pessoa sem vergonha, ou seja, sem timidez, que goste de se mostrar” e apontaram para os alunos mais inquietos.

Desta maneira, no nosso entendimento, contemplamos o pensamento de Gadotti (1993) quando descreve uma escola cidadã como uma escola que permite desenvolver o princípio democrático, desenvolver cultura e valorizar pessoas.

Solicitamos aos alunos que trouxessem temas que gostariam de expor oralmente aos colegas em uma simulação de rádio. À medida que os alunos escolhiam o tema para o trabalho, anotávamos na lousa organizando-os em uma lista de temas. Após esse momento, os alunos formaram grupo de acordo com o tema de interesse. Os temas sugeridos: as doenças provocadas pelo mosquito *Aedes aegypti*: dengue, zica, chicungunya; Doença respiratória: a gripe H1N1 e doença sexualmente transmitida a Aids; Problemas relacionados ao meio ambiente: esgoto a céu aberto, lixo em terreno baldio, poluição da água; ainda, citaram violência, uso de palavrões, indisciplina na escola, vandalismo, liberação da maconha entre outros. Fizemos alguns registros fotográfico do entorno da escola e do bairro para justificar a coerência com a escolha dos temas. (Apêndices C)

Diante dessas escolhas temáticas, vimos como os alunos se relacionam com o mundo e com os fatos que acontecem no seu dia a dia. Há muita preocupação com as doenças, com os comportamentos violentos e com o meio ambiente. O desafio neste instante é conciliar a diversidade de temas a serem trabalhados simultaneamente. Procuramos compreender a interrelação entre a natureza, o social e o humano. Entendemos que a compreensão da realidade é fundamental para todos os envolvidos nesse processo e ressaltamos o protagonismo como caminho para exercer a cidadania.

Boff (2012), diz que a educação exige diferentes práticas para o ensino-aprendizagem. Ele realizou palestras focadas em quatro ecologias. A ecologia ambiental como algo interligado dentro de nós; a ecologia político social diz respeito às relações interpessoais, a ecologia mental diz respeito à consciência cósmica e a ecologia integral constitui o sentido da vida em toda sua dimensão e em todos os sentidos.

Analisando as temáticas sugeridas pelos alunos, vimos que elas estão correlacionadas com o autor quanto à preocupação com a vida. Com isso descobrimos que os nossos alunos estão mais preocupados com a preservação da vida do que parece. Também, notamos um sentimento de impotência diante da cultura do descaso com o bem natural.

Nessa atividade percebemos, igualmente, o desenvolvimento de competência interpessoal, social e afetiva. Além de encontramos o envolvimento do aluno no processo de aprendizagem porque proporcionamos a eles o direito de escolher o que quer aprender, discutir e mudar.

Desafiamos os alunos a transformarem o tema em uma entrevista entre os membros do grupo, utilizando-se do tema já definido. Cada grupo ficou com um tema. Os grupos aprofundaram os temas pesquisando-os nos livros didáticos, fazendo observações do que viam nas ruas do bairro, na vizinhança da escola, no caminho de casa etc. Lemos o texto (Anexo 5) – A entrevista, disponível em: <http://profpaulo.weebly.com/entrevista.htm> e a Preparação da entrevista, disponível em <http://pt.slideshare.net/lena21fernandes/diferentes-tipos-de-textos-163412751>. Continuamos trabalhando a oralidade indagando aos alunos sobre:

1. O que é uma entrevista?
2. Quem já leu, assistiu ou ouviu uma entrevista?
3. Onde podemos encontrar uma entrevista?
4. Vocês já viram os pais de vocês ouvindo alguma entrevista em uma rádio?

Nas nossas anotações, vimos que os alunos de certa forma sabem distinguir uma entrevista de um noticiário. E definem a entrevista como uma conversa entre o repórter e as pessoas famosas, autoridades entre outros. Para melhor esclarecimento, vejamos algumas respostas. O G “eu vi na televisão uma entrevista com o cantor Wesley Safadão; O F “eu tenho um recorte de jornal com Michel Jackson, onde ele diz que o pai dele o forçava a cantar”; O M “li na revista caras uma entrevista com Emy Winehouse, tem uma parte que ela diz que usa droga... eu a acho uma grande cantora, agora, o povo só fala dela como uma drogada...” . Portanto, consideramos que, de certa forma, os alunos mostraram identificar o gênero entrevista e os suportes que o comporta.

Obtivemos uma resposta que muito nos interessou devido ao tema pretendido à pesquisa que é criar diálogo à cidadania ecológica e, além disso, devido ao teor dramático e à preocupação de H, insistindo obter, urgentemente, uma confirmação. Quando falamos dos temas relacionados ao meio ambiente, ouvimos a seguinte questão de H “Eu ouvi no rádio lá em casa, uma pessoa conversando com o repórter dizendo que se a gente não cuidar da terra ela vai acabar, ela não aguenta..., a gente é que se acaba, a terra fica, como é isso?” A essa

questão dissemos algo bem genérico, falamos da poluição do ar, da camada de ozônio e da destruição da natureza e desta forma fica muito difícil o ser humano viver na terra. Expliquei que quem precisa da natureza somos nós. Ela vive sem nós!

A discussão saiu das doenças que assolam a comunidade para a outra questão proposta por eles, que fora o meio ambiente. Os alunos apontavam soluções já conhecidas para o cuidado com o lixo. Falamos da separação do lixo em plástico, vidro, papel e orgânico, mas quem é responsável por isso nesse lugar. Ninguém sabe! A comunidade acha que alguém tem que fazer por eles. Também, não acreditam que o prefeito resolva o problema do esgoto a céu aberto, o saneamento básico, e vários palavrões foram contidos nesse momento.

Os alunos sabem dos riscos e das doenças causadas por estas situações, no entanto, eles não se propõem a resolver problema dos próprios lixos, só atribuem tal responsabilidade às autoridades. Com razão, pois, sem saber que destino dar à coleta seletiva, fica complicado arrumar a casa.

Lemos a fábula do Beija-flor na floresta que faz a aparte dele de apagar o incêndio enquanto todos correm (Anexo 6) e concluímos que o problema é de todos, mas também individual.

Ficamos bastante satisfeitos com o debate caloroso, pois só o fato de trazemos situações cotidianas para dentro da sala de aula, por si só, já é bastante significativo. Ainda, reforçamos a ideia de que o ser humano não está fora do meio ambiente, ele é parte integrante dele, e temos direitos e deveres a serem cumpridos, pois, só assim, teremos uma sociedade justa.

4.2.1.2 Segundo encontro – Simulação de uma rádio escola

No dia 20/04/2016, construímos uma “cabine” de papelão onde os grupos se apresentaram fazendo de conta que estavam distantes dos ouvintes. Nela, colocamos um pequeno aparelho de rádio com microfone acoplado. Após a instalação do ambiente radiofônico, os grupos dirigiam-se até o lugar, previamente construído, e expuseram a conversa em forma de entrevista construída entre eles, e os outros grupos ficaram escutando a “rádio escola”. Para encerrar esta ação os grupos usaram o gravador do celular para fazer um áudio das entrevistas que passariam por uma edição e seriam levados para a rádio escola *Podcast*. Ao fim das gravações, usamos o *bluetooth* para enviar os áudios ao celular do editor. Obtivemos 7 áudios, na pré-produção, com os seguintes temas: 1. Namoro na escola e vandalismo; 2. Violência cotidiana; 3. O clima da região; 4. Palavrões; 5. Aids; 6. A natureza e

7. Mosquito *Aedes Aegypti*. temos as fotos da simulação da rádio escola e a transcrição dos áudios (Apêndice D).

Analisamos os 7 áudios produzidos pelos alunos, transmitidos via *bluetooth*, tecnologia que dispensa *wi-fi*, para o celular do pesquisador. Eles careciam de ser mais trabalhados, principalmente a voz dos alunos, já que muitos ficaram extremamente inibidos ao falarem ao microfone. Muitas falas ficaram inaudíveis. Algumas entrevistas não seguiam uma lógica de pensamento. As informações pesquisadas foram transmitidas, embora alguns grupos não conseguiram transmitir com clareza o que queriam. Porém, notamos que havia muita satisfação ao se fazer essa gravação. Muito refizeram sem nenhuma queixa. Pediam para sair da sala de aula e gravar num lugar isolado, sem barulho. Havia uma efervescência entre os alunos nunca vista em outras atividades.

Propomos ampliar os áudios em uma caixa de som maior para que todos percebessem a individualidade das vozes. Consideramos este momento muito tenso porque alguns alunos ficaram muito nervosos. Alguns alunos nos procuraram, isoladamente, para pedir que não mostrássemos o áudio do grupo dele. E o grupo entrou em conflito (uns queriam outros não). Quem não queria, geralmente, era o locutor, justificando que a voz era feia e os outros “iam mangar”. E quem queria argumentava dizendo que era o trabalho deles, que valia nota, “não é, professora?”. Vale salientar que em nenhum momento dissemos que daríamos notas a essas atividades. Tentamos evitar isso para averiguar se os alunos almejam aprender sem ter que receber uma nota por isso, que a motivação estivesse apenas na atividade de aprendizagem sem que lhes fossem dados premiações além da aprendizagem em si.

Anotamos uma fala que nos alertou. O Y disse: “Professora, guarde o áudio só pra senhora...”. Acalmamos a discussão ressaltando que não estávamos fazendo concurso de voz, estamos valorizando a voz de cada um e que cada voz tem suas peculiaridades. E que, ainda, iríamos editar os áudios, colocar efeitos sonoros... Aproveitamos o momento para descobrir os alunos que tivessem um pouco de domínio em programa de computador. O A falou que já tinha feito desenho animado e estava tentando fazer um aplicativo para o celular, onde as pessoas jogassem xadrez conversando umas com as outras na hora do jogo. Convidamo-lo para fazer parte da edição dos áudios.

Para a edição dos áudios, selecionaríamos e melhorariamos os áudios que deveriam ser transmitidos à comunidade escolar na rádio escola, se o grupo permitisse, é claro. Para colorir ainda mais este momento, ouvimos de F a seguinte expressão: “a gente pode ser vista pela propria [sic] voz”. Os alunos riram muito desta frase e alertamos: “não esqueçam que o olhar do cego está na audição”.

Encontramos, nas anotações elementos interessantes percebidos na hora em que os grupos estavam gravando. O T “fala alto, senão, ninguém vai escutar”. O B “Tu tá falando muito rápido”. O P “se tu gaguejar ninguém vai querer escutar...”. Nessas falas, a preocupação era só com a velocidade e altura da voz. Nenhum aluno corrigiu os colegas sobre a variável social da língua ocorrida nesse momento, ou seja, está falando certo, está falando errado. Acreditamos que não deveríamos entrar nesse mérito, pois não era o nosso foco de trabalho. A ideia principal era que a comunicação fosse feita à maneira deles e o jeito de falar deveria ser respeitada, muito embora pegássemos fazendo observações sobre o uso formal da língua e ouvimos, “Ah! Professora, a gente fala assim”. Percebemos, nessa fala, a resistência ao estudo da língua.

Seguimos trabalhando com a proposta de ampliar a competência comunicativa da oralidade dos alunos e isso por si só já era um grande desafio. Fazer com que eles falassem ao microfone dando as suas opiniões, já é um trabalho e tanto. Apenas, ressaltamos que os programas radiofônicos feitos por profissionais da comunicação procuram contemplar a linguagem oral e a escrita, ou seja, a escrita está muita próxima da oralidade e que devemos procurar mais formalidade à língua para que todos entendam a nossa comunicação.

Outra ocorrência destacada nas nossas anotações diz respeito à escrita. Em nenhum momento, anterior a este e nem neste, solicitamos a escrita, pois ela aconteceria em um momento posterior aos exercícios da oralidade, ou seja, a conversa na rádio escola. Então, fomos surpreendidos com a solicitação dos alunos, indagando se podiam escrever. Respondemos que sim, mas também, procuramos saber o porquê dessa necessidade de escrever uma conversa. A resposta foi unânime: “pra não esquecer, a gente fica muito nervoso”.

Nessa resposta, vimos que o texto escrito era o rascunho da fala do locutor, já prevendo o estado emocional dele. Podemos dizer, além disso, que ela aconteceu devido à interação social advinda de uma necessidade de comunicação.

Para Antunes (2003, p.45) “uma visão interacionista da escrita supõe encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão das ideias, das informações e das intenções pretendidas”. Para Koch; Elias (2014, p.36), “a escrita é um trabalho no qual o sujeito tem algo a dizer e o faz sempre em relação ao outro (o seu interlocutor/leitor) com certo propósito”. Para a escrita acontecer, é preciso ter clareza de fases distintas, ou seja, para que, para quem, onde, quando e o suporte de veiculação da escrita.

No caso dos nossos alunos, a escrita aconteceu por uma necessidade de registro para não esquecer o que fora conversado no grupo e a ideia partiu do indivíduo escolhido para ser o locutor da rádio escola, ou seja, ele estava comprometido com as ideias do grupo e não queria perdê-las, então, a escrita resolveu a questão do esquecimento e ficaram claras as etapas da escrita. Portanto, nessa atividade de escrita, os alunos colocaram, no papel, algo que foi dito pelos colegas e desejavam dizer para outros e, assim, promoveram a interação sócio-comunicativa.

Ressaltamos que os papéis com as anotações não foram entregues à professora, pois disseram que iam passar a limpo e depois entregariam, e isso não aconteceu. Sentimos que o que estava valendo e os empolgavam eram as gravações dos áudios e isso é comprovado pelas apresentações dos áudios de todos os grupos.

4.2.1.3 Terceiro encontro – Ampliando a nossa voz!

No dia 27/04/2016, entregamos e lemos o texto 1. Timbre vocal, o texto 2. Exercitamos a nossa dicção com o texto retirado do manual de dicção e o texto 3. Dez dicas para melhorar a dicção (Anexo 6). Após a leitura dos textos, discutimos o que se percebeu na voz que escutamos. Iniciamos falando da importância do tom da voz, do timbre, do volume, da dicção e do ritmo da fala. Além disso, lembramos que esses elementos são importantíssimos para a compreensão de quaisquer textos e, especialmente, do texto radiofônico e o dramático. Para que os alunos percebessem essa importância sonora, avisamos que, no próximo encontro, faríamos vários exercícios de percepção sonora.

Continuamos o trabalho de percepção sonora através de exercícios que sensibilizassem a audição e a produção de sons vocálicos representativos de espaços físicos registrados na memória e nos ambientes em que estamos inseridos no momento.

Solicitamos aos alunos que percebessem a sonoridade presentes em vários espaços físicos, tais como, a rua, a cozinha, o rio entre outros e os reproduzissem. Indagamos: quais são os sons da rua? Quais são os sons da cozinha? Quais são os sons da natureza? Entre outros. Em seguida, pedimos que os alunos identificassem e reproduzissem os sons de vários materiais que estavam presentes na sala de aula e indagamos:

1. Qual é o som da voz do professor(a) irritado(a)?
2. Qual o som das cadeiras sendo arrastadas?
3. Qual é o som do celular quando está no despertador? Entre outros.
4. Qual é o som de todos falando ao mesmo tempo? Entre outros.

Dando continuidade aos exercícios, desafiamos os alunos a imitarem a fala de alguém famoso ou mesmo de um colega. Esse último exercício causou polêmica porque houve um momento em que um aluno ridicularizou o colega e tivemos que interferir. Na hora da avaliação desses exercícios, percebemos o quanto foi bom para uns, o quanto foi péssimo para outros e como é delicado trabalhar com a individualidade de cada um.

Depois desses exercícios percebemos que os alunos estavam mais à vontade para falar. Compreendemos, também, que o tom da fala, a maneira como se fala tem muito a ver com a cultura de cada um. Concluímos que o nosso objetivo de estimular a oralidade estava sendo cumprido e que logo formaríamos o grupo de alunos que integrariam a rádio escola *Podcast*.

4.2.1.4 Quarto encontro – O que você costuma ouvir no rádio no seu dia a dia?

No dia 02/05/2016, prosseguimos trabalhando na sala de aula nas turmas do 6º ao 9º ano. Colocamos uma lista de programas radiofônicos na lousa para sabermos quais deles era os preferidos dos alunos. Para registro de resposta, usamos traços na lousa e o resultado foi o seguinte:

Programas radiofônicos	O que você costuma ouvir no rádio no seu dia a dia?				
	6º A	7º A	8ºA	9ºA	Total
Jornalístico	-	-	02	05	07
Infantil	-	-	-	-	00
Humorístico	08	01	05	02	16
Entrevista	-	-	-	-	00
Esportivo	03	15	09	08	35
Interativo	-	-	-	-	00
Comportamental	-	-	-	-	00
Religioso	05	08	07	09	29
Ambiental	-	-	-	-	00
RádioWeb	-	-	-	-	00
Musical	10	12	15	20	57

TABELA 1 - Resultado da preferência dos alunos pelos programas radiofônicos

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Constamos, na tabela 01, que os adolescentes têm muito interesse em programa musical e que, na roda de diálogo, percebemos que o *reggae* e o *funk* compõem o universo musical dos discentes. Poucos referem-se à Música da MPB e dizem que quem gosta desse tipo de música são os professores.

Além disso, procuramos conhecer a preferência do tipo de programa das pessoas próximas dos alunos. Procedemos da seguinte maneira, entregamos um questionário (Apêndice E) com todos os programas listados na lousa para que eles entrevistassem as pessoas circunvizinhas e parentes com quem eles convivem diariamente, em seguida,

solicitamos que elaborassem um relatório descrevendo como fora essa experiência de pesquisa. A atividade seria executada em casa.

De 100 questionários entregues foram devolvido 59. Quem não o devolveu ficou protelando, “amanhã eu trago”, e terminou não trazendo, outros disseram que não sabiam onde guardou o relatório e outros não justificaram. Durante este relatório, encontramos muitos relatos de atividades não cumpridas e muita procrastinação. Acreditamos que isso ocorreu devido a não atribuição de nota às ações, já que é um hábito comum a todos os estudantes fazer algo em troca de nota. Então, procuramos trabalhar com os questionários recebidos. Vejamos as respostas coletadas pelos alunos na comunidade em que moram.

Programas radiofônicos	Sim	Não
Jornalístico	10	03
Infantil	02	07
Humorístico	12	03
Entrevista	03	06
Esporte	05	02
Interativo	05	03
Comportamental	02	08
Cultural	02	09
Informativo	09	02
Religioso	10	00
RádioWeb	00	00
Musical	10	00

TABELA 2 - Resultado da pesquisa feita pelos alunos na comunidade que habitam

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Analisando o resultado da pesquisa feita pelos alunos, observamos que há empates quanto aos programas de jornalismo, de religiosidade e de música. Os alunos disseram que as mulheres são mais receptivas a responder, e os homens acham isso besteira. Além disso, não devemos levar a pesquisa 100% confiável, visto que muitos alunos, segundo outros discentes, deram a resposta ao questionário pensando só em ganhar nota, sem dar a devida importância a um dos objetivos da pesquisa que é conhecer a preferência dos programas radiofônicos da comunidade e, a partir deles, interferir e criar programas relevantes para todos.

Novamente, os alunos nos surpreendem com atitudes que não indicamos. O aluno Z não se contentou apenas em indicar o programa que ele gostava e nos entregou o texto: “Professora, olha o que eu escrevi”. O texto descrevia um programa de humor.

Resolvemos colocar o texto na nossa pesquisa por entendemos que o texto representa muito bem a fala de muitos alunos na roda de diálogo. Vejamos a redação do aluno Z

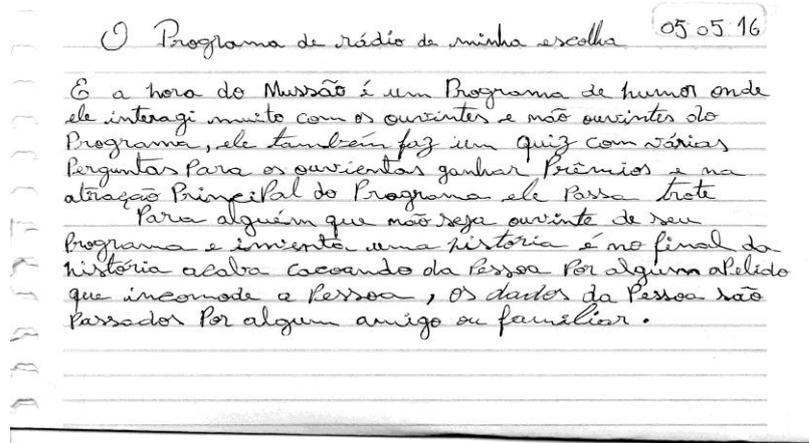


FIGURA 1 - Redação do Aluno Z – O programa de rádio da minha escolha
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

O programa de humor o “mussão”, a que o aluno alude na redação existe há quase 20 anos e o personagem Mução se tornou o maior nome do humor no rádio brasileiro, conquistou o país inteiro com suas piadas e pegadinhas. Semelhante a este e com um vocabulário de baixo escalão, há um programa de rádio “Chumbo Grosso”, feito pelo locutor e repórter Anacleto Reinaldo (Já falecido), líder em audiência em Santa Rita, pela 1005.F. Para mais informações complementares acerca deste programa – tido como o de maior audiência de rádio no estado da Paraíba – acesse o site <https://www.youtube.com/watch?Eraq8>.

Temos o dever de explicar que a nossa visão sobre o programa é bem diferente da comunidade, a nosso ver, ele é um desrespeito aos ser humano, mas devemos respeitar a cultura do outro, no entanto, devemos questionar como é feito esse humor e, sobretudo, a linguagem nele empregada.

Nessa descrição, percebemos que o humor está em fazer pegadinhas com os ouvintes e provocá-los até as últimas consequências. Verificamos que o programa classificado como humorístico nada mais visa além de ridicularizar as pessoas com a ajuda dos parentes, isso traz um tom de brincadeira, porém, a linguagem é de baixo calão.

Para concluir esta fase da entrevista com a comunidade, solicitamos aos alunos um relatório contando como fora a experiência deles ao entrevistar pessoas fora da escola. Escolhemos os três relatos por representarem bem a sensação dos pesquisadores diante dos entrevistados.

Decidimos fazer uma entrevista por ser um gênero essencialmente oral e nela os alunos exercitaram a oralidade. Indagaram-nos se poderiam anotar as perguntas e as respostas para não esquecer. Dissemos sim, e mais uma vez a iniciativa da escrita parte dos alunos. Infelizmente, reduziu-se o número de aluno nessa atividade. Cada sala tem em média de 35 a

45 alunos. Destes há muitas faltas e transferências. Em cada sala de aula tivemos dois a quatro relatos por turma, escolhemos apenas três que consideramos relevante para exemplificação.

Isso ocorreu mesmo depois de um alerta de que sem essas informações não saberíamos

Houve muitas respostas evasivas dizendo que não fizeram porque esqueceram, outros disseram que o povo é “chato” e que não gosta de responder essas “coisas”. As meninas dizem, sempre, que não têm tempo para fazer isso porque estão cuidando da casa e dos irmãos pequenos. Os meninos alegam que têm que ajudar o pai no serviço quando não estão na escola, entre outras justificativas, até então, compreensivas devido ao nível socioeconômico da comunidade. Desta maneira, entendemos com mais clareza como se processam as relações sociais e a cultura da localidade.

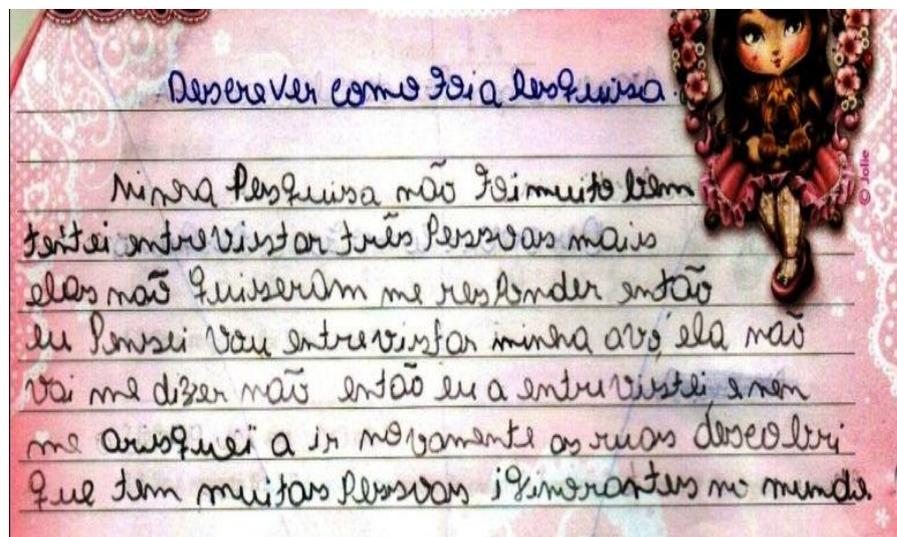


FIGURA 2 - Relato de experiência de pesquisa 1
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

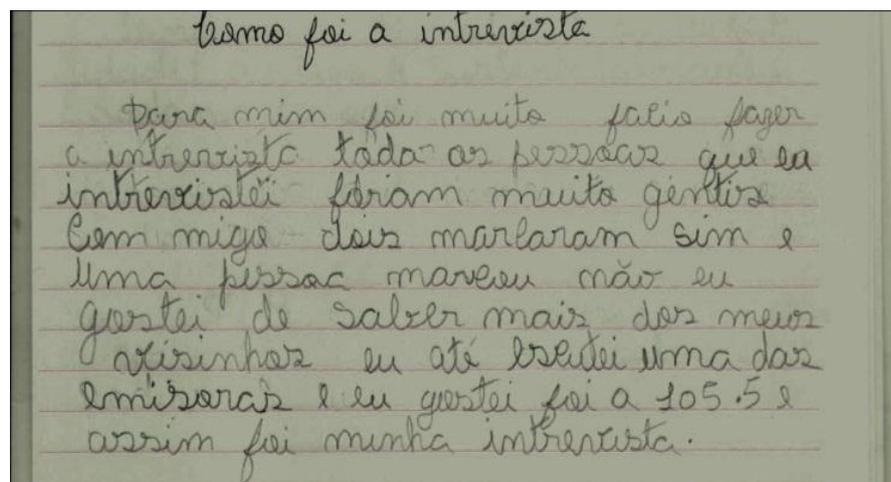


FIGURA 3 - Relato de experiência de pesquisa 2
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Descrever como foi a entrevista
 Foi boa, mas a maioria das pessoas que eu
 entrevistei não escuta rádio, só assiste pela
 TV, os programas: jornalísticos, esportes, religio-
 sus, humorísticos, é isso. Agora com as TVs
 digital as rádios ficaram para trás.

FIGURA 4 - Relato de experiência de pesquisa 3
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Nos relatos dos alunos, percebemos que os acontecimentos comuns a todos se referem a alguns entrevistados atenderem bem, outros não e à mudança do rádio para a televisão. Mas as experiências de entrevistar as pessoas não é tida como negativa, como justifica a própria escrita de J “foi bom”, e de N “foi facio[sic]”. Apenas X teve uma experiência negativa “tem muitas pessoas ignorantes no mundo”. Mas X não desiste da atividade e a realiza com a pessoa mais próximo dela, a avó.

Diante dos dados colhidos dentro e fora da comunidade escolar, refletimos que não há o entendimento de que o rádio pode formar cidadão em seus vários aspectos, seja transmitindo informação em programa jornalístico ou mesmo com programas culturais entre outros. O rádio é apenas um passa tempo para alguns, embora os mais velhos acreditem ser o rádio uma maneira de se informar, principalmente aqueles que não sabem ler e não fazem uso das TICC. Essas conclusões foram elaboradas depois da roda de diálogo, seguida das entregas dos relatórios.

O rádio, para Brecht (1927-1932, apud MEDITSCH, 2005, p 42) é uma mídia positiva e, para “descobrir o positivo da radiodifusão, uma proposta para mudar o funcionamento do rádio: é preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação”. E nós acrescentamos que é preciso transformar os ouvintes de rádio em cidadãos críticos e seletivos das mídias comunicativas.

4.2.1.5 Quinto encontro – Todos juntos somos mais fortes!

No dia 07/05/2016, apresentamos o projeto da criação da rádio Escola-*Podcast* aos gestores, técnicos educacionais e professores do ensino fundamental básico I, de 1º ao 5º ano, PI e, do 6º ao 9º anos, PII, de uma escola Municipal de Santa Rita, no bairro Tibiri II.

A demonstração aconteceu no encontro de planejamento pedagógico. A discussão do projeto ficou no penúltimo lugar da pauta. Para orientar e informar melhor os participantes dessa reunião pedagógica entregamos, a cada um dos presentes, uma cópia resumida do projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”, no qual constava a propositura, objetivos gerais e os objetivos específicos (Apêndice F).

No início, convidamos todos os colegas a se integrarem nas ações desta pesquisa. Informamos, também, que já tínhamos começado o projeto nas aulas de língua portuguesa nas turmas da professora pesquisadora e gostaria de ampliar para as outras turmas. Todos os presentes na sala acompanharam a leitura do resumo do projeto e discutimos animadamente.

Houve muitos elogios à iniciativa e, para concluirmos a nossa fala, entregamos um questionário para ser respondido por todos os presentes. Buscamos saber, dos participantes da reunião, a importância da rádio, se ainda escutavam rádio e, em caso positivo, qual tipo de programa costumava ouvir. Foram entregues 40 questionários e só recebi, na ocasião, cinco, ficando os demais para serem entregues depois (o que nunca aconteceu).

Analisando o questionário para entendermos a recusa dessa devolução. Concluímos, com hipóteses, que ele deveria ter sido curto, muito embora a sua extensão deva-se à tentativa de facilitar as respostas com sim ou não e com uma justificativa da escolha feita. Por isso, elencamos um grande número de programas radiofônicos para escolha de apenas um deles, de acordo com a experiência do ouvinte, mas isso não fora entendido, apesar de terem sido dadas várias explicações sobre o que se esperava. Nos questionários recebidos não houve escolha de programas mais ouvidos e sim o preenchimento de quase todos os programas propostos

Coletamos as respostas dos 05 questionários recebidos e nomeamos os indivíduos por letra alfabética. O indivíduo A – não preencheu o questionário, mas fez uma observação no final da folha: “não ouço rádio há mais de 10 anos”; O B escreveu “ não tenho tempo de ouvir rádio” se referindo a quase todos os programas radiofônicos expostos no questionário e apenas para o programa de esporte escreveu “além de não ter tempo, detesto,” no final, ele fez a seguinte observação “pelo rádio, nenhum. Quando tenho tempo, só assisto à televisão”;

O C respondeu todo o questionário citando as rádios em que ocorrem os programas radiofônicos. Programas de entrevista, de jornalismo, de interatividade – A Rádio Sanhauá e CBN; O programa religioso – Rede Aparecida de Rádio e o programa musical – Rádio 100.5; O D respondeu: “não gosto” de programa religioso, de esporte e de humor; “não identifico:

programa infantil”; O programa de jornalismo, de comportamento, de cultura e de meio ambiente – a Rádio tabajara; rádio*Web*, na Banda News e o programa musical – Rádio Mix FM e Mix Retrô”; O E respondeu: “ não tenho interesse em programa infantil, de humor, de esporte e de interatividade”. Ele marcou sim no questionário para o programa de jornalismo da CBN e o de entrevista – Rádio Tabajara.

Dos indivíduos pesquisados, supomos que abrangem uma faixa etária entre 28 e 57 anos. Todos profissionais concursados, apenas o professor de geografia, o mais jovem, é prestador de serviço. Os professores são do ensino fundamental básico PI e têm especialização e os professores PII, os gestores e os técnicos educacionais têm formação educacional de nível superior.

Anteriormente ao questionário, houve uma discussão que decidimos mostrar aqui para compreendemos melhor a comunidade escolar. Surpreendemo-nos com algumas colocações: “não tenho tempo para ouvir rádio”, atribuindo a isso, a falta de tempo devido às atribuições da profissão, além disso, o desconhecimento de vários programas radiofônicos citados no questionário como programa infantil, de cultura, interatividade, de meio ambiente e, ainda, dizer que detesta o rádio e que ele já está fora de moda. Acreditamos que a televisão substituiu o rádio na vida dessas pessoas, pois quando as novelas entram na roda de diálogo todos dão opinião sobre os capítulos das novelas.

A impressão que tivemos é a de que os elogios dados ao projeto não foram verdadeiros, pois nenhuma atitude de engajamento efetivo aconteceu. Alguns professores louvaram o projeto dizendo que ele era importante porque desenvolve a oralidade e o protagonismo estudantil, também gostaram do resgate do material da rádio escola que já estava esquecido e iria se acabar. Alguns professores disseram que não gostavam de falar ao microfone e que tinham crise de riso nervoso toda vez que isso acontecia. Quanto à rádio*Web* acharam uma proposta bastante ousada. Observamos que os indivíduos não acolheram como uma boa ideia e responderem ao questionário na hora do planejamento, tanto é que só recebemos 05 de 40 questionários.

4.2.1.6 Sexto encontro – Visitando a Lan-house

No dia 11/05/2016, mostramos aos alunos mais de perto como uma rádio escola funciona. Para isso, usamos a rede de internet para aprofundarmos mais esse assunto. Diante desta necessidade, fomos até uma *lan-house*, próxima à escola, já que o laboratório de informática da escola estava sem funcionamento e não tínhamos rede instalada nele.

Orientamos os alunos a observarem onde ficava o aparato radiofônico instalado na escola, quais os tipos de programas eram transmitidos nela, se os alunos participam e o porquê de ela existir.

Os alunos se sentiram muito à vontade no contato com os computadores e demonstraram muita desenvoltura ao usá-los. Na hora da pesquisa, os computadores travaram e alguns disseram que iriam continuar a pesquisa em casa demonstrando que o uso desse meio já é algo extremamente natural entre eles.

Anotamos algumas observações feitas pelos discentes na hora que estavam pesquisando a rádio escola na rede. Embora tivéssemos pouco tempo para navegar, fizeram as seguintes ressalvas: “as rádios escolas têm um nome ..., os alunos usam camisetas com o nome da rádio para se identificar, os espaços são pequenos, mas eles se organizam e dá para trabalhar, não precisa muita gente dentro do espaço, e também, não precisa de muita coisa para funcionar”. Foram estas as percepções feitas pelos alunos.

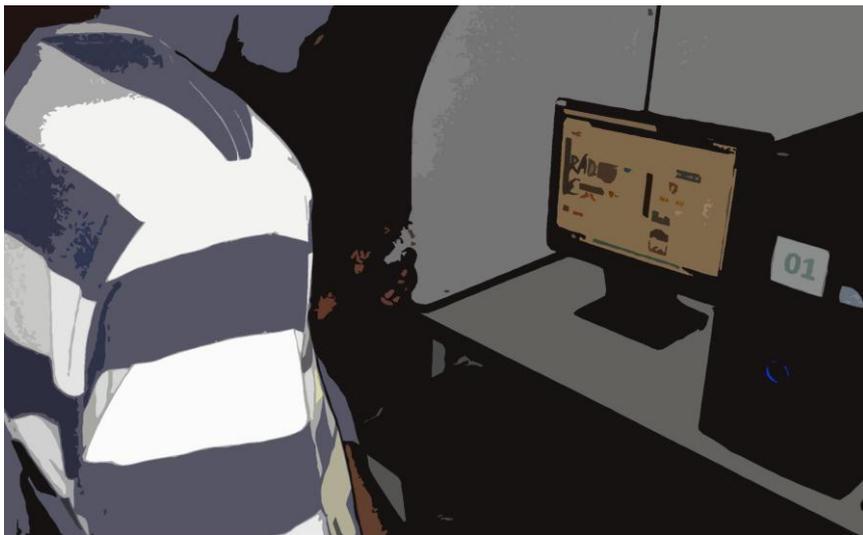


FIGURA 5 - Atividade em uma *Lan house* em Tibiri II, Santa Rita-PB.
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

4.2.1.7 Sétimo encontro - Aprendendo com vídeos (how to), no YouTube

No dia 16/05/2016, iniciamos a nossa roda de diálogo querendo saber da atividade anterior. O que mais ele tinha descoberto na *internet* sobre a rádio escola? Não nos surpreendemos com as respostas. Até que pensamos que seriam diferentes devido à empolgação com a atividade. Qual o quê! Foram as mesmas repostas de sempre. A de não ter feito porque não tiveram tempo. Porque tinham que cuidar dos irmãos pequenos e dos afazeres da casa, de ter que ajudar o pai no serviço. Concluimos que os nossos alunos só se

dedicam a fazer alguma coisa relacionado à escola quando estão dentro dela por N fatores que não vamos aqui apontar, mas que merece um estudo mais detalhado acerca da questão.

Neste momento, procuramos atender a um objetivo específico do projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”, conhecer o funcionamento da mídia radiofônica externa à escola e, em seguida, adaptar-se à existente na escolar. Pois bem, levamos os alunos para o auditório da escola e exibimos os vídeos em um data show. Esses vídeos são de pouca duração e estão locados no *YouTube*.

Houve intervalos entre as exibições dos vídeos para avaliação e os alunos disseram que gostaram do vídeo principalmente porque era uma adolescente que fazia a entrevista e que o “home (locutor) falava coisa que a gente entende” (Master *Web* rádio - minionline publicado no site <https://www.youtube.com/watch?v=He8cd6CCboY>). Todos disseram ter gostado muito do vídeo e que gostariam de conhecer uma rádio de verdade. Continuamos a atividade com o segundo vídeo que ensina como montar uma mesa de som. Na hora da avaliação, muitos não gostaram porque era “um negócio chato”. Acreditamos que isso ocorreu porque o vídeo apresenta-se em uma linguagem técnica, o que exigia termos, em mãos, o equipamento para manipulação.

Discutimos os vídeos em uma roda de diálogo e o grau de interesse despertado nesta atividade está registrado nas fotos (Apêndice G) que ilustram os alunos assistindo aos vídeos no auditório da escola. A primeira foto ilustra os alunos atentos ao vídeo em que uma adolescente entrevista um locutor de *rádioWeb*. Na exibição do vídeo, percebemos como funciona uma *rádioweb*, como é organizado o espaço, o ambiente e os equipamentos utilizados para uma rádio profissional. Além de o locutor responder a indagações sobre a função da rádio feita pela jovem entrevistadora, ele faz um comparativo da rádio nos seus primórdios com a *rádioweb* nas TICC, numa linguagem bastante acessível aos jovens. Na segunda foto, os alunos assistiram ao vídeo que exhibe o funcionamento de uma mesa de som, encontrado no site www.hosptrip.com.br. Ele exhibe uma mesa de som semelhante a que temos na escola. Observamos que este vídeo não despertou interesse em todos os alunos, apenas alguns se concentraram e depois, em uma conversa, informa descobrir que os pais trabalhavam ou já havia trabalharam com produto eletrônico e com mesa de som para *show*. Porém, ao avaliarmos este vídeo junto aos alunos, eles disseram que é legal e que a gente aprende mais assim. Desta maneira, ouvimos dos alunos a necessidade de ter um espaço só para a rádio, a confecção de camisa com o nome da rádio, entre outros.

Assim, continuamos a discutir as dificuldades de encontrar o lugar dentro da escola para instalar o equipamento da rádio escola. Isso provocou muito debate e embate, pois,

segundo a gestão, apesar de se possuir os aparatos tecnológicos, não havia espaços disponíveis para a utilização deles. Depois de muita negociação, ocupamos um espaço que estava entulhado de material escolar. Ele fica próximo à secretaria da escola. Visitamos o espaço e estudamos a melhor maneira de utilizá-lo e, no contra turno, organizamos o espaço que ficou muito aconchegante (Apêndice H).

Concluímos que, apesar de termos encontrado o espaço ideal para rádio escola, não estávamos satisfeitos porque não agradamos aos funcionários do ambiente vizinho, pois eles tiveram receio da bagunça e do trânsito dos alunos naquele local, apesar de avisarmos que a entrada deles ocorreria pelo lado de fora da secretaria.

4.2.1.8 Oitavo encontro - Distribuindo funções para a instalação da rádio escola

No dia 18/05/2016, retomamos o diálogo da ocupação do espaço, a sua organização e as funções dos responsáveis pela elaboração e transmissão dos programas. Para isso, preenchemos o texto 1. Ficha cadastral (Apêndice I), onde constam as funções de produtor, repórter, roteirista, operador de áudio, editor, âncora e locutor a ser escolhido pelo aluno. Neste texto, os alunos só preencheram o produtor, o âncora, o locutor, o repórter e o operador de áudio, os demais, roteirista e editor, ninguém quis preencher porque, segundo eles, havia muito trabalho.

Continuamos discutindo sobre a função e o horário das atividades. Neste momento, entregamos, às equipes, o segundo texto: A grade de programação da rádio (Apêndice J), preenchendo a data e o período que cada equipe poderia ficar no rádio.

Nesse texto, definimos horário e equipes responsáveis, entre outros. Tudo parecia ir às mil e uma maravilhas. Mas não demorou muito. A direção informou que o espaço seria ocupado, além disso, com uma sala de aula do 3º ano do PI, devido à grande procura por matrícula, então a sala seria ocupada pelas atividades radiofônicas no período vespertino, no período matutino pelos alunos do PI e assim se sucedeu.

Vale salientar que a sala de aula mede três metros de comprimento e dois metros de largura. Essa medida já diz tudo. Como colocar uma sala de aula para PI em um espaço tão pequeno? Tivemos que administrar esse problema de compartilharmos o mesmo espaço. Acreditamos que seria possível, sim, mas, para isso, deveríamos ter um trabalho de conscientização de socialização e de pertencimento de um espaço coletivo. As crianças estavam entulhadas no espaço físico que mal dava para se mover.

Não concordamos com isso, a gestora disse que era uma ordem da Secretária de Educação, do Ministério Público e do Conselho Tutelar que afirmam que nenhum aluno deve ficar sem ser matriculado. Na nossa visão, isso se deve pelo valor pago pelo Ministério da Educação MEC por cada aluno matriculado no Município.

O fato é que, o que menos importa, nesta questão, são as condições de ensino e aprendizagem. Desta forma, não tínhamos condição de avançamos no nosso trabalho radiofônico, por isso, deixamos o espaço e fomos à procura de outro lugar dentro da escola que acolhesse a rádio escola. O aluno Z perguntou: “Por que a gente não fica no espaço que era da rádio antigamente...?” Visitamos o outro espaço e, novamente, encontramos muito trabalho pela frente. O espaço estava cheio de materiais entulhados e nos organizamos para refazer tudo. Remarcamos essa ação para o próximo final de semana.

Pedimos sugestões para o nome da rádio escola-*Podcast*. Todos riram muito nessa atividade. Elencamos, na lousa, os vários nomes sugeridos para serem votados: 1. A Voz do estudante; 2. Nossa voz no ar; 3. A Voz da Okada”; 4. A voz dos injustiçados; 5. A voz é pra morrer; 6. A voz do estudante ecológico. A votação foi aberta e informal, as pessoas diziam qual nome queriam. Nas quatro turmas, A voz do estudante ecológico venceu e, segundo Q, desde o primeiro ano escolar que os professores falam disso; O V lembrou-se de uma gincana com esse tema.

Neste momento, sugerimos um desenho que ilustrasse o nome da rádio e os alunos indicaram, na turma, os alunos que sabiam desenhar para fazer a “logomarca” da rádio escola e o desenho, também, fora submetido à votação para evitar confusão. Essa atividade foi colocada como atividade a ser feita em casa. Tivemos duas propostas, expostas nas figuras 1 e 2, que foi a vencedora (Apêndice k)

4.2.1.9 Nono encontro - A rádio escola-Podcast- A voz do estudante ecológico

No dia 28/05/2016, realizamos o acordo firmado no dia 18/05/2016, fizemos a organização do novo espaço para a rádio escola - *Podcast*. Foi um dia de muito trabalho. Sentamos em uma roda de diálogo e decidimos três ações: i) remover pilhas de livros; ii) limpar o espaço; iii) decorá-lo e a instalar a mesa de som. Dividimo-nos em equipes para a realização das ações. Todos removeram os livros porque era o mais urgente e demandava mais esforço físico pois as outras ações dependiam desta. Para decorar o ambiente, reciclamos revistas velhas fazendo colagem nas paredes de cima a baixo; instalamos novamente a mesa de som interligando as caixas de som e deixamos tudo pronto para fazermos a inauguração da

rádio escola. Nessa a ação, tivemos o apoio de uma família, pai e mãe, que acompanharam os filhos durante o encontro.

Nesse dia, almoçamos juntos no restaurante popular localizado na feira livre no centro do bairro de Tibiri II. Pudemos constatar que muitas famílias dos nossos alunos costumam fazer as refeições ali. Demonstrando o nível sócio econômico da comunidade escolar. (Apêndice L).

4.2.2 O processo de produção do *Podcast*

A produção se caracteriza como a ação propriamente dita. As pessoas envolvidas finalizam as ações iniciadas na pré-produção. Na atividade de pré-produção, simulamos uma experiência radiofônica para que tivéssemos um diagnóstico do que precisávamos para realizamos a produção da rádio escola. Por isso, entendemos que a fase de pré-produção na simulação da rádio escola mostrou-se muito proveitosa para a fase de Produção, já que é nela que há a feitura do produto midiático e, assim, tornamos a atividade mais prazerosa e fácil de realizamos.

De forma geral, na fase de produção procuramos esses quatro momentos: i) Criar uma entrevista radiofônica com o tema selecionado; ii) Gravar a entrevista na escola no espaço destinado à rádio escola; iii) Preencher a lauda de apresentação de programa de entrevista e a lauda de programa de variedades e iv) Preencher a grade de programação da rádio. Os textos com as laudas foram entregues aos alunos para continuar em casa e a ficha cadastral e a grade foram preenchidas em sala de aula. Estabelecemos um prazo de uma semana para o nosso encontro de gravação dos áudios para o *Podcast*.

O projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade” se propõe a formar cidadãos comprometidos com a vida, de maneira consciente, e ainda ressaltar que o ato individual atinge a todos da comunidade. Usamos a roda de diálogo para refletimos sobre acontecimentos do cotidiano e sobre as mídias de comunicação, como elas podem influenciar a vida das pessoas. Assim sendo, estabelecemos o objetivo geral: promover uma mídia radiofônica enfatizando os conhecimentos educacionais e socioculturais com a participação da comunidade.

A criação do *Podcast* exige a compreensão do pesquisador/participante em perceber o objeto de análise inserido na cultura local e ser, além de ser capaz de se distanciar de situações familiares, porque, numa sociedade globalizada, nos ambientes educacionais –

mesmo em situações próximas – há pensamentos diversificados, portanto, limitamo-nos apenas a descrever o que ouvimos.

Diante desta falta de compreensão de que a rádio é um evento comunicativo que pode, sim, formar cidadãos conscientes dos seus deveres e direitos e que as programações podem informar ou desinformar os indivíduos. Decidimos criar um *Podcast* como uma mídia reflexiva dos nossos atos coletivos.

Nessa segunda fase, a da produção, retomamos a gravação dos áudios tendo como referências a primeira fase de pré-produção, simulação radiofônica. Procuramos manter esta semelhança por entender que os eventos de comunicação midiáticos construídos com os aparatos das TICC, assim se processam. Para Behrens (2014, p. 105) as simulações, nas TICC, “são programas elaborados para possibilitar ao usuário a interação com situações complexa e de risco”. Desta forma, usamos a simulação como momento pré-construídos por considerarmos de risco a nossa atividade, já que falaríamos da realidade da escola e como essa realidade é muito violenta, os agressores poderiam reagir a esta atividade.

Consideramos delicada a nossa proposta porque ela mexe diretamente com valores éticos, culturais e sociais enraizados no lugar, usamos a estratégia de uma entrevista ou bate-papo de interesse do grupo de alunos que, *a posteriore*, seria postado em *Podcast* e assim compartilhar, via rede, para toda a comunidade.

Neles estavam expostos os pensamentos dos alunos que poderiam ser comentados pelos ouvintes e esse receio esteve presente na fala dos alunos e em um áudio via *whatsApp* da avó/mãe que se dizia extremamente preocupada com o assunto da aula, pois atingia grupos perigosos.

O terceiro pilar de ensino-aprendizagem –aprender a viver juntos, de Delors *et al* (1998, apud Behrens, 2014, p.87) diz que o professor deve “levar os alunos a tomarem consciência das semelhanças e a interdependência entre os seres humanos no planeta”. Vemos, na atividade descrita, que os alunos escolhem temas voltados a uma preocupação comum para toda a comunidade: as doenças, o comportamento indisciplinado e o meio ambiente, paralisação dos funcionários da educação etc. Eles estão desenvolvendo um processo de *entajuda*, e a professora/pesquisadora se coloca em parceria com os alunos.

Procuramos manter a nosso grupo aberto a outros participantes, pois entendemos que se alguém procura é porque tem interesse e só permanece se se sentir à vontade na atividade. Também, por observamos que há muita rotatividade de matrícula de alunos saindo ou entrando na escola, e se fecharmos o grupo correríamos o risco de não concluirmos o propósito de manutenção do *Podcast* pelos alunos.

4.2.2.1 *Décimo encontro - Mudando as orientações – rádio escola para Podcast*

No dia 30/05/2016, discutimos as mudanças que deveríamos fazer devido aos acontecimentos recentes na escola. A mudança da rádio escola para o podcast, neste momento, deve-se ao furto de uma parte do aparato tecnológico do rádio, as caixas de sons, expostas nos corredores da escola e a tentativa de arrombamento do espaço designado à rádio escola. Diante disso, tivemos que retirar a mesa de som e o microfone desse lugar. Não queremos entrar no descaso que passam as escolas públicas desse Município, apenas, dizer que as pedras rolam no caminho de qualquer pesquisador e cabe a ele flexibilidade e compreensão do ocorrido.

Apesar desse episódio danoso, nos fortalecemos mais ainda, mudamos o rumo da pesquisa, que se iniciou propondo a implantação de uma rádio escola interna para depois de uma avaliação mais criteriosa migrar para o *Podcast* - rádioWeb. Então, investimos na ação que seria a última para ser o foco central da pesquisa.

Nesse novo direcionamento, evitamos uma surpresa desagradável como a que acabamos de registrar. Então, libertamo-nos da insegurança de chegarmos à escola e sabermos que todo o equipamento do rádio fora roubado. Além de que, resolvermos muitos conflitos de relacionamento com os gestores e os professores que não desenvolveram, ainda, a pedagogia de promover o protagonismo na escola.

Na fase de produção, limitamos o número de participante para 20 estudantes. Nela, experimentamos a criação de um produto midiático para apresentar à comunidade escolar. Assim, novas atividades foram aplicadas a esse grupo de alunos que, voluntariamente, toparam participar da criação de um *Podcast*.

Para criarmos o *Podcast*, precisou-se de um notebook e um microfone. Usamos uma rede de internet, fora da escola, para publicarmos os programas radiofônicos criados pelos alunos. Esse processo de criação em rede, será descrito no processo de pós-produção.

4.2.2.2 *Décimo Primeiro encontro – Aprofundando as relações para a criação de um Podcast*

No dia 1º/06/2016, propomos atividades relacionadas com a dinâmica de grupo popular : conhecendo os colegas de outras salas de aula. Baseamo-nos na dinâmica de grupos populares, de Pereira (1998) O primeiro exercício: o conhecimento e apresentação dois a dois. A dinâmica assim aconteceu. Os membros do grupo foram identificados com 1 e 2. Durante

três minutos, o número 1 deveria dizer ao seu companheiro, o número 2, tudo aquilo que julgasse por bem dizer. Exemplo: nome, endereço, ano que cursa, se faz parte de grupo na comunidade entre outros. O companheiro número 2, deveria fazer o mesmo, logo após o término da apresentação do número 1.

Depois desse momento de apresentação e do conhecimento dos colegas, convidamos os alunos a falarem sobre como imaginavam que deveria ser o comportamento das pessoas que estavam fazendo o *Podcast*. Obtivemos as seguintes sugestões: o H disse: “Falar o que pensa porque cada um tem seu pensamento sobre as coisas”. O M: “Não fazer fofoca para não criar briga no grupo”. O Y: “Não ficar contando história que foge do assunto”. O X: “Não querer ser melhor do que o outro”. O K: “Não interromper a fala dos outros”. O R: “não falar quando não entender a pergunta”.

Essas sugestões foram aceitas por todos e nós as acatamos porque vimos nelas valores éticos favoráveis a uma convivência social harmoniosa, apesar de o comportamento dos falantes não condizer com o que estava sendo dito. Esse comportamento de expressar normas e atitudes corretas e não as praticarem está impregnado na cultura do lugar. A dinâmica de grupo nos ajudou a fazer melhor os encontros e as rodas de diálogo. A partir dela, refletimos sobre o comportamento, a ética e conhecemos mais a cultura da comunidade escolar.

4.2.2.3 *Décimo segundo encontro - Expressão vocal e corporal*

No dia 06/06/2016, explicamos a importância da voz para o áudio do *Podcast*. Procuramos mostrar aos alunos que é possível melhorar a nossa voz e dicção através de exercícios vocais. Estes exercícios estão dispostos no livro de Manual de voz e dicção, de Nunes (1976). Selecionamos alguns exercícios para realizar com o grupo.

Iniciamos com um relaxamento corporal motivado pela respiração. Solicitamos que os alunos colocassem a mão sob as pernas, fechassem os olhos, inspirassem e expirassem lentamente. Em seguida, começamos um alongamento nas partes do corpo; primeiro a cabeça, os ombros, as mãos, os pés. Depois pedimos aos alunos que fizessem caretas usando toda a musculatura da face e nos detivemos maior tempo nos exercícios para flexibilidade dos órgãos bucais. Salientamos que estes exercícios foram executados com os alunos sentados em cadeiras organizadas em círculo. Selecionamos parte dos exercícios para exemplificar.

- i) Para o maxilar: abrir a boca lentamente dizendo: má – ma -,ma, e fechá-la também lentamente. – iara – iate-iaga-iansã; - Abrir e fechar a boca com firmeza e rapidez dizendo muitas vezes: ba-ba-ba;

- ii) Para a língua: por a língua para fora e recolhê-la rapidamente;
- iii) Firmar todo o contorno da língua nos molares superiores deixando apenas a ponta livre para golpear o palato, dizendo: la,le,li,lo,lu,lo,li,le,la; na- ne-ni-no-nu; ta-te-ti-to-tu e da-de-di-do-du;
- iv) Para os lábios: Dizer muitas vezes: iu – iu –iu, uiuiuiuiuiui...;
- v) Comprimir fortemente os lábios e soprar com explosão: P – P – P – primeiro sem som, depois dizendo: pa-pe-pi-po-pu-pa-pe.

Com esses exercícios vocais, exercitamos a nossa oralidade, modalidade da língua essencial ao *Podcast*. Assim, experimentamos a articulação dos sons de várias maneiras, exercitamos o sentido da auditiva, e conhecermos alguns órgãos que ajudam nessa emissão sonora, como os lábios, a língua e o maxilar. Desta maneira, compreendemos a importância da tonalidade da voz quando interrogamos, a pausa e o ritmo da fala. E sobretudo, que há maneiras de se trabalhar a dicção, a correta pronúncia das palavras.

Usamos os jogos teatrais para maior integração entre os alunos e assim desenvolver a confiança uns nos outros. Selecionamos, para este momento, os exercícios relacionados aos jogos teatrais, de Koudela (1990). Segundo a autora, o jogo é uma forma natural de agrupar pessoas. Começamos essa atividade perguntando aos alunos sobre como o rádio, o teatro, o filme, a televisão e a arte fazem parte da vida deles.

Anotamos algumas falas que representam o pensamento da maioria. Eles disseram que, na vida deles, “essas coisas não tinha[sic] muito importância”, mas também, disseram que passam muito tempo assistindo à programação da televisão porque, “num[sic] tem nada pra fazer”; passam horas ouvindo músicas no celular, mesmo em sala de aula, e que gostam de filmes de ação, com muitos tiros e ações perigosas. Ainda, disseram que nunca assistiram a peças de teatro no teatro, só nas gincanas da escola.

Depois desse bate papo, iniciamos os exercícios com jogos teatrais. Pedimos que os alunos ficassem de pé, alongassem o corpo prestando a atenção na respiração. Em seguida, executamos os jogos espontâneos, dentro de um espaço limitado por cadeiras, onde os alunos realizaram algumas ações físicas: caminhar sem esbarrar em ninguém; criar estátua com o próprio corpo, imitar animais, demonstrar as sensações de alegria, de tristeza etc. representar objetos com gestos; trocar de lugar ao perceber o sinal do olhar do outro; imitar o andar de alguém, de um animal; imitar a voz de um locutor de rádio e, por fim, modificar o próprio jeito de andar. Orientamos os alunos a perceberem as sensações corporais provocadas por essas ações físicas.

Dividimos o grande grupo em pequenos grupos com cinco estudantes. Pedimos para cada grupo discutir entre si como apresentar uma rádio de faz de conta e nela contar uma história só com a voz. O resultado deste exercício resultou nas encenações. Os grupos narraram história do dia a dia como se estivessem em uma rádio. Grupo A: Um acidente na parada de ônibus; O grupo B: Um tiroteio no bairro onde duas pessoas ficaram feridas; O grupo C – Fez um apelo de uma mãe desesperada procurando pela filha desaparecida e, o grupo D – a história de chapeuzinho vermelho sendo atacada pelo lobo mal.

As ações físicas nos jogos teatrais, Stanislavski (1996), revelou-nos que os alunos ainda têm muitas dificuldades em criar uma relação harmoniosa com o próximo, pois tivemos que parar várias vezes os exercícios por causa de comportamento não adequado à atividade. Foram esbarrões, empurra-empurra, esfregões, ridicularizar o outro, entre outros.

Até entendemos que essa atividade por ser lúdica e que está sujeita a esse comportamento, porém é assustador como a comunidade gosta de brincar. Só a título de conhecimento, registramos no intervalo das aulas brincadeiras extremamente agressivas: esmurrar o outro, dar tapas nas costas, xingamento, formação de corredores na hora do intervalo para obrigar as pessoas a passarem por ele e serem espancadas e isso ser motivo de muito riso entre outros.

Para Spolin (1987), o jogo de improvisação ajuda a qualquer indivíduo a aprender a experimentar situações imaginárias, que podem ajudar em situações reais, e ainda diz que o jogo desenvolve o intelecto, o físico e a intuição. Por isso, propusemos que os alunos improvisassem e que contassem a história ouvida ou presenciada por eles. A narração da história na rádio não devia ter nada escrito que os orientassem. Desta feita, orientamos os alunos que o improvisado é algo que acontece sem que se tenha combinado antes.

Analisamos as atividades propostas nos jogos teatrais e nos exercícios de vocalização percebemos que havia muitos bloqueios e resistência na vivência dos exercícios. Alguns emudeciam e paralisavam, principalmente, quando individualizávamos as atividades. Em grupo, mostravam-se mais fortes. Então, podemos justificar esse comportamento pela fase de adolescência em que se encontram os alunos. Apesar das resistências, nunca ouvi tanto riso. E a aprendizagem para acontecer não precisa ser séria sem expressividade do humor, como afirma o filósofo Portella em uma palestra sobre Paulo Freire localizada no YouTube. O que nos causou estranheza foi o simples fechar dos olhos para sentir a respiração fazer seu movimento de entrada e saída do ar. Ao refletirmos sobre isso, ouvimos várias respostas: O Z “professora, ninguém tá doido não, de fechar os olhos, e se alguém pegar as nossas coisas”; O D “e se os menino[sic] puxa a cadeira da gente? é queda na certa!”. O F “chega uma pessoa

que a gente não conhece... e aí?” etc. Foram tantas que tivemos que tranquilizá-los dizendo que estávamos vendo tudo. Mas mesmo assim, ninguém relaxou completamente.

Esse medo não é só dos alunos, mas também de todos os profissionais da escola, pois trabalhamos com medo devido ao fato de que a escola não tem vigilância e que muitas pessoas estranhas adentram a escola e passeiam nos corredores. O medo de ser atacado por outros, ou seja, pelos colegas ou por alguém de fora ficou muito evidente. E só é compreensível se observamos o ambiente violento em que a escola está inserida.

O índice de assassinato de adolescentes envolvidos no tráfico de droga é alarmante, o número de boletins de ocorrência de roubo e de assalto com arma registrados na delegacia é muito alto, fora os que não são registrados, e é muito difícil encontrar alguém na comunidade que não tenha sofrido algum tipo de violência.

Solicitamos aos alunos que saíssem dos seus lugares e que caminhassem de maneira diferente, sentido a sensação do corpo quando se faz algo que não é corriqueiro. Percebemos como é difícil desmontar uma estrutura rígida consolidada em padrões sociais. Não houve nenhuma maneira de andar diferente do cotidiano. Resolvemos exemplificar mostrando que é possível andar arrastando uma perna, andar com as pernas arquejada e o riso tomou conta da aula. Em seguida, solicitamos que eles criassem novas maneiras de se deslocar. Digamos que 70% imitavam o que fizemos e alguns ousaram mostrar coisas diferentes do que tinham visto.

Continuamos orientando a ocupação do espaço acrescentando um desafio. Pedimos que a troca de lugar fosse feita com o colega que estava a sua frente e o convite para mudar deveria ser o olhar. Esse momento fora bastante inibidor. Talvez, inconscientemente, ou conscientemente, sentiam o ditado popular “os olhos são o espelho da alma”. Ninguém queria ser visto. Então, se olhava para o chão, para o teto, nunca para o outro. Sentimos a necessidade de intensificar este exercício solicitando que percebessem a cor dos olhos dos colegas. Risos nervosos, saída do exercício com “vou tomar água” etc.

Sentamos para avaliar o exercício. O F disse: “É muito chato, a gente fica nervosa, tem gente que olha, tem gente que não olha a gente, tem gente só olha pro chão”. O G: “Eu procurei olhar fulano, mas ele nem olhou”. Risos! O H: “aqui, só tem gente de olhos pretos, não tem ninguém de olho azul”. O Y: “tem sim, fulano tem olhos castanhos e beltrano tem olhos esverdeados, você foi quem não viu direto”. E continuamos debatendo sobre a maneira de olhar. Há uma fala que nos chamou a nossa atenção pela profundidade de análises. O P disse: “Professora, tem olhos que mete medo, tem olhos que parece não ver a gente e tem olho que parece entrar na gente. Num quero mais fazer isso não”. Este relato foi feito em um momento informal. Essa aluna é muito tímida e só fala bem baixinho com a colega do lado.

Propusemos discutir a respeito das nossas atitudes nos jogos de teatro. As respostas foram sucintas: “gostei; foi legal; não gostei; é chato porque os ‘mininos’ empurram muito; não quero fazer de novo”. Muitos ficaram em silêncio, ainda há muita resistência em falar. Detectamos um problema a ser resolvido. Como estimular o grupo a falar, se aprofundar em assuntos que possam ser transmitidos em um *Podcast* **A voz do estudante ecológico**.

Conversando com o grupo e eles deram a solução, tem gente, aqui, que gosta muito de falar, então eles falam e a gente entrevista as pessoas. O grupo fora afunilando e ficamos com poucos alunos que realmente se empenharam na criação do *Podcast*.

Concluímos que, de certa maneira, os exercícios teatrais ajudaram a melhorar a convivência interpessoal, apesar de não atingirmos o grau de excelência que queríamos. Mas também vimos que se esses exercícios tivessem continuidade, teríamos melhorado a espontaneidade dos alunos ao falarem no *Podcast*, pois houve mais descontração na hora de emitirem opiniões.

4.2.2.4 Décimo terceiro encontro - Gêneros textuais/discursivos

No dia 08/06/2016, entregamos o modelo de lauda de apresentação de programa de entrevista (Apêndice M) aos estudantes. Percebemos que o texto possibilitou maior clareza do que seja um programa radiofônico. Nele, fizeram-se a escrita e a reescrita dos textos a serem lidos na hora da locução radiofônica, mas também, orientou as equipes a entrarem em contato e a perceberem a relação deles com a proposta do *Podcast*.

Lemos, ensaiamos e preenchemos a lauda a fim de gravarmos o novo programa de entrevista. Este foi um momento de muita improvisação. Os grupos trabalharam possíveis temas a serem transformados em programa radiofônicos. Tomamos, como pressuposto, a pedagogia da autonomia, de Freire (1996), visto que o grupo lia, discutia e criava programas de entrevista entre eles e, em caso de dúvidas, solicitavam a nossa ajuda. As dúvidas mais recorrentes estavam relacionadas aos vocábulos técnicos: o âncora, o produtor do programa, ficha técnica e a organização estrutural: a abertura; o intervalo com música, o encerramento presente nesse gênero de domínio jornalísticos. À medida que ensaiávamos esses termos, tornaram-se mais próximos dos alunos a ponto de usá-los sem receio.

Quando apresentamos o outro modelo de texto com a lauda de programação de variedade (Apêndice N). Sentimos que a dificuldade aumentava devido à necessidade de lhes ser exigida a prática de muitas atividades simultâneas. Então, decidimos apresentar o modelo de lauda de programa de variedade na sua estrutura composicional original, ou seja, já pronto

para ir ao ar e através dele os alunos pudessem se inspirar e, conseqüentemente, criassem seus textos, ou seja, uma escrita direcionada ao tema proposto (Apêndice O).

Observamos que o programa de entrevistas foi o mais ensaiado. Acreditamos que isso aconteceu devido à experiência feita na simulação do rádio em sala de aula, mas também, pela facilidade de realização entre eles. A grandeza deste momento revelou-se quando percebemos o grau de interesse dos alunos em procurar entender os textos para preenchê-los, tirando dúvidas, solicitando-nos informações e ansiosos para fazer novas gravações de áudio, pois, dos sete áudios anteriores, decidimos ficar apenas com o áudio do grupo do 9º ano, que não viu nenhum problema em divulgá-lo, pois já estão mais maduros para refletir as temáticas levantadas. O áudio deles fala de indisciplina e de vandalismo na escola. Acordamos que este seria o primeiro áudio linkados ao *Podcast A voz do estudante ecológico* a ser postado no *site* do *Google*.

Ensaíamos várias vezes os possíveis programas para a gravação dos áudios. Às vezes, ficávamos em dúvidas e nos indagávamos: será que realmente estão lendo e entendendo o texto? Será que vamos ter resultados positivos desses burburinhos? Muitas vezes os alunos solicitaram a nossa presença para intervir na indisciplina de alguns alunos dentro dos grupos.

Concluimos este momento solicitando às equipes que pensassem em um tema a ser gravado no próximo encontro. Notamos que nessa atividade em que os grupos ficam mais livres para ensaiarem e trabalharem isoladamente surgem os maiores problemas de relacionamento sociocultural. Diante dito, refletimos que o trabalho coletivamente é algo necessário, mas de grande dificuldade devido à nossa formação estar centrada no individualismo. E que há muita dificuldade em aceitar uma pessoa como líder. Todos querem fazer do seu jeito e a nossa intervenção é crucial nestes casos.

Nessa atividade de grupo, procuramos nos aproximar da proposta de ensino promovida pela Escola da Ponte em Portugal (ALVES, 2001). O trecho aqui citado foi retirado do blog educação integral. Então, podemos dizer que os trabalhos realizados em grupo, no qual os alunos decidiram o que fazer e como fazer, reflete em parte na proposta de aprendizagem da escola a qual Rubens Alves reverência. Para visualizarmos mais esta proposta, vejamos como é descrita pelo autor a aprendizagem nessa instituição:

As crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. Isso não é exceção. É a rotina do dia a dia. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão a aprender valores. A ética perpassa silenciosamente, sem explicações, as relações naquela sala imensa [...] **Escola da Ponte**, uma instituição pública de Portugal que, desde 1976,

compreende que o percurso educativo de cada estudante supõe um conhecimento cada vez mais aprofundado de si próprio e um relacionamento solidário com os outros. (BLOG EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2014).

Nas nossas anotações, passamos longe deste propósito, mas reconhecemos que, quando os alunos têm interesse e gostam do que estão fazendo, o clima na sala de aula é mais festivo e muitas vezes se aprendem coisas que não havíamos planejado, mas que são importantes para a convivência social e para o engrandecimento do ser humano. A partir desses encontros, os alunos solicitam mais atividades em que eles trabalham em equipe e sintam-se pesquisadores de conteúdos que tragam sentido à vida deles. Desta forma, entendemos que criamos algo diferente na aprendizagem desses alunos.

4.2.2.5 *Décimo quarto encontro - Somos responsáveis pelo que falamos no Podcast*

No dia 15/06/2016, solicitamos as atividades feitas em casa. Apenas uma equipe trouxe uma proposta que muito nos animou. Eles queriam falar da greve dos professores. Discutimos e aceitamos de imediato, pois podíamos desconsiderar, já que havia muita preocupação em perder o ano. Estávamos nos reunindo na escola com todas as atividades escolares paralisadas. Trabalhamos nesse momento com muita insegurança.

Iniciamos a nossa Roda de diálogo falando dos fatos ocorridos na escola que indignavam a todos. A omissão do poder público diante dos arrombamentos das escolas, o sucateamento das escolas públicas, a falta de condições de trabalho dos professores, a falta de condições de estudo com as novas tecnologias para os alunos e professores, entre outros, que enfrentamos no nosso dia a dia. Portanto, esse é o momento de refletirmos sobre isso e de atuarmos com a consciência cidadã que exige conhecimento sobre cidadania. Indagamos:

- i) O que é cidadania?
- ii) O que poderemos fazer para mudar esta situação?

Obtivemos as seguintes respostas: D e G disseram: “Vamos fazer logo esse negócio (*Podcast*) para divulgarmos essa bagunça que tá acontecendo nesta escola”. Quanto à resposta sobre cidadania, pesquisaram na internet lendo os conceitos, mas disseram que não entenderam nada. Então, partimos para os exemplos práticos do dia a dia a fim de esclarecer o conceito.

Voltamos para a gravação do áudio, só que o aluno responsável pela edição do áudio não compareceu porque estava com problema. Para entendermos esses problemas, temos que analisar as seguintes respostas: “eu acho que as pessoas quando sabe de um problema na escola se afasta com medo”; “eu acho que a gente tem que ter cuidado no que vai gravar”;

“ninguém quer fazer nada porque sabe...”, “a gente fica esperando que os outros faça, ninguém que enfrentar isso não”; “quem é doido, só se quiser morrer”; “aqui tem muita fofoca...” e “eu acho que ele não veio porque o pai dele não deixou...”.

Conseguimos fazer a gravação do áudio – a greve escolar – com os alunos presentes nesse encontro. Ele foi feito diretamente no computador com o uso de um microfone apropriado para isso. Em seguida, assistimos ao vídeo com possíveis efeitos colocados na edição do áudio. Usamos o programa “Audacity” que está dividido em barra de menu, barra de ferramentas e pistas de áudio. Também, mostrou-se que há muitas possibilidades de edição e que é um trabalho que demanda bastante tempo, então, ficou para ser finalizado em casa pelo editor.

Neste momento, a título de conhecermos o programa “Audacity”, descobrimos que a linguagem dos programas de computador já é bastante familiar aos alunos, pois mesmo sem conhecer o software, eles mostraram muita desenvoltura em usar esta ferramenta. Para entendermos melhor estas ações executadas pelos alunos, usamos as informações de Baltar (2012), afinal, o que é Audacity?

Então, vimos que o primeiro passo dado pelos alunos foi acessar a barra de Menu, no qual estão as principais funções do programa: arquivo, editar, exibir, projeto, gerar, effect, analisar, ajuda; Depois, a barra de ferramentas que contém os botões de controle de áudio: pausa, execução (play), parar (stop), gravar (record), repetição de trecho gravado, a tecla shift do teclado entre outros; para a ferramenta de edição usaram o cursor para selecionar o início de reprodução ou gravação e selecionar uma parte do áudio; também utilizaram a ferramenta deslizar, usada para mover trechos de sons já selecionados, e, há a “multiferramenta” que é o uso simultâneo das ferramentas já descritas, por fim a barra de mixagem que controla a entrada e saída do som e o monitor para visualizar os gráficos de entrada e saída do som.

Observamos que os alunos consultavam-nos com menos frequência. Estavam totalmente absorvidos na atividade. Alguns se dispersavam porque trabalhávamos com um computador e não dava para integrar todos no entorno do editor, que tentava descobrir como o programa funciona.

4.3 O PROCESSO DA PÓS-PRODUÇÃO

4.3.1 Décimo quinto encontro – O *Podcast* A voz do estudante ecológico

Iniciou-se no dia 02/09/2016 o encontro formal e se estendeu até o mês de outubro, com encontros informais, discutimos e decidimos as ações gerais do *Podcast*. i) Criar a página na *Web* via *Google*. ii) Produção de textos para preenchemos os itens propostos na página do *Podcast*. As novas tecnologias de Informação foram essenciais à criação do *Podcast*.

Usamos o *Notebook*, do Programa Mais Educação, um microfone adquirido com recursos próprios, um programa de edição de áudio, o *Audacity*, facilmente baixado da *internet*. Na rede, há muitos programas de gravação, mas escolhemos o *Audacity*, um *software* livre e gratuito de gravação, edição e produção de áudio. Está distribuído segundo o termo da *General Public Licence* (GLP), e pode ser utilizado para fins comercial ou pessoal.

Não era o nosso propósito ensinar o uso deste *software*, por isso, buscamos alunos que já tivessem experiência na área de informática.

Depois dos áudios editados, disponibilizaríamos em *site* para que todos tivessem acesso. O aluno AA se predispôs a publicar, na *internet*, o *Podcast A voz do estudante ecológico*. (Apêndice P)

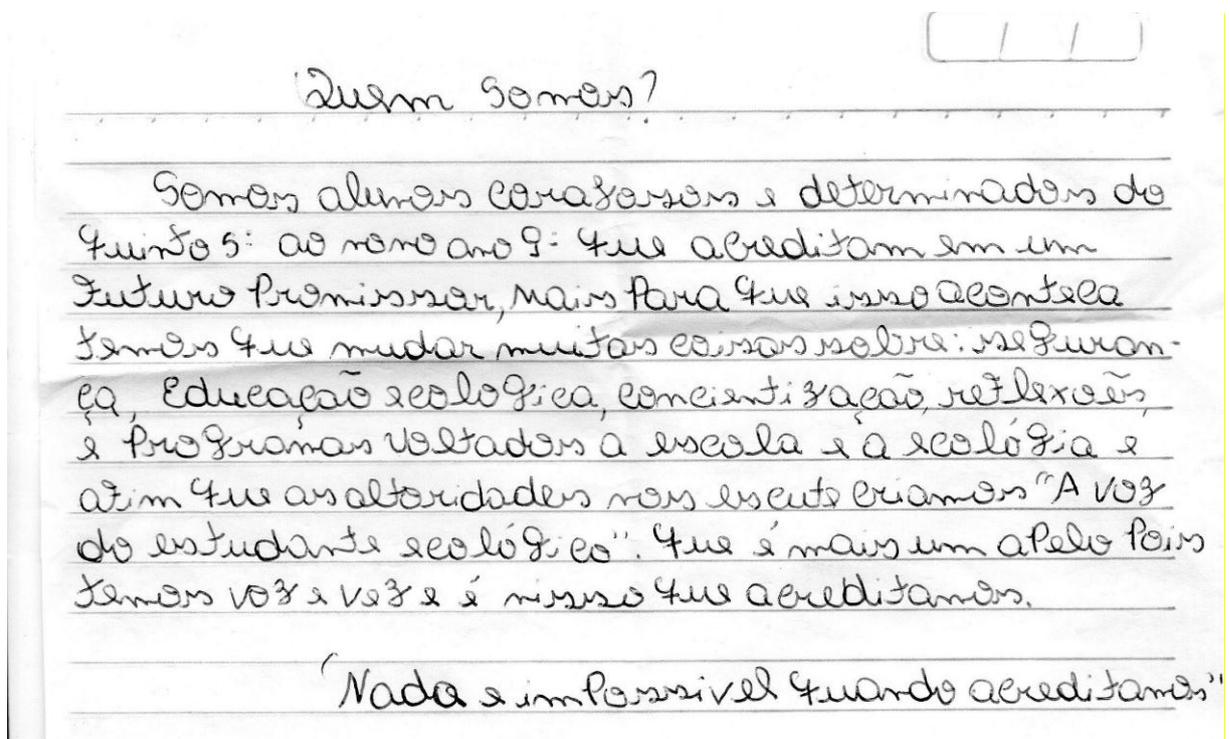
O editor de áudio apresentou o trabalho feito em casa. Ele havia preenchido itens existentes na página do programa que hospeda o *Podcast*. O programa pede nome do *Podcast*, sobre e o fórum online. Usou para isso o programa sublime *text* que é um editor de código-fonte multiplataforma, escrito em linguagem Python. Os recursos incluem: *minimap*-uma pré-visualização de todo o código-fonte; habilidade de selecionar várias pastas do código; edição multi-panel; salvamento automático; pesquisa e substituição com *suport a RegExp*; colocação de sintaxe personalizável; auto completar e correspondência de parênteses. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/sublime_text. (Apêndice Q)

Desta maneira, o aluno apresentou aos colegas o que havia feito em casa e depois de avaliado seria postado. Ele estruturou o *Podcast* em três momentos antes de publicar os áudios. A primeira diz respeito à descrição do objetivo do *Podcast*. Então, formulo a primeira questão: o que é? Nela, ele procurou dizer quem o fez e os tipos de programas a serem divulgados no *Podcast*. Então, temos: “A voz do estudante ecológico é uma criação dos alunos para compartilhar seus programas de áudio em forma de entrevista e de variedades. Escolhemos o *Podcast* por ser um recurso de fácil acesso e que todos podem utilizar.” Já para a segunda pergunta: para que serve? O aluno deu a seguinte resposta:

“A voz do estudante ecológico serve para divulgar os trabalhos produzidos pelos alunos da escola, e para despertar o interesse dos colegas na aprendizagem e na discussão de problemas da nossa escola, do nosso bairro e de nossa cidade!”

Aqui, temos vários objetivos importantes: divulgar trabalhos dos alunos, atrair os colegas a aprender e discutir os problemas de toda a comunidade em que os alunos estão inseridos e, para a terceira parte, vem a sugestão de avaliação e contribuição dos visitantes do *Podcast*, denominado de Fórum. Aqui, os visitantes tecem seus comentários sobre o que ouviu no *Podcast* e escrevem as sugestões para melhorá-lo! Na produção desses textos, tivemos vários momentos de escrita e reescrita devido ao sentido do texto, à ortografia e à pontuação.

Decidimos o *design* da página, ou seja, a arte visual para atrair visitantes à página. optamos pela cor verde, porque ela simboliza a ecológico, também, colocamos a logomarca da rádio escola, fotografias dos alunos vestidos em uma camisa com a logomarca do *Podcast*. Enfim, sonhamos. Se o faremos, só o tempo dirá. Tudo isso fora pensado pelos alunos, mas a grande parte destas ações não foi realizada. A aluna B solicitou que o editor colocasse no *Podcast* um texto esclarecendo - Quem somos? Porém não houve tempo hábil para desenvolvermos no grupo esta questão devido à deflagração da greve dos docentes e na casa do aluno houve problema com a rede de *internet*. Então, para valorizar o texto da aluna que escreveu sobre “quem somos”, apesar de já termos concluído as ações do *Podcast*, colocamo-lo, aqui, para demonstrar o envolvimento da aluna B nesta parte da pesquisa.



Gravamos o áudio com o tema considerado mais relevante naquele momento para iniciarmos o *Podcast*. Levamos 3 horas de gravação de áudios, e também fizemos um registro

audiovisual para que tivéssemos uma melhor visibilidade da importância deste momento. Acredito que só a descrição empobreceria este momento.

Finalizamos este capítulo com a certeza de que a aprendizagem entre aluno e professora/pesquisadora ocorreu simultaneamente, também, observamos que temos muito a fazer. As mudanças de atitudes, de saber e de relações interpessoais se desenvolveram de maneira satisfatória sobre o ponto de vista holístico, que o interesse nos programas radiofônicos se estabeleceram, que a consciência crítica das questões socioculturais foram despertadas e que é possível usar as tecnologias digitais contemporâneas em atividades escolares, mesmo que o professor não tenha profundo conhecimento sobre programas e aplicativos dos aparelhos tecnológicos contemporâneo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos foram os produtores do conhecimento à medida que analisaram fatos e propuseram temas a serem discutidos, resultando em ação que beneficiaria a todos, nesse caso, a criação de uma mídia de comunicação: O *Podcast*.

Nessa atividade, proporcionamos a realização de um trabalho coletivo que possibilitou, a todos, o seu lugar e o seu momento de se posicionar. Apesar dos fatos desestimulantes – como o furto de uma parte do equipamento radiofônico –, há um espírito de cooperação, de parceria e de revolta acompanhada de desabafo, da emoção e da vontade de que tudo seja diferente. Temos, neste momento, o que Gardner (1994) denominou de inteligências interpessoal e intrapessoal.

Também percebemos que, diante de uma pesquisa intervencionista, o pesquisador participante administra crises de relacionamento interpessoal, extra pessoal, crises de acolhimento da proposta relacionada à ocupação de um espaço, crise de valores e de cultura cristalizadas nos indivíduos envolvidos na pesquisa, inclusive nele, crises éticas entre outras. Todas desencadeadas durante o processo, talvez, porque as ações visavam a modificações culturais na comunidade escolar.

Freire (1921-1997), em todas as suas obras, define uma educação pautada na história, no ser político e na consciência social. Para o estudioso, o ensino acontece quando o sujeito torna-se consciente dos seus atos; a educação acontece dentro e fora da escola e que a leitura de mundo é anterior à leitura da palavra. Desta forma, atingimos pelo menos parcialmente, a comunidade escolar, já que percebemos um outro olhar por parte daqueles que direta ou indiretamente estavam presentes nas ações proporcionadas pelo projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”.

Utilizaram-se múltiplas linguagens com a finalidade de estimular a criação de um *Podcast*. Iniciamos pela oralidade em forma de debate, desenhos, escrita e reescrita e a leitura de diversos gêneros textuais/discursivos de formatos e conteúdos diferentes.

De acordo com os PCNs, o gênero textual tem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. Em Bakhtin (2011, p.262) temos os gêneros discursivos definidos a partir de “três elementos – o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, que aparecem em todos os enunciados e são determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”. Marcuschi conceitua os gêneros textuais como: “textos que encontramos em nossas vidas diárias e que apresentam padrões sócio-comunicativos característicos e definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos

e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas” (MARCUSCHI, 2008, p.155).

No projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”, procuramos trabalhar os gêneros textuais/discursivos de acordo com as necessidades surgidas nas ações de criação do *Podcast*. Assim, constatamos que abrangemos as várias esferas ou domínio de comunicação, as quais elencamos, aqui, de acordo com a organização de Marcuschi (2008).

Quadro 01 - Gêneros textuais/discursivos

Domínios discursivos	Escrita	Oralidade
Instrucional (educacional)	A entrevista, Preparação para entrevista	Aula participativa
Jornalístico	Entrevistas jornalísticas	Entrevistas radiofônicas, programa radiofônicos, entrevista coletiva
Publicitário	Propaganda, logomarca, endereço postal, endereço eletrônico, endereço na internet e panfleto.	Publicidade radiofônica
Interpessoal	Carta aberta	Conversações espontâneas, telefonemas, bate papo, avisos, advertências, convites, recados
Ficcional	Fábula, história em quadrinho,	Encenações

Fonte: Marcuschi (2008).

Não queremos crer que a implantação do espaço radiofônico – *rádioWeb*, *Podcast*, prejudique a comunidade. Porém, durante o processo de organização, muitos acontecimentos interferiram diretamente no nosso trabalho. Apenas a título de conhecimento, sem nenhuma análise mais profunda desses fatos, elencamos alguns que foram fundamentais para sairmos da rádio escola e irmos direto ao *Podcast*. São eles: a paralisação dos funcionários da limpeza, conseqüentemente, dos professores por não recebimento dos proventos, e a falta de merenda para os alunos, isso já se tornou fato constante nessa comunidade escolar. Outros foram os inúmeros arrombamentos na escola devido à falta de vigilantes e o conseqüentemente abandono do patrimônio público.

Apesar do caminho tumultuado, continuamos executando as nossas ações que resultaram em um único áudio postado no *Podcast* – A voz do estudante ecológico –, mas que representa uma grande vitória diante dos relatos disponibilizados ao longo do texto.

Foram necessários muitos caminhos, mas, para o nosso contentamento, a resposta dos estudantes foi positiva, pois o que queríamos era despertá-los para uma consciência política e reflexiva da realidade. Quando pediram para gravar um áudio sobre a greve dos professores,

vimos que o nosso propósito fora atendido, afinal o que queríamos era formar alunos preocupados com os acontecimentos do dia a dia.

A pesquisa do projeto “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”, enveredou por muitas linguagens na busca de formar cidadãos comprometidos com a vida, de maneira consciente, e ainda ressaltando que um ato individual atinge a todos da comunidade.

Usamos a roda de diálogo para refletirmos sobre os acontecimentos do cotidiano e conversarmos sobre como as mídias de comunicação podem influenciar a vida das pessoas. Assim sendo, atingimos, parcialmente, o objetivo geral do projeto que era promover uma mídia radiofônica enfatizando os conhecimentos educacionais e socioculturais com a participação da comunidade.

Ressaltamos que a contribuição das TICC para o ensino aprendizagem é algo imensurável. De maneira geral, vimos que a escola é o lugar apropriado para desenvolver projetos experimentais utilizando-se dessas ferramentas, pois com elas há possibilidade de vivenciarmos situações imaginárias, desafiadoras, intervencionista social e de vida. Também, percebemos que o ensino/aprendizagem ocorreu de maneira satisfatória devido à facilidade e a rapidez com que temos acesso às informações, além de termos respeitado o gosto e a liberdade de escolha dos envolvidos percorrendo diversos caminhos para atingir o mesmo fim, ou seja, conhecer os conteúdos relevantes à formação da cidadania ecológica. Vimos, também, que as tecnologias por mais avançadas que sejam precisam de pessoas humanas competentes, éticas e, sobretudo solidárias, pois na rede não há lugar para *foi eu que fiz*, e sim, *fomos nos que fizemos*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria E. Bianconcini. PRADO. M. E. BRISOLA. Brito. **Elaboração de Projetos-guia cursista. PROINFO INTEGRADO.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2009.
- ALVES, Rubens. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BALTAR, Marcos. **Rádio escola: uma experiência de letramento midiático.** São Paulo: Cortez, 2012.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. Projetos de Aprendizagem Colaborativa num Paradigma Emergente. In: **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** 21ª ed. Campinas-SP: Papirus, 2013.
- BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias.** Ambiental, política e social, mental e integral. Rio de Janeiro: Mar e Ideia, 2012.
- BRANDÃO, Denis M. S; CREMA, Roberto. **O Novo Paradigma Holístico: ciência, filosofia arte e mística.** São Paulo: Summus, 1991.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Ministério da Educação e do Desporto - Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- CRYSTAL, D. **Language and the Internet.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- DIAS, Romualdo. Orientações para educadores. In: BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias.** Ambiental, política e social, mental e integral. Rio de Janeiro: Mar e Ideia, 2012.
- FINO, Carlos Nogueira. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais,** 2008. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2016.
- _____, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: (Org.). SPRADDLEY, J.. **The ethnographic interveew.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.
- _____, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: (Org.). SABIRÓN, F. (2001). Estructura de un proyecto de investigación en etnografía de la educacion (I). **Revista Europea de Etnografía da Educação.** 1. pp. 27 - 42.
- _____, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: (Org.). Genzük, M. (1993). A Synthesis of Ethnographic Research.

Occasional Papers Series. *Center for Multilingual, Multicultural Research (Eds.).* Center for Multilingual, Multicultural Research, Rossier School of Education. Los Angeles: University of Southern California.

_____, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: (Org.). BOGDAN, R. e TAYLOR, S. (1975). **Introduction to qualitative research methods: A phenomenological approach to the social sciences.** New York: J. Wiley.

_____, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: (Org.). LAPASSADE, G (2001). L'observation participante. **Revista Europeia de Etnografia da Educação.** 1. pp. 9 – 26.

_____, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: (Org.). HAMMERSLEY, M. (1990). **Reading Ethnographic Research: A Critical Guide.** London: Longman.

_____, Carlos Nogueira. **A etnografia enquanto método:** um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: (Org.). ANDRÉ, M. (1997). Tendências atuais da pesquisa na escola. Cad. CEDES,. 18. 43, pp. 46-57. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621997000200005>. Acesso em: 19/05/2016

_____, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: (Org.). SOUSA, J. M. (2000). **O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural,** in Psi 2.1 junho de 2000. Disponível em: <<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/texto2n16.htm>>. Acesso em: 19/05/2016

_____, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: (Org.). ROCKWELL, E. La lectura como práctica cultural: conceptos para el estudio de los libros escolares. Educação e pesquisa, São Paulo. v. 27. n. 1. p. 11-26, jun. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia,** 1996. Digitalização, 2002. Disponível em: <www.sabotagem.revolt.org>. Acesso em: 10 jan. 2016.

GABRIEL, Martha. **Educ@r a @evolução digital na educação.** São Paulo: Saraiva, 2013.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente:** a teoria das múltiplas inteligências. Porto Alegre: Artes Médicas, (1994). Publicado originalmente em inglês com o título: *The frames of the mind: the Theory of Multiple Intelligences,* em 1983.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34, 2014.
GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária.** 3ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.

- IACOCCA, Liliana. IACOCCA, Michele. **Eu & os outros: melhorando as relações**, [S.l.; s.n], 1993.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. Coleção debate. São Paulo: Perspectivas , 1990.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teoria do rádio: texto e contexto**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.
- BRECHT, Bertolt. Teoria do Rádio (1927-1932). In: (Org.). MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teoria do rádio: textos e contextos**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. Bachelard e o rádio: o direito de sonhar. In: (Org.). MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teoria do rádio: textos e contextos**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.
- MITICÔNDRIA, Leonardo. **Pauta: como criar e guiar seu podcast** (2013). Disponível em: <mundopodcast.com.br/podcasting/pausa-criar-podcast/>. Acesso em: 3 mar. 2016.
- MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 21ª ed. Campinas-SP: Papyrus, 2013.
- _____, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 5ª ed. Campinas-SP: Papyrus, 2012.
- MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 7ª ed. Campinas-SP: Papyrus, 2001.
- NUNES, Lilia. **Manual de voz e dicção**. 2ª ed. Rio de Janeiro, MEC- Serviço Nacional de Teatro, 1976.
- PEREIRA, Castilho Willian Cesar. **Dinâmica de Grupos Populares**. 14ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
- SALIÉS, G. Tânia; SHEPHERD, G. Tânia. **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: perspectiva, 1987.
- STANNISLAVSKI, CONSTANTI. A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- SANTAELLA, Lúcia. Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.
- TAVARES, Douglas da Silva. **Rádio: oralidade mediatizada e letramento (uma perspectiva sócia histórica)**. Recife-PE, 2011. Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/2009/dissertacoes/diss_Douglas-Tavares.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2016.

WEBGRAFIA

BLOG Pré-produção, produção e pós- produção- Disponível em:

<<http://blog.emania.com.br/pre-producao-producao-e-pos-producao/>>. Disponível em:

<<http://blog.gestaoescolar.org.br/formacao/projeto-institucional-radio-escola-732949.shtml>>.

Acesso em: 18 abr. 2016.

BLOG educação integral. Disponível em:<<http://educacaointegral.org.br/experiencias-internacionais/escola-da-ponte-radicaliza-ideia-de-autonomia-dos-estudantes/>>.

Acesso em: 03 jun. 2016.

BLOG mundo Podcast. Disponível em: <<http://mundopodcast.com.br/podcasteando/pauta-criar-podcast/>> Acesso em: 10 jun.2016.

APÊNDICES

APÊNDICE – A

1. Pré-produção, produção e pós-produção

I-Pré-produção

Primeiro encontro: Conversando, a gente se entende!

Objetivo: Apresentar o projeto Linguagem midiática e sustentabilidade: diálogo a cidadania ecológica.

Como estamos nos relacionando com a natureza e com o outro?

O que precisamos fazer para mudar a nossa relação com o meio ambiente?

Qual a importância das mídias de comunicação na nossa vida?

Quem gostaria de ser protagonista desse projeto midiático?

Objetivo: Estimular a oralidade pela leitura do livro: O que fazer, falando de convivência, de Liliana Iacocca e Michele Iacocca:

“O que você faria se encontrasse uma caixa de caneta colorida no pátio da escola?”

“O que você faria se visse um garoto dando tapa em uma garota?”

O que você faria se tivesse que falar em público?

O que você faria se a professora convidasse você a participar de uma rádioWeb?

Segundo Encontro - Simulação de uma rádio escola

Objetivo: sensibilizar a comunidade a discutir soluções cabíveis para amenizar os diversos problemas existentes na escola e no bairro

Quem tem o hábito de ouvir rádio?

Costumamos ouvir quais os programas de rádio no nosso dia a dia?(lista de programa)

O que as pessoas do bairro costumam ouvir no rádio?

Como podemos fazer uma rádio que reflita os acontecimentos do nosso dia a dia

O que é entrevista?

Quem já leu assistiu ou ouviu uma entrevista?

Em que suporte, encontramos uma entrevista?

Objetivo: envolver todos os adolescentes no trabalho coletivo.

A rádio está no Ar – Áudio 1- Namoro na escola e o vandalismo;

A rádio está no Ar – Áudio 2 - Violência cotidiana

A rádio está no Ar – Áudio 3 - O clima

A rádio está no Ar – Áudio 4 – Palavrões

A rádio está no Ar – Áudio 5 – Doença sexualmente transmitida Aids

A rádio está no Ar – Áudio 6 – A natureza

A rádio está no Ar – Áudio 7 – Mosquito Aedes Aegypti

A rádio está no Ar – Áudio 8 – Greve escolar

Objetivo: incentivar prática de escutar o outro.

De quem são essas vozes? Áudio 1, 2,3,4,5,6,7,8

Terceiro Encontro – A importância de falar em público

Objetivo: trabalhar exercícios educando a voz para o Podcast.

O que é dicção?

Objetivo: exercitar a percepção sonora do ambiente

Quais são os sons da rua?

Quais são os sons da cozinha?

Quais são os sons da natureza?

Como é som da voz irritada?

Como é o som das cadeiras arrastando?

Como é o som do celular?

Como é o som de todos falando ao mesmo tempo?

Como é o som de alguém fazendo discurso?

Quarto Encontro – conhecendo a rádio escola pela internet

Objetivo: aprender a pesquisar em uma lan house e definir os tipos de programa radiofônico para postar no site.

O que é uma rádio escola?

O que precisamos para montar uma rádio escola?

Quais os tipos de programas radiofônicos colocaremos no Podcast das escolas?

Há nomes para estas rádios?

Onde as rádios ficam localizadas na escola?

Quinto Encontro – TODOS JUNTOS SOMOS MAIS FORTES!

Objetivo: Conhecer o projeto cidadania ecológica: linguagem midiática a e sustentabilidade.

Qual o objetivo geral?

Quais os objetivos específicos?

Quem gostaria de participar?

Como podemos fazer a nossa rádio escola?

Objetivo: conhecer os programas de rádio da comunidade

Quais os programas de rádio mais ouvidos?

Quem gostaria de responder ao questionário?

Sexto Encontro – aprendendo com vídeos do YouTube!

Objetivo:

Estimular a realização de tarefa de casa

Aprender através dos vídeos do youtube – *Vídeo*: Master Web rádio- minionline- • Vídeos que
exibe uma criança entrevistando profissionais de uma rádio;

Vídeos que ensina o uso do aparato eletrônico utilizado na implantação de uma rádio.

II - Produção

Sétimo ° Encontro – Gênero radiofônico

Objetivo: Preencher o texto a grade de programação da rádio escola

Onde vamos instalar a nossa rádio?

Qual o horário de apresentação dos programas?

Qual a função de cada equipe?

2° momento – Escolha do nome da rádio escola

Qual o nome a nossa rádio escola?

Quem sabe fazer o desenho da logomarca da rádio escola?

Quando vamos escolher a logomarca?

Oitavo Encontro – organizando o novo espaço para a rádio escola.

Como vamos organizar o nosso espaço para instalarmos os aparatos radiofônicos?

Quem se propõe a participar dessa organização?

Quais os materiais são necessários?

Quando vamos fazer essa decoração?

Nono Encontro – mudando as orientações de rádio escola para Podcast escolar

Objetivo Redirecionar os trabalhos da rádio escola para o *Podcast* escolar

Por que mudamos a nossa rádio escola para o *Podcast* escolar?

Quais as vantagens dessa mudança?

Quais fatos contribuíram para essa mudança?

Como imaginamos o comportamento das pessoas que participam do nosso *Podcast*?

Objetivo: criar o *Podcast* escolar “ A voz do estudante ecológico”

Como imaginamos que deve ser a voz do locutor do *Podcast*?

Como imaginamos que deve ser o grupo de aluno para compor o *Podcast*?

Como convencer alguém a prestar atenção no áudio do *Podcast*?

Décimo Encontro – trabalhando gêneros textuais/discursivos com os alunos.

Objetivo: conhecer os gêneros radiofônicos: Lauda de programação.

Como preencher as laudas dos programas radiofônicos para o *Podcast*?

Com qual a função do *Podcast* nos identificamos mais?

Antes de gravar os áudios, precisamos ensaiar?

Somos responsáveis pelo que falamos no *Podcast*?

III – Pós- produção

Objetivo: Editar áudios no programa Audacity

Quem se sente habilitado á edição dos áudios?

Quais programas, vamos utilizar para edição?

O que é necessário para a edição?

Em que site, vamos hospedar a página do *Podcast*?

Como imaginamos o design da página do *Podcast*?

Que tópicos de informações, vamos compor o nosso *Podcast*

APÊNDICE B

1. Fotografias – Visão externa da escola



1.

Muro lateral da escola - Fonte: Dados da pesquisa 2016



2.

Lixo Tóxico na calçada da escola - Fonte: Dados da pesquisa 2016



3.

Fonte: Dados da pesquisa 2016 -
Poda de árvore na vizinhança depositada calçada da escola



4.

Fonte: Dados da pesquisa 2016 - Falta de saneamento básico-frente à escola



5.

Fonte: Dados da pesquisa 2016 Água parada – Dengue



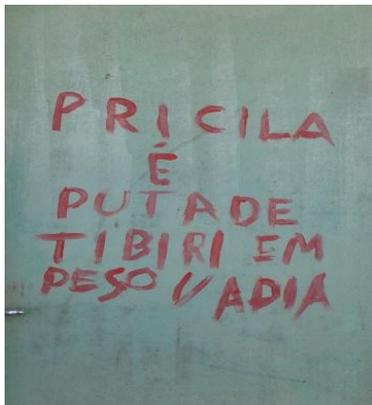
6.

Fonte: Dados da pesquisa 2016 - Centro da cidade



Fonte: Dados da pesquisa 2016 - Lixo nas calçadas no centro da cidade

2. Fotografias 1, 2, 3, 4 – Visão interna da escola



Fonte: dados da pesquisa 2016
- Porta do banheiro feminino



Fonte: dados da pesquisa 2016
- Grade da sala do material do programa mais educação



Fonte: Dados da pesquisa 2016
- Vandalismo no Auditório da escola



Fonte: Dados da pesquisa 2016
- Parede interna do banheiro dos meninos

1. Transcrição de alguns áudios dos programas de entrevista dos alunos.

1. Entrevista com o tema – Palavrões

Olá pessoal estamos falando da escola Odilon ribeiro Coutinho// e hoje iremos falar com Larissa sobre os palavrões// Larissa o que você acha dos palavrões? Todo mundo sabe eu os palavrões são muitos comuns em todos os país ? /umff/ eu acho que as pessoas deviam falar menos palavrões porque isso é muito feio// você acha que os palavrões podem magoar uma pessoa?// sim porque isso vai causa muita tristeza nos corações e vai fazer você ficar com raiva da outra pessoa// muito bem// você chama alguns palavrões? não! porque eu tenho a minha consciência e também eu sei respeitar as outras pessoas/ e tão gente é isso gente// brigado Larissa/ foi bom entrevista você tchau...

2. Entrevista com o tema – violência

Qual a VIOLÊNCIA que acontece diariamente no bairro?//violência entre facções//porque essas facções brigam por causa das ruas, locais ou um bairros?//porque eles querem AUMENTAR os pontos de drogas///mas porque eles querem aumentar mais o consumo de DROGAS//para ganhar mais dinheiro e aumentar o tráfico.

3. Namoro e vandalismo na escola

Boa tarde// estamos/ aqui /um pouco na rádio para conversar um pouco sobre //a escola em si//bom //o nosso entrevistado// vai responder três perguntas que eu irei fazer// primeiro/ o que você acha que/ o namoro na escola pode influir/ é/é /na /nos alunos//rapaz/ assim/ isso é normal//fora de da escola/mas na escola fica //fica difícil e prejudica// é/ o estudo pra os alunos// aprender cada vez mais o conhecimento//por exemplo/ um amorzinho assim// no intervalo// é/ a conversa/ é/ tá tudo bem/ mas a maioria dos alunos/ é /ficam no intervalo// vai pra quadra/ e / ficam lá no intervalo // isso é muito errado / porque interrompe um aprendizagem dos alunos e prejudica também muitas coisas pros professores /é/ isso// bom/ e o que você acha do/ do comportamento de muitos alunos/ em geral/ dentro da sala? //é/ no momento/ era regular/ mas agora passou pra pior muito ruim porque os alunos não estão mais respeitando/ os/ os professores// é/ jogam peteca/ não /não deixa a sala de aula limpa/ risca cadeira// e é assim/ eles não /não/ não tão querendo estudar/ não/ não/ tão buscando conhecimento e isso é muito ruim//então tem que ter/ uma orientação dos professores com os pais para resolverem isso// bom / e como podemos constatar/ a escola foi entregue com paredes limpas pintadas//a mesa// a mesa limpa//branquinha/ bunita, mas agora /com as paredes sujas ééé as vigas trincadas etc /bom / mas já tocando/ no assunto ee// o que você acha doo comportamento de alguns alunos foram de sala// é/ é assim / fora de sala os alunos fica mais baderneiros// é /continua jogando peteca / quando tem bolacha /assim/ como lanche// eles ficam jogando bolacha pra lá e pra cá / e isso é muito errado/ as mulheres que ficam na limpeza/ tem que fazer o trabalho dobrado/ e isso é muito ruim// ficam pichando paredes/ bagunçando com as meninas/ é e isso é muito ruim/tem que falar com os pais/ e no banheiro também os alunos ficam pichando / faz coisas absurdas no banheiro eee quem paga o pato é as mulheres da limpeza né /então// destruindo o jardim também/ isso é muito ruim/ tem que fala com os pais deles para orientar // orientar eles / e não fazer mais /porque a escola/ é o

segundo casa deles/ é o lar deles/ pra eles buscar o conhecimento// É isso aí // é/ é realmente/ é uma situação degradante/ mas/ é assim que encerramos/ infelizmente// espero que/ a situação melhore / algum dia// Boa tarde!

4. O Clima

Boa tarde / estamos falando da rádio Odilon Ribeiro Coutinho/ o nome do nosso tema é o clima// as integrantes são Maria Vitoria/ Camila/ Leticia e Yasmim / o nome da nossa professora é Wilma/ as perguntas são// primeira pergunta / o que causa o calor em nossa região?/ A poluição / segunda pergunta / o clima da nossa região é quente/ chuvoso/ ou tropical? Tropical/ terceira pergunta /o que devemos fazer para / para o nosso clima melhorar? // não jogar lixo na rua rios e mares //não cortar árvores //não queimar as florestas //essas são as nossas perguntas

2.Transcrição do áudio via *whathApp* da avó de uma aluna envolvida no processo de criação do Podcast.

Avó:

- Bom dia professora Wilma// é avó de Vanessa/ professora /eu gostaria de saber porque tanta reunião se não tá tendo aula/ e EU estou muito preocupado /porque estão abordando assunto muito PERIGOSO //estão abordando assuntos muitos perigosos/ gostaria de saber se esse assunto É só interno ou se esse assunto sai pra sala de aula// se SAI pra// pro público porque È muito perigoso este assunto que tão abordando TÃO mexendo com gente muito perigosa EU estou muito preocupada com a vida da minha filha.

Professora:

- De que assunto a senhora está falando?// Esse projeto é uma atividade dentro da escola para mostrar a capacidade dos alunos de se expressarem sobre o cotidiano da escola...

Avó:

– ESTOU falando de assunto de problema de DROGA // QUEM está falando sobre isso? que você trouxe //umas apostilhas aqui em casa que falava sobre esses assuntos de DROGA// de pessoas que tava vendendo droga lá dentro //que tava pulando o muro para vender droga // a história da carta branca //É/ a carta aberta ALIASs que ela trouxe né e aborda um assunto MUITO perigoso professora MUITO MUITO mesmo tanto pra senhora como pra eles ENTENDEU e tá me preocupando DEMAIS esse negócio tá mexendo com gente de ALTA periculosidade ali dentro// a senhora sabe que tá cheio n

Professora:

– Nós não / é / é colocaríamos em riscos os nossos alunos// a gente tem responsabilidade com eles/ sabe que eles não devem ser penalizados e sofrer qualquer ação contra eles. Não se preocupado quanto a essa carta // essa carta foi feita pelo conselho da escola e toda a comunidade já sabe// e ela não será exposta em nenhum momento apenas os alunos tem que saber o contexto da escola até pra eles se poderem //se defender e se prevenirem e não entrarem nesse mundo.”

Avó:

- Tá ok. Obrigado //EU só queria mesmo entender porque me preocupou DEMAIS quando ouvir falar sobre aqueles assuntos / né e / EU fiquei muito apreensiva porque/ ééé eu tenho muito medo desse tipo de coisa NUNCA GRAÇAS A DEUS minha família se envolveu com esse tipo NUNCA tive parente meu envolvido com essas coisa GRAÇAS A DEUS por isso eu tenho muito medo de mexer com esse tipo de gente

Professora:

- Ta aaa A senhora pode ficar tranquilo quanto a isso //não /NÃO será ninguém será afetado contra isso e NÓS temos excelentes alunos e uma forma de preveni-los de entrar nessas história/ é //eles saberem o mau que isso faz a todos nós.

Avó:

- Tá bom senhora muito obrigado tem um bom dia viu// me desculpe aí até a minha expressão porque a senhora sabe que mãe é mãe // toda mãe é cuidadosa mesmo tem zelo pelos seus filho mas a minha preocupação ainda é um pouquinho viu...

Professora:

- Não/ a senhora não tem que pedi desculpa //eu entendo, eu sou mãe e a gente sabe que não tá fácil educar hoje em dia // então nem se preocupa EU posso lhe garantir que esse trabalho é pensando em melhorar a nossa escola do que prejudicar qualquer pessoa

Avó:

- ok. OBRIGADO viu tem um bom dia deus abençoe a nós todo livre nossos filhos de todo o mau né porque só ele mesmo pode a gente não pode com nossa preocupação a obrigação nosso é se preocupar mas a preocupação nossa não vale muito é se não for deus que cuide né então tem um bom dia e MUITO OBRIGADO. (23/08/2016)

APÊNDICE E-

Questionário

<p>Projeto: “Cidadania ecológica: linguagem midiática e sustentabilidade”</p> <p>1. Queremos saber o estilo de programa radiofônico que você costuma ouvir no dia a dia.</p> <p>a) Programa Jornalístico? () sim () não.</p> <p>Se a resposta for sim, qual a emissora de rádio? A que horas isso ocorre? Qual o programa?</p> <hr/> <p>Se a resposta for Não. Justifique.</p> <hr/>
<p>b) Programa infantil ? () sim () não.</p> <p>Se a resposta for sim, qual a emissora de rádio? A que horas isso ocorre? Qual o programa?</p> <p>Se a resposta for Não. Justifique.</p> <hr/>
<p>c) Programa humorístico? () sim () não.</p> <p>Se a resposta for sim, qual a emissora de rádio? A que horas isso ocorre? Qual o programa?</p> <p>Se a resposta for Não. Justifique.</p> <hr/>
<p>d) Programa de entrevista? () sim () não.</p> <p>Se a resposta for sim, qual a emissora de rádio? A que horas isso ocorre? Qual o programa?</p> <p>Se a resposta for Não. Justifique.</p>
<p>e) Programa de Esporte? () sim () não.</p> <p>Se a resposta for sim, qual a emissora de rádio? A que horas isso ocorre? Qual o programa?</p> <p>Se a resposta for Não. Justifique.</p> <hr/>
<p>f) Programa Interativo? () sim () não.</p> <p>Se a resposta for sim, qual a emissora de rádio? A que horas isso ocorre? Qual o programa?</p> <p>Se a resposta for Não. Justifique.</p> <hr/>
<p>g) Programa de comportamento? () sim () não.</p> <p>Se a resposta for sim, qual a emissora de rádio? A que horas isso ocorre? Qual o programa?</p> <p>Se a resposta for Não. Justifique.</p> <hr/>
<p>h) Programa cultural? () sim () não.</p> <p>Se a resposta for sim, qual a emissora de rádio? A que horas isso ocorre? Qual o programa?</p> <p>Se a resposta for Não. Justifique.</p> <hr/>
<p>i) Programa ecológico? () sim () não.</p> <p>Se a resposta for sim, qual a emissora de rádio? A que horas isso ocorre? Qual o programa?</p> <p>Se a resposta for Não. Justifique.</p> <hr/>
<p>j) Programa Religioso? () sim () não.</p> <p>Se a resposta for sim, qual a emissora de rádio? A que horas isso ocorre? Qual o programa?</p> <p>Se a resposta for Não. Justifique.</p> <hr/>
<p>l) Programa Musical? () sim () não.</p> <p>Se a resposta for sim, qual a emissora de rádio? A que horas isso ocorre? Qual o programa?</p> <p>Se a resposta for Não. Justifique. _____</p>

APÊNDICE F-

Projeto Cidadania ecológico: linguagem midiática e sustentabilidade

Objetivo geral

Promover uma mídia radiofônica enfatizando os conhecimentos educacionais (pedagógico) e socioculturais (etimológico) com a participação ativa da comunidade escolar.

Objetivos específicos:

Para os gestores –

Engalar a comunidade escolar na ação radiofônica;

Para os professores

Estabelecer a interdisciplinaridade a partir de sugestões para pauta da programação que deverá ir ao ar elaborando junto ao aluno um roteiro escrito com uma linguagem voltada para a oralidade.

Para os alunos

Vivenciar em sala de aula simulações de eventos comunicativos usando a linguagem radiofônica;

Conhecer o funcionamento das mídias radiofônicas usadas na instalação de uma *radioWeb* externa á escola e, em seguida, adaptar-se á existente no espaço escolar;

Produzir uma mídia radiofônica tendo como protagonista os alunos da comunidade escolar

Para os pais – participar das atividades escolares como ouvintes e também como produtores enviando sugestões de pauta.

Tempo estimado – para a escola Permanente// para a pesquisa 3 meses

Anos envolvidos: ensino fundamental I e II

Material necessário:

Um computador, um ou dois microfones caixas de som amplificador (opcional), mesa de som estéreo software de edição de áudio e programação (existente alguns gratuito como *Audacity* e o *ZaraRádio*) e painéis de espuma para isolamento do estúdio.

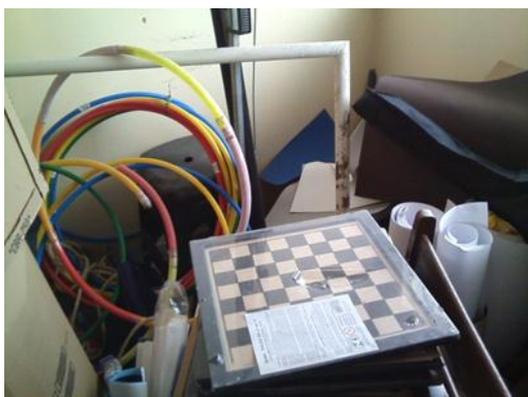
Disponível em <http://gestaoescolar.org.br/formacao/projeto-institucional-radio-escola-732949.shtml>

APÊNDICE H –

PREPARANDO ESPAÇO FÍSICO NA ESCOLA PARA A INSTALAÇÃO DA RADIO ESCOLA

Foto A – ESPAÇO FÍSICO 1 - Espaço antes da instalação da rádio escola

1.



Fonte: dados da pesquisa 2016

2.



Fonte: dados da pesquisa 2016

3.



Fonte: dados da pesquisa 201

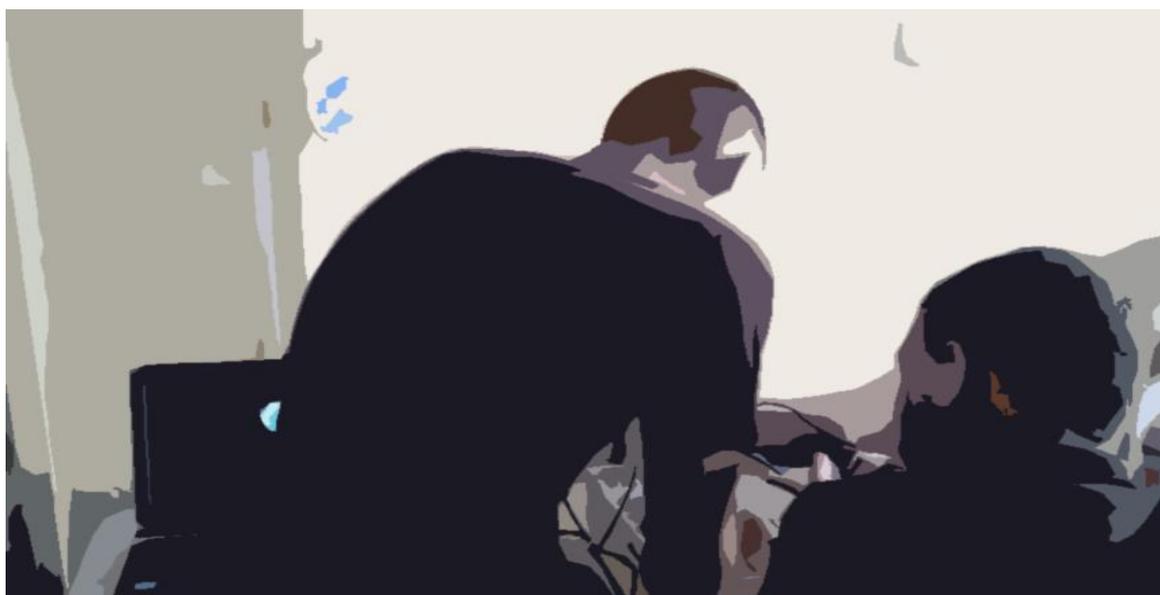
4.



Fonte: Dados da pesquisa 2016.

Foto B Espaço físico 1. Depois da organização

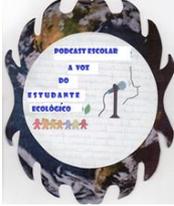
Alunos do 9º Ano – Instalando a mesa de som para a rádio escola.



Fonte: dados da pesquisa 2016

APÊNDICE I

PODCAST ESCOLAR “A VOZ DO ESTUDANTE ECOLÓGICO” FICHA CADASTRAL



PODCAST ESCOLAR
“A VOZ DO ESTUDANTE ECOLÓGICO”
FICHA CADASTRAL

NOME:	
FUNÇÃO	
<input type="checkbox"/> Produtor	<input type="checkbox"/> repórter
<input type="checkbox"/> editor	<input type="checkbox"/> Âncora
<input type="checkbox"/> Roteirista	<input type="checkbox"/> Locutor
<input type="checkbox"/> Operador de áudio	
ANO DE ESCOLARIDADE:	TURMA:

NOME:	
FUNÇÃO	
<input type="checkbox"/> Produtor	<input type="checkbox"/> repórter
<input type="checkbox"/> editor	<input type="checkbox"/> Âncora
<input type="checkbox"/> Roteirista	<input type="checkbox"/> Locutor
<input type="checkbox"/> Operador de áudio	
ANO DE ESCOLARIDADE:	TURMA:

NOME:	
FUNÇÃO	
<input type="checkbox"/> Produtor	<input type="checkbox"/> repórter
<input type="checkbox"/> editor	<input type="checkbox"/> Âncora
<input type="checkbox"/> Roteirista	<input type="checkbox"/> Locutor
<input type="checkbox"/> Operador de áudio	
ANO DE ESCOLARIDADE:	TURMA:
NOME:	

APÊNDICE J

PODCAST ESCOLAR “A VOZ DO ESTUDANTE ECOLÓGICO” GRADE DE PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO



PODCAST ESCOLAR
 “A VOZ DO ESTUDANTE ECOLÓGICO”
 GRADE DE PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO

DIA: __/__/__ Horário: ____	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
1º Período					
2º Período					
3º Período					
4º Período					

Horários / equipe

1º _____

2º _____

3º _____

4º _____

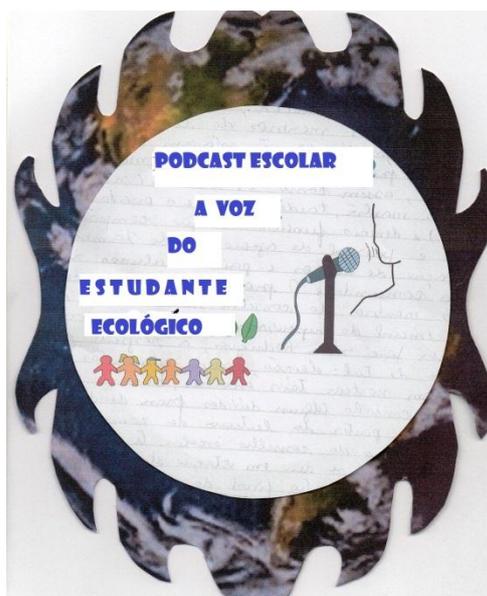
APÊNDICE K -1.
LOGOMARCA DO PODCAST “A VOZ DO ESTUDANTE ECOLÓGICO”

1.



Fonte: dados da pesquisa 2016

2.



Fonte: dados da pesquisa 2016

APÊNDICE L-

NÍVEL SÓCIO ECONÔMICO DA COMUNIDADE

Foto 1 – ESPAÇO FÍSICO – trabalhando para organizar o novo espaço antes da instalação da rádio escola

1.



Fonte: dados da pesquisa 2016

Foto 2 – ESPAÇO FÍSICO 2 – O novo espaço pronto para instalação da rádio escola



Fonte: dados da pesquisa 2016

APÊNDICE M

1. LAUDA DE APRESENTAÇÃO DE PROGRAMA DE ENTREVISTA – O PODCAST ESCOLAR

	<p><i>O PODCAST ESCOLAR</i></p> <p>“A VOZ DO ESTUDANTE ECOLÓGICO”</p> <p>LAUDA DE APRESENTAÇÃO DE PROGRAMA DE ENTREVISTA</p>
DATA: 12/03/2016	HARÁRIO: 9:30
PROGRAMA DE ENTREVISTA: Fala Comunidade!	TEMPO: 5 min.
EQUIPE: João na locução, Maria na produção e no áudio José.	
TEMA: Meio ambiente	
ABERTURA (SAUDAÇÃO, IDENTIFICAÇÃO, TEMA)	
Saudação - Olá, eu sou _____, bom dia a todos que nos escutam.	
Hoje, -----/de agosto de 2016,	
Identificação – Agora, está no ar a rádio estudante ecológico , com o programa de entrevista: Fala comunidade! A nossa entrevista é com os alunos do 5º ano. Ana, Pedro e Larissa.	
Tema- Os nossos entrevistados de hoje, vão falar sobre o lixo na escola.	
MÚSICA PARA INTRODUÇÃO DO TEMA: Não jogue lixo no chão	
ARTISTA: Vital Farias	TEMPO 0:20
PRIMEIRA PARTE DA ENTREVISTA	TEMPO:
Bom dia, aos nossos entrevistados.	
Entrevistador - Queremos saber como é feita a coleta de lixo na sua escola?	
Entrevistado -	
MÚSICA PARA INTERVALO DA ENTREVISTA “Não jogue lixo no chão o chão é pra plantar semente”	
ARTISTA: Vital Farias	TEMPO 0:20
SEGUNDA PARTE DA ENTREVISTA	
Entrevistador – como você cuida do seu lixo?	
Entrevistado:	
MUSICA PARA O ENCERAMENTO (AGRADECIMENTO, DESPEDIDA E FICHA TÉCNICA).	
A música: “ Não jogue lixo no chão, chão é pra plantar semente”, do compositor paraibano Vital Farias.	
Agradecemos aos alunos Ana, Pedro e Larissa do 5º ano . Por abrilhantarem a nossa entrevista...	
Produção do programa	
Locutor e o áudio:	

APÊNDICE N

1. LAUDA DE APRESENTAÇÃO DE PROGRAMA DE VARIEDADE – O *PODCAST* ESCOLAR.



PODCAST ESCOLAR

“A VOZ DO ESTUDANTE ECOLÓGICO”

LAUDA DE APRESENTAÇÃO DE PROGRAMA DE VARIEDADES

DATA:	HARÁRIO:
PROGRAMA DE POESIA	TEMPO:
EQUIPE:	
TEMA	
ABERTURA (SAUDAÇÃO, IDENTIFICAÇÃO, TEMA)	
MÚSICA PARA INTRODUÇÃO DO TEMA:	
ARTISTA:	TEMPO
:	
A HORA DA POESIA	TEMPO:
MÚSICA PARA INTERVALO	
ARTISTA	TEMPO
SEGUNDA PARTE DO PROGRAMA A HORA DA POESIA	
MUSICA PARA O ENCERAMENTO (AGRADECIMENTO, DESPEDIDA E FICHA TÉCNICA).	
TEMPO:	
DATA:	HARÁRIO:
PROGRAMA DE CURIOSIDADE-	TEMPO:
EQUIPE:	
TEMA	
ABERTURA (SAUDAÇÃO, IDENTIFICAÇÃO, TEMA)	

MÚSICA PARA INTRODUÇÃO DO TEMA:	
ARTISTA:	TEMPO
:	
VOCE SABIA QUE...	TEMPO:
MÚSICA PARA INTERVALO DAS NOTÍCIAS	
ARTISTA	TEMPO
SEGUNDA PARTE DAS NOTÍCIAS	
MUSICA PARA O ENCERAMENTO (AGRADECIMENTO, DESPEDIDA E FICHA TÉCNICA).	
DATA:	HARÁRIO:
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	TEMPO:
EQUIPE:	
TEMA:	
ABERTURA (SAUDAÇÃO, IDENTIFICAÇÃO, TEMA)	
MÚSICA PARA INTRODUÇÃO DO TEMA:	
ARTISTA:	TEMPO
:	
VAMOS AGORA A UM GIRO DE NOTÍCIA DA NOSSA ESCOLA E DO NOSSO BAIRRO	TEMPO:
:	
MÚSICA PARA INTERVALO DO PROGRAMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
ARTISTA	TEMPO
SEGUNDA PARTE DO PROGRAMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
MUSICA PARA O ENCERAMENTO (AGRADECIMENTO, DESPEDIDA E FICHA TÉCNICA).	

APÊNDICE O

1º- Postagem da página do *Podcast*

A voz do estudante ecológico.

1.



Fonte: Dados da pesquisa 2016

2.



Fonte: Dados da pesquisa 2016

3.



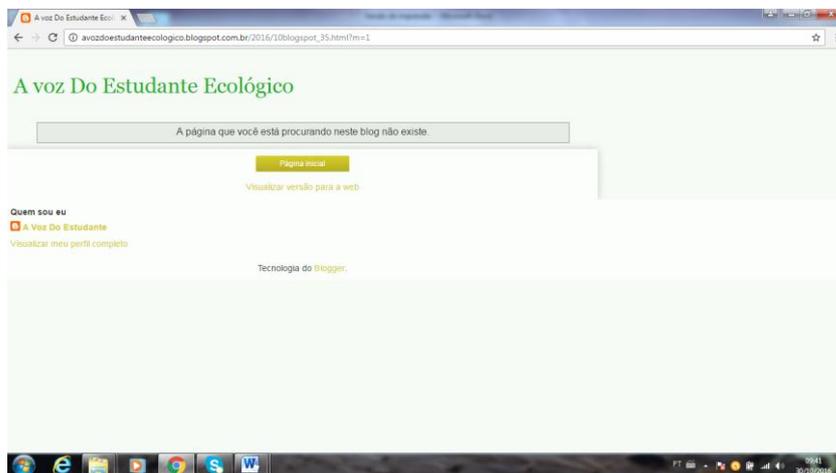
Fonte: Dados da pesquisa 2016

APÊNDICE P

2º- Postagem da página do *Podcast*

A voz do estudante ecológico.

1.



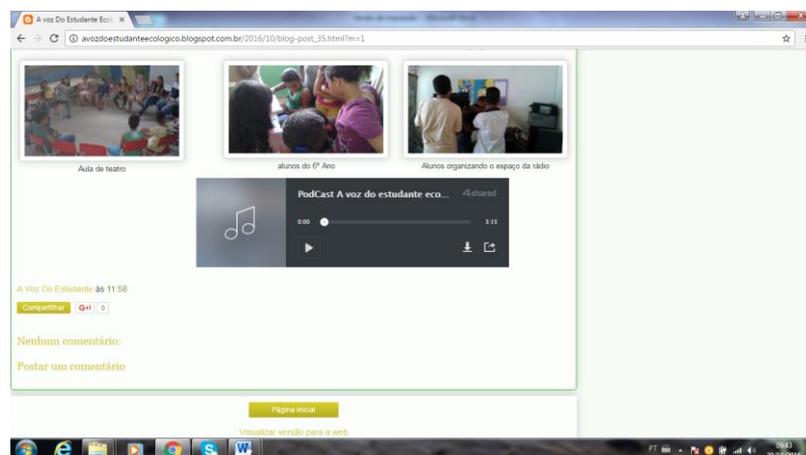
Fonte: Dados da pesquisa 2016

2.



Fonte: Dados da pesquisa 2016

3.



Fonte: Dados da pesquisa 2016

APÊNDICE Q

Sublime Text-

A voz do estudante ecológico

The image displays two screenshots of the Sublime Text 2 editor, showing the source code for a website. The top screenshot shows CSS code for a navigation menu and a figure sheet. The bottom screenshot shows the corresponding HTML code, including the navigation menu, figure sheet, and main content area.

```

19 margin: 10px;
20 display: inline-block;
21 top: 10px;
22 }
23 }
24 nav#menu ul a {
25 color: white;
26 }
27 }
28 nav#menu {
29 background-color: green;
30 width: 1365px;
31 height: 100px;
32 font-family: Arial Black;
33 position: fixed;
34 left: 10px;
35 top: -20px;
36 right: 10px;
37 }
38 }
39 figure#Sheet {
40 width: 995px;
41 height: 2500px;
42 background-color: lightcoral;
43 margin-top: 100px;
44 box-shadow: 5px 5px 10px #333333;
45 }
46 figure#Sheet figcaption {
47 margin-top: 100px;
48 font-family: Arial black;
49 }
50 }
51 nav#menu li:hover {
52 background-color: white;
53 color: #333333;
54 transition: 1s;
55 }
56 }
57 }
58 }
59 }
60 }

```

```

61
62 </style>
63 </body>
64
65 <!-- Menu -->
66 <nav id="menu">
67 <center>
68 <ul>
69 <a href="http://vozdoestudanteecologico.esy.es/"><li>Podcast</li></a>
70 <a href="http://vozdoestudanteecologico.esy.es/sobre.html"><li>Sobre</li></a>
71 <a href="http://vozdoestudanteecologico.esy.es/forum.html"><li>Forum online</li></a>
72 </center>
73 </nav>
74 </ul>
75
76 <!-- Sheet/Folha -->
77 <center>
78 <figure id="Sheet">
79 <figcaption>
80 <br>
81 <br>
82 <h1 class="Titulo">Sobre</h1><br>
83 <h2>O que é?</h2>
84 <p>A voz do estudante ecológico é uma criação dos alunos para compartilhar os seus programas<br>
85 de áudio em forma de entrevista e de variedades. Escolhemos o podcast por ser recurso de <br>
86 fácil acesso e que todos podem utilizar.</p><br>
87
88 <h2>Para que serve?</h2>
89 <p>A voz do estudante ecológico serve para divulgar os trabalhos produzidos pelos alunos da escola,<br>
90 e para despertar o interesse dos colegas na aprendizagem e na discussão de problemas de nossa<br>
91 de nosso bairro e de nossa cidade!</p>
92 <h2>Quem somos?</h2>
93
94 
95
96 </figcaption>
97
98 </figure>
99 </center>
100
101 </div>
102 </body>

```

ANEXOS

ANEXO 1- CAMPANHA PUBLICITÁRIA



Limpa Brasil Let's do it! X

www.atitudebrasil.com/site/projetos/limpa-brasil-lets-do-it/

LIXO FORA DO LIXO!

O movimento Let's do it!, presente em mais de 140 países, tem por objetivo unir esforços dos diversos setores da sociedade a fim de reverter uma realidade enraizada de descarte inadequado do lixo e descaso com o ambiente. Ou seja, a cultura de jogar lixo fora do lixo. Em nosso país, onde leva o nome de Limpa Brasil Let's do it!, a campanha pretende convocar as pessoas das maiores cidades brasileiras a participarem deste movimento mundial de remoção de resíduos inadequadamente depositados no espaço público, além de incentivar a coleta seletiva. Através de uma intensa campanha educativa e de mutirões de limpeza, o movimento quer dar um grande passo para a preservação ambiental e a criação de um maior comprometimento da sociedade com a questão do lixo e com os problemas ligados a ele em todas as áreas: saúde, educação, social. Também pretende despertar na cidadão o cuidado com o espaço público e preservação do meio ambiente.

Com grande sucesso no exterior, o movimento realiza ações no Brasil desde 2011 e já passou por 14 cidades: Rio de Janeiro, Brasília, Goiânia, Campinas, Santo André & Mauá, São Bernardo & Diadema, São Paulo, Belo Horizonte, São Luís, João Pessoa, Porto Alegre e Belém.

Através de um grande empenho na educação, pretende-se gerar uma efetiva mudança cultural no brasileiro, visando um país mais sustentável e com melhores condições socioambientais. Para tal, o movimento conta com a cooperação da UNESCO e forte atuação nas escolas públicas municipais; além disso, para que seja possível mudar hábitos culturais tão arraigados, o movimento tem duração prevista de 10 anos. Os números alcançados até o momento são impressionantes: 120 toneladas de resíduos recicláveis foram coletados e as atividades já envolveram mais de 100 mil voluntários. Até o final de 2012, passaremos em mais duas cidades.

07:48
26/09/2016

Disponível em: <<http://www.atitudebrasil.com/site/projetos/limpa-brasil-lets-do-it/>>.

← → redemargarida.blogspot.com.br/2013/09/encontro-de-protagonismo-juvenil-de.html ☆

TERÇA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 2013

Encontro de Protagonismo Juvenil de João Pessoa



Protagonistas
construindo seus **DIREITOS**

Participação em política na forma de lei
Direito à expressão
Participação em decisões que afetam a comunidade
Direito à educação
Participação em decisões que afetam a comunidade
Direito à saúde
Participação em decisões que afetam a comunidade
Direito à moradia
Participação em decisões que afetam a comunidade
Direito à cultura
Participação em decisões que afetam a comunidade
Direito à cidade

“PROTAGONISTAS CONSTRUINDO SEUS DIREITOS”, no dia 04 de outubro de 2013, das 08 às 17h acontece o Encontro Municipal de Protagonismo Juvenil João Pessoa, nas Aldeias Infantis SOS - Paraíba. O encontro tem como objetivos:

A REMAR

REMAR - Paraíba
 João Pessoa, Paraíba, Brazil
 A Rede Margaridas Pró-Crianças e Adolescentes da Paraíba - REMAR é uma articulação de organizações governamentais e da sociedade civil. Surgiu em 2003 e ampliou sua atuação para responder ao Artigo 86 do ECA "A política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente far-se-á através de um conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais, da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios".
[Visualizar meu perfil completo](#)

ENDEREÇO REMAR
 Rua Prof. Joaquim Francisco Veloso Galvão,
 1.532 - Pedro Gondim
 João Pessoa - PB
 Fone: (83) 3222-8910
 (83) 8892-8910

remarjp@gmail.com
redemargarida.blogspot.com
www.redemargaridas.com.br

ECA 26 ANOS



Disponível em: <<http://redemargarida.blogspot.com.br/2013/09/encontro-de-protagonismo-juvenil-de.html>>.

ANEXO 2 - PANFLETO

QUEIMAR É CRIME!

(Lei Federal nº 9 605/98, de 12/2/1998)

FUMAÇAS = DOENÇAS + MORTES

(Milhões de pessoas morrem no mundo, a cada ano, por respirarem algum tipo de fumaça)

CRIANÇAS, IDOSOS E DOENTES SÃO OS MAIS PREJUDICADOS PELAS FUMAÇAS

FUMAÇAS = LIXOS SUSPENSOS NO AR
(CARVÃO EM PÓ + GASES NOCIVOS + QUÍMICA CANCERÍGENA)

PORTANTO: NÃO PRATIQUE CRIME

NÃO QUEIME

NÃO SUJE O AR DE TODOS

AÇÃO VOLUNTÁRIA PELO DIREITO DE RESPIRAR

ACESSE: www.queimadasurbanas.bmd.br , para mais informes.

ANEXO 3- HISTÓRIA EM QUADRINHO
TRECHO DO LIVRO O QUE FAZER, FALANDO DE CONVIVÊNCIA, DE
LILIANA IACocca E MICHELE IACocca



ANEXO 4 -ENTREVISTA



A ENTREVISTA

A entrevista é uma conversação entre duas ou mais pessoas (**o entrevistador** e **o entrevistado**) em que perguntas são feitas pelo entrevistador para obter informação do entrevistado. É um texto conversacional.

Sua estrutura:

- ❖ **O título:** indica o assunto, destaca o nome do entrevistado. Pode ser acompanhado ou não por um antetítulo ou/e por um subtítulo;
- ❖ **A introdução/abertura:** apresentação do tema, do objetivo da entrevista e/ou da pessoa a entrevistar, descrição da(s) personagem(ns) entrevistada(s), indicação do lugar e a razão da entrevista;
- ❖ **O corpo da entrevista:** sequência de perguntas e respostas entre o entrevistado e o entrevistador.
(As perguntas devem ser previamente preparadas e adequadas ao entrevistado (sexo, idade, personalidade) e à situação)
- ❖ **A conclusão/o fecho:** breve opinião do entrevistador .

Preparação da entrevista

Para que a entrevista seja interessante, o jornalista deve previamente:

- Escolher o entrevistado de acordo com o interesse que poderá despertar no público a quem a entrevista é dirigida.
- Recolher informações sobre a vida e a actividade profissional do entrevistado e sobre o tema principal da entrevista.
- Preparar um questionário, seleccionando as perguntas que tenham mais interesse, de modo a conseguir levar o entrevistado a revelar o que se pretende saber. As perguntas não devem ser fechadas (perguntas a que se possa responder com «sim» ou «não») e devem ser ordenadas de forma lógica.

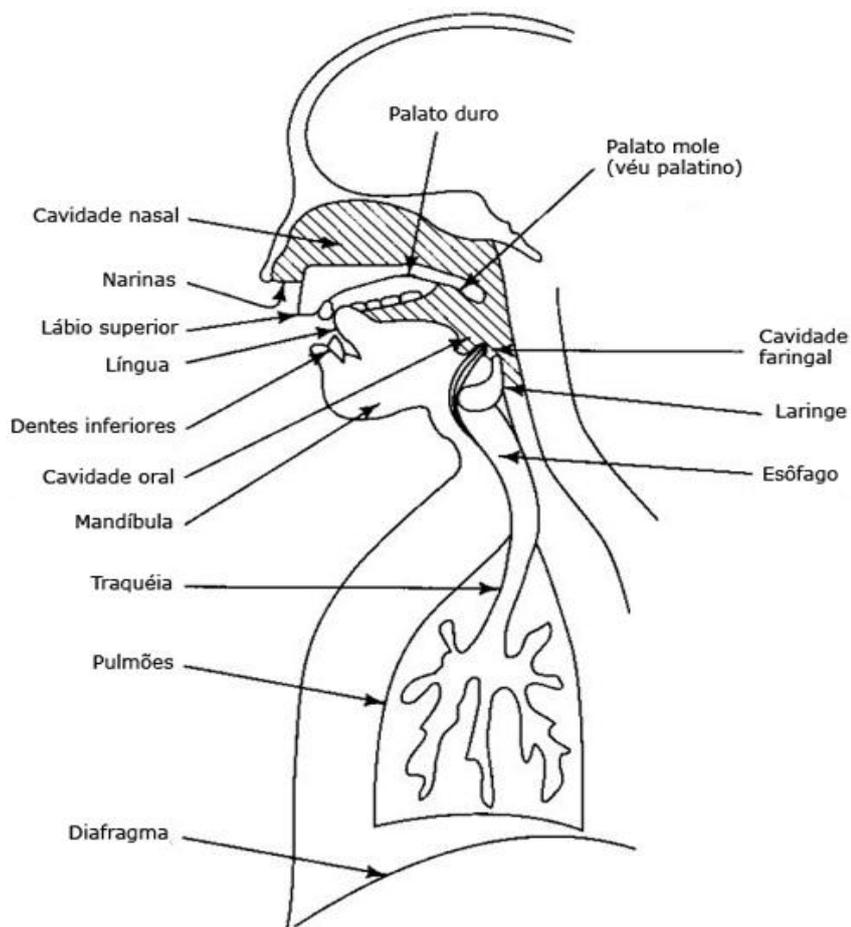
ANEXO 5 – FÁBULA

Era uma vez um Beija-Flor que fugia de um incêndio juntamente com todos os animais da floresta. Só que o Beija-Flor fazia uma coisa diferente: apanhava gotas de água de um lago e atirava-as para o fogo. A águia, intrigada, perguntou: – “Ô bichinho, achas que vais apagar o incêndio sozinho com estas gotas?” – “Sozinho, sei que não vou”, respondeu o Beija-Flor, “mas estou a fazer a minha parte”. Envergonhado, a águia chamou os outros pássaros e, juntos, todos entraram na luta contra o incêndio. Vendo isto, os elefantes venceram seu medo e, enchendo suas trombas com água, também corriam para ajudar. Os macacos pegaram cascas de nozes para carregar água. No fim, todos os animais, cada um de seu jeito, acharam maneiras de colaborar na luta. Pouco a pouco, o fogo começou a se debilitar quando, de repente, o Ser Celestial da Floresta, admirando a bravura destes bichinhos e comovido, enviou uma chuva que apagou de vez o incêndio e refrescou todos os animais, já tão cansados – mas felizes...Que possamos todos nós ter a coragem de fazer a nossa parte e a solidariedade de trabalhar juntos – na fé de estarmos abertos para as bênçãos do Sagrado...

Autora: Wangari Maathai – Prêmio Nobel da Paz

ANEXO 6 – Trabalhando a oralidade

TEXTO 1 - Timbre vocal



Nos estudos que envolvem a fonética (som), o timbre é uma característica acústica da fala, gerada a partir da vibração da laringe em conjunto com as cordas vocais e impulsionada pela passagem do ar pulmonar e das articulações de diversas cavidades, como a boca, a traqueia, a garganta e etc.

Assim como acontecem com os instrumentos musicais, o **timbre da voz humana** varia de acordo com o formato das cavidades que sofrem com a ressonância das cordas vocais, levando em consideração vários fatores, como a quantidade de ar pulmonar, por exemplo.

<https://www.significados.com.br/timbre/>

TEXTO 2 – Manual de dicção

1. Exercícios de dicção

O lusco-fusco do murundu do sul púrpuro de luz.
 Crrrrrrrru ... crrrrrrrr ... crrrrrrrr ... no fundo do mucurru.
 O crrrrrrrru crrrrrrrr jururu do sapo cururu.
 Na penumbra de um profundo céu de chumbo
 se vislumbra um claro que alumbra, deslumbra e
 retumba.

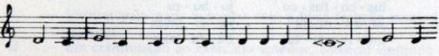
ENCONTROS DE VOGAIS

Depois de estudar a emissão de cada vogal isolada, passamos a trabalhar a passagem de uma vogal para outra.

u-o	u-e	u-a	u-i
o-u	o-a	o-e	o-i
i-u	i-a	i-e	i-o
e-u	e-a	e-o	e-i
a-u	a-o	a-e	a-i
a-i-o	a-i-u	ão-ões	-ões



U-O	U-E	U-A	U-I	U-A-I	U-A-I-U
A-mu-o	du-en-de	lu-a	bu-í-do	gu-a-i-ar	u-a-i-u-rus
pos-su-o	flu-en-te	mu-a	cu-í-ca	gu-ai-a-pé	u-a-ra-ca-u
flu-tu-o	ru-e-la	ru-a	ju-í-zo	gu-ai-a-u	u-a-u-a-çu
re-cu-o	pu-e-ra	su-a	pu-í-do	pa-ra-gua-io	u-a-ra-cau-á
un-tu-o	mu-e-la	cr-u-a	Su-í-ça	Gu-ai-a-quis	u-a-ca-rau-ás
je-ju-o	cu-e-ra	tu-a	ru-í-na	Gu-ai-a-cá	u-a-na-na-us
obs-tru-o	bru-e-ga	pu-a	tu-í-ra	Gu-ai-a-nás	u-i-ra-pu-ru



O-U	O-A	O-E	O-I	ÃO	ÕES
Bo-u-cha	bo-a	bo-ê-mi-o	bo-i-na	mão	le-ões

68

Do-u-ro	do-a	co-e-lho	co-i-ce	não	ten-sões
co-u-ro	co-a	do-en-te	do-i-do	vão	li-ções
fro-u-xo	Go-a	jo-e-lho	go-i-vo	pão	rin-cões
go-u-gre	lo-a	go-e-la	jo-i-o	São	tos-tões
lo-u-ro	mo-a	po-e-ta	lo-i-ro	cão	tu-fões
mo-u-ro	pro-a	vo-e-jo	mo-i-ta	tão	ser-mões
no-u-tro	ro-a	po-en-te	no-i-te	vão	le-sões
po-u-so	so-a	mo-en-da	fó-i-ce	chão	a-nões
So-u-to	vo-a	ro-en-do	zo-i-na	a-não	pa-vões
to-u-ro	zo-a	so-er-ga	co-i-fa	ba-ão	mi-lhões
cho-u-po	bro-a	Mo-e-ma	fro-i-xo	Aa-rão	ga-tões



I-U	I-U	I-A	I-A	I-E	I-O	I-O
ci-ú-me	su-bi-u	sa-bi-a	hi-a-to	bi-e-la	a-bi-o	i-o-do
di-ur-no	zu-ni-u	ba-ci-a	i-a-ca	ci-en-te	ti-ti-o	i-o-le
Fr-ú-me	sor-ri-u	sa-di-a	i-a-te	di-e-ta	ci-ci-o	i-o-ta
mi-ú-do	ru-gi-u	a-gi-a	i-a-ga	hi-e-na	pa-vi-o	i-o-ga
vi-ú-va	mu-gi-u	a-fl-a	i-a-ma	gi-es-ta	ma-ci-o	ci-o-ba
fri-u-ra	par-ti-u	ma-ni-a	i-a-mem	l-e-se	na-vi-o	vi-o-la
mi-ú-va	pu-i-u	bra-mi-a	i-a-não	l-é-men	ro-ci-o	mi-o-lo
pi-ú-na	lu-zi-u	car-pi-a	l-an-sã	l-er-ma	pi-pi-o	ci-o-so
tri-un-fo	ti-ni-u	var-ri-a	l-a-go	cli-en-te	zi-zi-o	di-o-so



E-U	E-U	E-A	E-O	E-I	E-I
E-u	a-te-u	be-a-ta	Le-o-ni-ce	be-i-ço	ter-ce-i-ro
me-u	Per-se-u	ge-a-da	re-or-de-na	je-i-to	pa-de-i-ro
se-u	per-de-u	bre-a-da	te-o-ri-a	fe-i-to	fer-re-i-ro
te-u	re-le-u	te-a-tro	ple-o-nas-ma	le-i-te	ar-me-i-ro
de-u	ple-be-u	me-a-da	te-o-re-ma	me-i-go	pei-xe-i-ro

69

Texto 3. DICAS PARA MELHORAR A VOZ E A DICÇÃO!

Se você quiser ser levado a sério no mundo dos negócios e pessoalmente, você deve ser capaz de falar com clareza e confiança. Muitas pessoas ficam na escola e faculdades sem colocar tempo suficiente para melhorar suas habilidades de falar em público. Como resultado, quando têm de falar com colegas de trabalho ou fazer apresentações, eles não têm as habilidades que fazem as pessoas de negócios e de destaque verdadeiramente eficazes. Felizmente, tornar-se um melhor orador público não é difícil, apenas exige a prática regular de algumas técnicas importantes.

A fala - Use a lentidão ao falar e praticar seus exercícios de dicção

Fale rápido demais e você corre o risco de parecer estar resmungando e atrapalhando as partes das palavras que precisam ser claramente definidas. Leve o seu tempo e se concentre na clareza, e, eventualmente, você será capaz de falar com clareza e rapidez.

Pronúncia - Trabalhe em pronunciar as consoantes em palavras com clareza. Basta certificar-se de que elas são precisas e que não se misturam em outras palavras.

Existem muitas seqüências de frases, poesias e sons que você pode repetir para praticar essa pronúncia. Tenha certeza de dedicar um bom tempo por dias para isso.

Articulações Praticar o seguinte exercício para ajudar deixar sua boca mais móvel: exagere os movimentos para tentar deixar sua boca trabalhando mais articulada, afim de construir os músculos. Use frases, movimentos com a face e boca, sons exagerados. Quanto mais, melhor. Tome uma frase curta e a repita mais e mais, sem deixar que a clareza vacile através de cada repetição. Procure por frases com muitos padrões diferentes de pronúncia para poder aproveitar melhor este exercício

Dicção - Aumente a velocidade muito gradualmente ao praticar dicção. Para ter uma boa ideia de sua própria clareza, tente gravar a si mesmo, tanto durante a prática de um discurso quanto durante os exercícios. Se você notar sons específicos onde sua dicção é pobre, encontre mais exercícios para trabalha-los. Para cada som, existe uma série de frases que podem ajudar na prática. Há muitos sites com esses sons e que podem ser bem úteis na prática de técnicas para melhorar sua voz e dicção.

Ouçã a sua voz - Grave e ouça sua voz

Grave sua voz lendo um discurso qualquer. Após terminar, ouça sua voz. Acostume-se a identificar as palavras. Experimente falar em ritmos diferentes, com propósitos e emoções diferentes. Quanto mais você experimentar, melhor sua voz vai ficar.

Faça teatro

No teatro, muitos diretores colocam seus atores para praticarem técnicas de voz e principalmente, perderem a vergonha de falar. É uma ótima oportunidade para você conseguir conquistar uma vitória contra a timidez e ainda por cima, melhorar e impor mais sua voz.

Cante

Comece no chuveiro, sozinho. Depois cante com os amigos e por fim, cante sozinho. Você não precisa ser nenhum cantor de ópera, esse canto servirá apenas para te ajudar a perder a vergonha e melhorar ainda mais a articulação e volume da sua voz.

Na dúvida ou na insegurança, procure um profissional!

O profissional especialista na fala e dicção é o fonoaudiólogo. Algumas sessões podem te ajudar muito, principalmente se você tem problemas mais sérios, como língua presa ou alguns sons que saem confusos. Principalmente quem está com muitas dificuldades em lidar com a pronúncia correta de uma língua estrangeira, um fonoaudiólogo pode ajudar bastante.

<https://www.saudemelhor.com/10-dicas-para-melhorar-voz-diccao/>

Texto 5. Principais participantes e suas funções

RÁDIO ESCOLAR | 73

Principais participantes e suas funções

Produtor

Responsável pela seleção e pesquisa dos conteúdos e pelo contato com as fontes.

Repórter

Realiza matérias externas.

Roteirista

Organiza e redige os textos na lauda, garantindo a coesão e a coerência do programa.

Operador de áudio

Executa o áudio do programa, respondendo pela parte técnica e qualidade do som.

Editor

Constrói as pautas e faz a revisão geral do programa. Cabe a ele decidir quais quadros e temas serão apresentados, sua ordem de entrada, a angulação a ser adotada e o tempo destinado a cada quadro na rádio. No momento da primeira audição do programa, depois da primeira gravação, antes de o programa ir ao ar, cabe ao editor, principalmente, sugerir acréscimos e cortes nos quadros, mudanças de locução etc.

Âncora

Faz a locução inicial e final dos programas, bem como a articulação entre os quadros, anunciando os locutores e introduzindo o tema.

Locutor

Faz a locução dos quadros da rádio.

Aconselhamos que os estudantes tenham a chance de vivenciar diversos papéis na elaboração dos programas para adquirir versatilidade e desenvolver múltiplas habilidades e competências. Depois de os grupos estarem definidos, o programa e os quadros escolhidos e as funções de cada estudante dentro do grupo estabelecidas, o coordenador do projeto estimula os participantes ao trabalho de pesquisa de conteúdo e elaboração

TEXTO 6 - CONHECENDO O PODCAST

1.

Termos podcastais

Podcasting – Forma de transmissão de arquivos de mídia pela internet que permite que um ouvinte seja notificado das atualizações e faça o download do arquivo, automaticamente, sem necessidade de “ir” até ao arquivo.

Podcast – Nome dado ao conteúdo transmitido via podcasting, geralmente aplicado a arquivos sonoros.

Podcaster – Pessoa que produz um podcast.

Podosfera – Nome que se dá ao universo que engloba podcasts e podcasters.

Podsafe – Expressão utilizada para categorizar músicas gratuitas para distribuição via podcasting. Não há uma legislação de direitos autorais específica para podcasts.

iPod – Tocador portátil de MP3 fabricado pela Apple. Apesar de emprestarem seu nome do aparelho dessa marca, podcasts podem ser ouvidos em quaisquer tocadores de MP3.

Feed – Endereço que se adiciona no agregador de mídia (ou ao player iTunes, que já tem um agregador) para fazer a assinatura de um podcast. É este endereço que informa onde o agregador deve checar pelas atualizações do programa.

Agregador de feed – Programa utilizado para verificar as atualizações e baixar os podcasts para um computador.

XML – Abreviação de “extensible markup language”. Linguagem de programação de páginas na internet que permite uma maior personalização na forma de organizar e apresentar as informações.

RSS – Abreviação de “rich site summary”. Formato de arquivo XML que permite que um programa acesse informações de diversos sites e reconheça os conteúdos de interesse e os transfira (texto, áudio, vídeo ou outro formato) para um computador sem que o usuário precise acessar o site em que estão esses conteúdos.

2.

O que é Pauta

Em uma ideia geral, enquanto que a produção de um filme pode ser dividida em pré-produção, produção, e pós-produção, um **podcast** também pode ser levado desta maneira. Em ambos, a produção será a gravação e a pós será a edição, e se em uma produção cinematográfica a pré é a criação do roteiro, em um **podcast** é a criação da **pauta**, que não deixa de ser um roteiro para o podcast.

Para isso venho mostrar a importância, dicas e tipos de pautas para quem está começando seu podcast.

Se alguém ainda não entendeu, pauta é o **texto** que os podcasters (pelo menos o host) usarão para guiar a **gravação**.

Em primeiro lugar, deixo claro que tipos diferentes de podcasts terão tipos diferentes de pautas, e cada um deve fazer a pauta da forma que mais lhe for confortável. Havendo várias formas de pautas, divido aqui em cinco tipos:

Sem pauta

Se um podcast é muitas vezes chamado de uma conversa de bar gravada, esse é o sentido mais puro dessa expressão. Ninguém escreve nem prepara nada, apenas define um tema e começa-se a conversa. Não conheço podcasts que façam dessa forma, e acho que se tiver serão poucos, pois dificilmente será algo informativo e muito organizado. Mas se todos os integrantes tiverem uma boa química pode sim ter algo legal aí, pois nada impede que seja um episódio divertido e engraçado. Mas cuidado, pois é praticamente impossível de prever o resultado de uma gravação assim.

3.

- Verifique se existem domínios livres com o nome escolhido.

Equipamento

Há equipamentos sofisticados e caríssimos que podem ser usados para gravar um podcast, mas é claro que estamos tratando de um podcast iniciante, então, vamos aos equipamentos:



- Computador (Ah, vá?).
- Headset com Microfone de qualidade – Indico a compra do Microsoft LX-3000. Dentre os headsets comuns, este é o melhor, sem dúvidas, todos os integrantes do Telhacast usam.
- O LX3000 possui placa de som própria e conexão USB, ou seja, ele não passa pela placa de som do computador, logo, não capta estática na gravação. O LX3000 também reduz muito a captação de ruídos ambientais. Não é propaganda, recomendo porque é bom mesmo.

Existem outros headsets mais baratos com boa qualidade, apenas estou indicando o que todos os integrantes do Telhacast e do Os Comentadores usam.

“Um LX3000 e um ambiente silencioso já são mais que suficientes. Não quero gravar sentado no sofá assistindo TV e com o ventilador ligado no máximo.” – Fernando Minotto

Caso esteja disposto a gastar mais, há a possibilidade de comprar microfones profissionais, mesa de som, anti-puffs, mas esta parafernália sairá mais caro, um investimento que talvez não seja necessário para iniciar um podcast.

Disponível em: <mundopodcast.com.br/podcasteando/pausa-criar-podcast/>.